

Consórcio

AMGL
Planning Places for People

 **CONSULMAR**
Projectistas e Consultores, Lda.

neoturis
consultoria em turismo



ANEXO III
Parte 1

CARACTERIZAÇÃO/DIAGNÓSTICO DO TERRITÓRIO DA RAM PARA O TURISMO

Revisão do POT da Região Autónoma da Madeira
Governo Regional da Madeira - Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura



ANEXO III - CARACTERIZAÇÃO / DIAGNÓSTICO DO TERRITÓRIO DA RAM PARA O TURISMO

Parte 1

INDICE GERAL

INTRODUÇÃO / METODOLOGIA	5
1. HISTÓRIA, PATRIMÓNIO E CULTURA	7
1.1. HISTÓRIA	7
1.2. CULTURA	7
1.2.1. Equipamentos Culturais	7
1.2.2. Atividade Cultural.....	8
1.2.3. Agentes Culturais	10
1.3. RECURSOS (CULTURAIS) MOBILIZÁVEIS PARA O TURISMO	10
1.4. SÍNTESE:.....	11
2. PAISAGEM	13
2.1. INTRODUÇÃO E PAISAGEM GLOBAL	13
2.2. A PAISAGEM SUPORTE DA ESTADIA, DO PERCURSO E DA VISITA.....	17
2.3. PAISAGENS NATURAIS E CULTURAIS.....	18
2.4. O TURISMO E O USO DA PAISAGEM	19
2.5. PORTO SANTO	21
2.6. AS DESERTAS	23
2.7. PASSEIOS A PÉ E O CONTACTO COM A NATUREZA E A PAISAGEM	24
2.8. QUINTAS, PARQUES E JARDINS DA MADEIRA.....	26
3. ESPAÇOS NATURAIS TERRESTRES.....	27
3.1. ATRAÇÕES NATURAIS TERRESTRES	27
3.2. FORMAS DE CONSUMO DAS ATRAÇÕES NATURAIS TERRESTRES	40
3.3. RECURSOS NATURAIS MOBILIZÁVEIS PARA O TURISMO	46
3.4. ESPAÇOS NATURAIS – TENDÊNCIAS DE TRANSFORMAÇÃO	49

4. O MAR COMO RECURSO	52
4.1. ATRAÇÕES NATURAIS DO MAR	52
4.1.1. O mar enquanto recurso	52
4.1.3. Águas balneares	58
4.2. INFRAESTRUTURAS DE ACESSO AO MAR EM APOIO AO TURISMO, RECREIO/LAZER E DESPORTO	59
4.2.1. Infraestruturas principais	59
4.2.2. Infraestruturas secundárias	61
4.2.3. Evolução da cadeia de apoios à navegação costeira.....	69
4.2.4. Estaleiros navais.....	72
4.2.5. Síntese das infraestruturas de acesso ao mar.....	72
4.3. FORMAS DE CONSUMO DAS ATRAÇÕES NATURAIS DO MAR.....	76
4.3.1. Passeios organizados.....	76
4.3.2. Pesca turística (<i>Big Game Fishing</i>)	79
4.3.3. Náutica de recreio	79
4.3.4. Atividades náuticas - desportivas e recreativas	83
4.3.5. Uso banhar – praias e piscinas atlânticas.....	91
4.3.6. O pescado fresco como fator de animação gastronómica.....	92
4.4. ACESSIBILIDADES PORTUÁRIAS À REGIÃO E MOBILIDADE INTER-ILHAS	94
4.4.1. Portos da Madeira.....	94
4.4.2. Porto do Porto Santo.....	102
4.5. SÍNTESE DO DIAGNÓSTICO DAS ATIVIDADES E RECURSOS TURÍSTICOS LIGADOS AO MAR	103
5. AEROPORTOS E ACESSIBILIDADES AEROPORTUÁRIAS À REGIÃO E MOBILIDADE INTER- ILHAS.....	112
5.1. AEROPORTOS	112
5.1.1. Aeroporto Internacional do Funchal.....	112
5.1.2. Aeroporto Internacional do Porto Santo	113
5.2. MOBILIDADE INTER-ILHAS.....	114
5.3. ACESSIBILIDADES AÉREAS À REGIÃO.....	115
5.4. INQUÉRITO AOS TURISTAS NO AEROPORTO.....	127
5.5. ANÁLISE CRÍTICA AOS AEROPORTOS E ACESSIBILIDADE AEROPORTUÁRIA DA RAM	128

REVISÃO DO PROGRAMA DE ORDENAMENTO TURÍSTICO DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA
Governo Regional
Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura

INTRODUÇÃO / METODOLOGIA

CONSÓRCIO

AMGL
Planning Places for People
ANA MARIA GUEDES LEBRE, LDA
arquitetura planeamento inovação

 **CONSULMAR**
PROJECTIVAS E CONSULTÓRIAS, LDA

neoturís
consultoria em Turismo

INTRODUÇÃO / METODOLOGIA

O presente trabalho consubstancia a 1ª fase da Revisão do Plano de Ordenamento Turístico da Região Autónoma da Madeira, publicado pelo Decreto Legislativo Regional 17/2002/M, de 29 de agosto, e refere-se à fase de Caracterização e Diagnóstico.

O Plano de Ordenamento Turístico da Região Autónoma da Madeira é um instrumento de gestão territorial do sector turístico, cujo procedimento de elaboração se conformou com o regime instituído pelo Decreto-Lei 380/99, de 22 de Setembro, adaptado à Região Autónoma da Madeira pelo Decreto Legislativo Regional 8-A/2001/M, de 20 de Abril. Como plano sectorial, veio definir a estratégia de desenvolvimento do turismo na Região e o modelo territorial a adotar, com vista a orientar os investimentos tanto públicos como privados, garantindo o equilíbrio na distribuição territorial dos alojamentos e equipamentos turísticos, bem como um melhor aproveitamento e valorização dos recursos humanos, culturais e naturais.

Este Relatório de Caracterização e Diagnóstico encontra-se subdividido em duas Partes, correspondendo a primeira ao território da RAM para o turismo e a segunda à atividade turística.

Em termos metodológicos, o trabalho desta primeira fase foi desenvolvido pela Equipa Técnica através da consulta bibliográfica das diversas matérias, de um reconhecimento de campo exaustivo, de um conjunto de inquéritos enviados aos diversos operadores relacionados com a atividade turística, e de um conjunto de entrevistas / reuniões de trabalho com as entidades regionais e locais, empresas ligadas ao sector e outras personalidades.

Agradecimentos

Foi com uma significativa participação destas diversas entidades, empresas e personalidades que foi possível, num curto espaço de tempo apreender a nova realidade do turismo da Madeira e as suas transformações dos últimos anos, que procuramos expressar neste trabalho, pelo que aqui fica expresso os nossos sinceros agradecimentos.

PARTE I

CARACTERIZAÇÃO / DIAGNÓSTICO DO TERRITÓRIO DA RAM PARA O TURISMO

1. HISTÓRIA, PATRIMÓNIO E CULTURA

1.1. HISTÓRIA

Pode dizer-se que a história da Madeira, quanto ao essencial, é hoje bem conhecida, nas suas diversas épocas e temas, graças a um trabalho persistente e continuado de investigação, publicação e organização de encontros científicos. A maioria das publicações é em língua portuguesa, mas há também muitas em outras línguas, nomeadamente em inglês, que têm servido de fonte para pequenas sínteses incorporadas em publicações generalistas, incluindo guias, roteiros e outras espécies de “literatura turística”.

1.2. CULTURA

1.2.1. Equipamentos Culturais

Património construído:

A riqueza patrimonial da RAM é bem atestada pelos 449 registos que constam do Inventário do Património Arquitetónico português (SIPA), onde se incluem igrejas, capelas, casas, coretos, fortes, palácios, edifícios de arquitetura industrial, engenhos, faróis, fontanários, jardins, mercados, quintas, solares, conjuntos urbanos, etc. Entre eles, contam-se 171 bens imóveis **classificados**, sendo 7 na categoria de monumentos nacionais, 55 de Interesse Público, 106 de Interesse Municipal e 3 de Valor Regional, cobrindo uma tipologia diversificada, onde se destacam os exemplares de arquitetura religiosa, militar e civil. (Fontes: Lista dos Imóveis Classificados em DRC (<http://cultura.madeira-edu.pt>), Dez 2016).

Museus

Segundo o site da DRC (<http://cultura.madeira-edu.pt>, Dez 2016), número total de Museus e “Palácios / Fundações / Coleções Visitáveis/ Exposições Permanentes” atinge 27 espaços diferentes. É um número apreciável, tendo em conta a dimensão do território, sendo igualmente de relevar a sua dinâmica de crescimento. De facto, em cerca de metade dos casos, estes espaços museológicos foram criados ou profundamente reestruturados na última década.

Quanto ao número de visitantes, as estatísticas oficiais apontam para um total de 260 mil visitantes no último ano disponível (2014).

Quanto à localização, a maioria dos museus (dois terços) está situada no Funchal, mas é de notar que alguns dos mais recentes ou dos mais visitados se encontram noutras concelhas, como é o caso de Câmara de Lobos (Imprensa), Ribeira Brava (Etnográfico), Calheta (Mudas.MAC), Caniçal (Baleia), Santana (parque Temático) ou Porto Santo (Casa Colombo), entre outros.

O parque museológico da RAM compensa a ausência de um museu de valor excepcional ou de grande projeção internacional com a multiplicação de pequenos museus, o que se pode

considerar adequado ao tipo de procura. A variedade e diversidade (mas também alguns desequilíbrios) são assim as características dominantes deste segmento da oferta cultural regional, como é patente sob vários pontos de vista. Assim, enquanto alguns são de propriedade e iniciativa privada, outros encontram-se sob a tutela do governo regional, dos municípios, da diocese e do exército. Quanto à natureza das coleções, alguns têm um âmbito generalista ou indiferenciado, enquanto outros têm uma vocação temática mais evidente, como é o caso do vinho, do brinquedo, da imprensa, da eletricidade, da fotografia, da arte sacra, das artes decorativas ou da história. A qualidade museológica destes espaços é também desigual. Um bom número deles mostra alinhamento com os padrões internacionais correntes em matéria de discurso e técnicas de exposição, mas há vários que carecem de remodelação e modernização. Este aspeto deverá merecer especial atenção.

Sete dos museus da RAM integram já a Rede Portuguesa de Museus (total 146): Quinta das Cruzes, Frederico de Freitas, Arte Sacra, Photographia Vicentes, Arte Contemporânea, Etnográfico, Colombo. Este facto tem contribuído para uma melhoria do panorama museológico regional, já que requer um processo de habilitação e certificação dos museus interessados. Tem também facilitado uma maior coordenação entre as diversas unidades, embora não de forma decisiva, visto que as unidades que integram a RPM são já tuteladas pela mesma entidade (DRC). Esta é também responsável pela produção de informação centralizada sobre todos os museus através do seu *site* oficial, o que, só por si, constitui um instrumento de alguma coordenação. O sector ganharia, porém, em aumentar os níveis de integração e coordenação entre as múltiplas unidades museológicas, independentemente das entidades tutelares.

Outros

A RAM conta ainda com outros tipos de equipamentos culturais, destinados quer à população residente quer à população visitante, entre os quais se podem citar mais de 20 bibliotecas e arquivos, várias galerias de arte (35 segundo o Anuário Estatístico de 2014), alguns auditórios e centros culturais (e.g. Fórum Machico, Mudac.MAC na Calheta, Casas da Cultura de Santana e da Quinta do Revoredo), o Teatro Baltazar Dias no Funchal, muitos jardins (que se podem considerar equipamentos de natureza cultural em vários sentidos), assim como várias peças de escultura e mobiliário urbano. Um fenómeno recente, que merece destaque, é a emergência de uma arte urbana “espontânea”, de que o melhor exemplo se encontra nas portas e paredes pintadas do bairro de Santa Maria no Funchal.

1.2.2. Atividade Cultural

A atividade cultural na RAM, no seu conjunto, pode considerar-se bastante intensa, orientada para vários tipos de públicos, e cobrindo uma diversidade de expressões. A título de exemplo, o Anuário Estatístico da Madeira de 2014 regista para esse ano a realização de 286 exposições ou de 801 espetáculos ao vivo, com um total próximo de 175 mil espectadores. Estes são números que, porventura, não refletem a totalidade das iniciativas realizadas, por força dos

critérios estatísticos utilizados. A agenda cultural (uma publicação mensal de boa qualidade e valor informativo, editada pela DRC), é talvez um melhor testemunho das atividades culturais.

A oferta cultural regional, que se concentra maioritariamente no Funchal mas apresenta também um grau apreciável de descentralização, compõe-se principalmente de pequenos eventos, em larga quantidade e variedade. Todavia, tem também sido seguida uma opção estratégica pela realização de eventos de maiores dimensões, com grande esforço de promoção e marketing, e claramente orientados para a atividade turística. Referimo-nos nomeadamente aos “Festivais”, uns de iniciativa pública, outros da responsabilidade de operadores privados, quase todos nascidos nos últimos 10-12 anos.

Merece destaque o projeto “Festivais Culturais da Madeira”, programa estruturado, criado em 2010 pela DRC, participado por fundos comunitários, cujos objetivos assumidos são os de ampliar, qualificar e diversificar a oferta cultural, atrair novos públicos, e promover a identidade patrimonial e artística da Madeira no mercado mais vasto do turismo cultural (ver [site](#)). Contempla 4 eventos anuais: o Encontro Regional de Bandas Filarmónicas da RAM (maio), dedicado à música filarmónica, com ampla tradição na Região; o Festival de Música da Madeira (junho, música erudita); o Festival Raízes do Atlântico (julho, world music); o Festival de Órgão da Madeira (outubro), sob o lema “Promover a Madeira pela cultura”.

À margem daquele projeto, outros festivais de música incluem o Funchal Jazz (julho, desde 2002), sendo já uma referência no roteiro internacional dos festivais de jazz; o Madeira Dig (Festival Internacional de Artes Digitais), na área da música alternativa, contemporânea e digital (dezembro); e alguns festivais de verão de música pop/rock, destinados a um público jovem, como o Funchal Music Fest Live e os dois Madeira Island Summer.

Na área do cinema, cabe referir o Madeira Film Festival (abril), que é um festival de cinema independente; o Mudas Fest (maio), nome para o Festival de Cinema Internacional de Curtas-metragens sem diálogo; o Festival Internacional de Cinema do Funchal (novembro); e o Madeira Micro International Film Festival (dezembro), com uma aposta no cinema fantástico, indie e europeu, realizado desde 2012, aproveitando o cinema Paraíso, uma sala centenária (Ponta do Sol).

Noutros campos culturais, deve ainda referir-se o Festival Literário da Madeira (FLM) (março), que inclui conversas, conferências, espetáculos e outras manifestações artísticas; ou o Festival de Arte Sequencial da Madeira, na área das artes criativas.

Outras iniciativas que compõem a oferta cultural da Madeira incluem alguns eventos mais explicitamente baseados na História, de que são exemplo o Mercado Quinhentista (Machico, junho) ou o Festival de Colombo (P. Santo, setembro). Este último, por seu turno, faz parte do calendário anual de grandes eventos diretamente associados à promoção turística do destino Madeira, tutelados pela DRT, subordinados aos temas do Carnaval, Flor, Atlântico, Vinho, Natureza e Fim de Ano. Embora com temáticas e objetivos mais gerais, todos eles têm alguma componente de produtos e atividades culturais.

O conjunto de eventos pontuais acima descritos vem assim acrescentar a oferta cultural “corrente” com novos produtos mas também com objetivos diferentes no que respeita à

articulação entre cultura e turismo. Enquanto aquela cumpre sobretudo uma função de valorização complementar do destino para visitantes que são atraídos á Madeira por outras razões, estes eventos procuram ser, eles próprios, fatores de atracão turística, dirigidos a públicos e a nichos de mercado específicos.

1.2.3. Agentes Culturais

A produção de cultura na Madeira, em todas as suas dimensões, conta com um largo espectro de agentes, atores e promotores culturais, tanto públicos como privados.

A dimensão do sector cultural pertencente à chamada sociedade civil é imensa e muito diversificada, contando com mais de duas centenas de entidades (número difícil de apurar e que peca provavelmente por defeito). Aí se incluem casas do povo, ranchos folclóricos, bandas filarmónicas, orquestras, associações culturais, e dezenas de artesãos, artistas, escritores, músicos e produtores culturais. A lista e os contactos destas múltiplas entidades – que são responsáveis pela execução e produção da atividade cultural corrente ou extraordinária – encontra-se disponível no site Madeira Cultura. A elas se poderiam ainda juntar algumas empresas fora do âmbito cultural, diretamente ligadas ao sector turístico ou não, que também produzem iniciativas de natureza cultural.

O diagnóstico revela, porém, que são as entidades públicas, quer ao nível do governo regional quer ao nível municipal, que desempenham o papel principal na organização da oferta cultural da RAM. Essa centralidade é exercida por diversas vias: planeamento estratégico, conceção de novos produtos e projetos, marketing e organização da informação, exercício direto (através dos vários organismos tutelados pelo sector público, por exemplo museus) e sobretudo pela via do financiamento direto e indireto.

Numa análise objetiva, e à margem de quaisquer preconceitos contra ou a favor do papel do Estado na área cultural, deve reconhecer-se que essa dependência do financiamento público para a realização de atividades ou para a manutenção de equipamentos de interesse cultural parece ser excessiva. Nomeadamente porque, em tempos de contração da despesa pública ao nível regional e municipal, isso tem um impacto negativo, direto e indireto, na oferta cultural.

Em contrapartida, a enorme intervenção dos poderes públicos na área cultural, tem revelado também alguns aspetos positivos, nomeadamente no ponto que aqui nos interessa, que é o da articulação do turismo com a cultura, matéria que regista bom acolhimento no plano político. Diversamente, ao nível dos operadores privados do sector turístico, essa articulação é ainda insuficiente. Aliás, curiosamente, o sector privado mais diretamente ligado ao turismo (hotéis, agências, etc.) é talvez o menos dinâmico na promoção de iniciativas culturais, mesmo quando comparado com outros sectores privados (por exemplo, o dos vinhos).

1.3. RECURSOS (CULTURAIS) MOBILIZÁVEIS PARA O TURISMO

A História é um dos principais recursos do Turismo da Madeira. Porque é um produto sempre apetecido pelos visitantes, porque já “lá está”, porque é já amplamente conhecida graças ao

trabalho de investigação persistente de muitos historiadores. Acresce que já há uma tradição consolidada de utilização da História como recurso. Há é margem para fazer mais e melhor na utilização da História ao serviço do Turismo da Madeira.

Essa utilização deve ser feita em dois planos: no da promoção, e no da oferta concreta de **produtos com História**.

Ideias-força:

- Antiguidade (600 anos!)
- Programa comemorativo dos 600 anos do descobrimento da Madeira.
- Associar a História à paisagem – meter a história na paisagem e a paisagem na história. A paisagem (um dos principais polos de atracção turística da Madeira) é em grande parte um produto da História (levadas, veredas, poios, distribuição do povoamento).
- Associar a História a um dos principais produtos regionais: o vinho Madeira.
- Associar a História ao açúcar (um produto de utilização universal).
- Associar a História a algumas personalidades facilmente reconhecíveis por públicos internacionais (Colombo, Sissi, Churchill, etc.)
- Desenvolver a componente de história militar (um produto turístico geralmente bastante popular) – pode-se criar um roteiro “Madeira Militar”, incluindo os vários fortes e o Museu Militar da Madeira.

1.4. SÍNTESE:

- A articulação entre turismo e cultura é clássica (vem desde o Grand Tour do Renascimento).
- A importância da cultura para o turismo, como enunciado genérico, é reconhecida pelos vários agentes envolvidos no sector turístico.
- A Madeira não é prioritariamente reconhecida nem procurada como um destino de “turismo cultural”. (mas é um complemento).
- A oferta cultural da Madeira é rica, diversificada e dinâmica. Não apresenta, no entanto, características de clara diferenciação em nenhum desses parâmetros.
- A Madeira, do ponto de vista do turismo, não é um *destino cultural*, mas é um **destino com cultura**. Este aspeto é muito importante, pois constitui um elemento que enriquece e qualifica este destino turístico, sendo especialmente valorizado pelos públicos mais exigentes e com maior nível de educação. [consequentemente, esse aspeto deve ser destacado em todas as ações de promoção do turismo da Madeira – isto não é para o diagnóstico, mas para o POT].
- A identidade cultural da Madeira é-lhe dada principalmente pela História.

REVISÃO DO PROGRAMA DE ORDENAMENTO TURÍSTICO DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Governo Regional

Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura

- A Região dispõe de uma oferta cultural impressionante a vários títulos (nº equipamentos, nº agentes, nº de eventos, qualidade, algumas tendências de modernidade)¹.
- A riqueza da oferta cultural da Madeira é em parte explicável pela orientação turística da Região, mas também assenta, até certo ponto, numa vida própria.
- Ambos os aspetos são positivos. O primeiro oferece mais públicos (um milhão de turistas é quatro vezes a população residente²), públicos mais disponíveis para o consumo cultural, e mais exigentes, o que promove uma orientação da oferta para tendências mais cosmopolitas e contemporâneas. O segundo ajuda a preservar uma identidade cultural própria.
- Do ponto de vista de quem está ou vai de fora (o turista), a oferta cultural da Madeira é percebida de acordo com dois tipos: “típica” e cosmopolita. A primeira inclui tudo aquilo que reflete a singularidade e a identidade própria da Madeira (história, folclore, festas, etc.); a segunda inclui tudo aquilo que revela uma vida cultural alinhada com padrões internacionais de consumo cultural, seja na substância seja na linguagem (ex. jazz, arte urbana, galerias, música erudita).
- O diagnóstico revela que o segundo tipo de oferta cultural tem vindo a crescer mais, proporcionalmente. A estratégia sobre qual dos dois tipos deve ser mais apoiado, deveria ser objeto de discussão.
- No diagnóstico, valorizar o enquadramento institucional favorável, nomeadamente a junção das áreas da Cultura e do Turismo na mesma Secretaria Regional. Isso facilita uma visão global e integrada das duas coisas ao nível político.
- O dinamismo do “sector cultural” decorre da existência de múltiplas entidades promotoras, quer públicas (regionais, municipais) quer privadas (Igreja, associações locais, sociedades de desenvolvimento, empresas do sector não-turístico, algumas empresas do sector turístico).
- Nota-se, no entanto, que o sector privado mais diretamente ligado ao turismo (hotéis, agências, etc.) é talvez o menos dinâmico na promoção de iniciativas culturais. Ou seja, se no plano político há um esforço de articulação do turismo com a cultura, no plano dos operadores privados do sector turístico, essa articulação é ainda insuficiente.
- Por outro lado, aquela proliferação de entidades promotoras de atividades culturais também encerra alguns riscos, nomeadamente: a) atomização de eventos, equipamentos e produtores; b) descoordenação de iniciativas e da oferta.
- Este é outro tópico que deve ser objeto de discussão: Pulverização vs. Coordenação (ou integração) da oferta cultural – vantagens e desvantagens.
- A dependência do financiamento público para a realização de atividades ou para a manutenção de equipamentos de interesse cultural parece ser excessiva. Em tempos de

¹ 27 Museus, 171 monumentos e espaços culturais, 800 espetáculos ao vivo

contração da despesa pública ao nível regional e municipal, isso tem um impacto negativo, direto e indireto, na oferta cultural.

- O “sector cultural” é dinâmico e desempenha um importante papel como oferta complementar à oferta dos produtos turísticos predominantes (ex. natureza). Isto é, como pode servir para ocupar “o tempo que sobra das outras atividades”, sem estabelecer uma articulação direta com elas. Há assim espaço para intensificar as relações mais diretas de complementaridade entre a oferta cultural e não-cultural.

QUADRO 1.4.1. – INDICADORES DE CULTURA NA RAM, 2011, 2012.

CULTURA		Madeira em Números	
INDICADORES DA CULTURA			
	2011	2012	
Publicações Periódicas (N.º)	48	35	
Edições anuais	1 207	925	
Exemplares vendidos	8 763 428	9 384 839	
Circulação total	16 220 409	9 960 211	
Museus (N.º)	18	15 ↓	
Visitantes	759 163	151 158 ↓	
Objetos	248 965	925 617 ↓	
Galerias de Arte (N.º)	25	21	
Exposições realizadas	198	136	
Objetos expostos	5 653	7 029	
Espetáculos ao Vivo (N.º sessões)	742	892	
Espetadoras/es	160 334	223 385	
Cinema (N.º ecrãs)	13	13	
Sessões (N.º)	19 670	17 984	
Espetadoras/es (N.º)	335 383	274 660	
Receitas (milhares €)	1 697	1 392	

Fonte: INE/DRE, Anuário Estatístico da RAM

2. PAISAGEM

2.1. INTRODUÇÃO E PAISAGEM GLOBAL

“A PAISAGEM É A HISTÓRIA DA MADEIRA”

A Paisagem do conjunto das ilhas do Arquipélago da Madeira representou a primeira imagem, a primeira emoção que os descobridores tiveram deste território.

A chegada, a aproximação e a descoberta terão sido emoções fortes nos tempos imemoriais de todos os cidadãos que se acostaram à Madeira. Terão sido sempre diferentes, tal como as épocas em que aconteceram, mas terão sido sempre intensas e curiosas sobre o seu interior, aquilo que a Ilha oferece, para além da sua margem. Hoje em dia a relação do visitante

mantém-se e é um fator decisivo na imagem ou na ideia que a Paisagem permite construir a quem visita à Madeira.

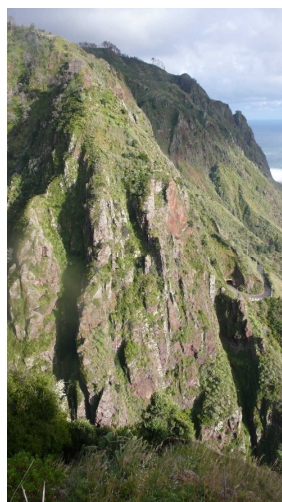
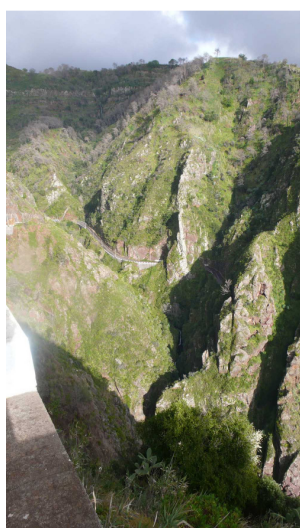
Este conceito de Ilha ou Ilhas da Madeira, como uma Paisagem Global parece-nos um conceito central que deve informar a leitura deste território.

O Arquipélago de origem vulcânica e integrado na região Biogeográfica da Macaronésia é constituído pelas Ilhas da Madeira e Porto Santo, pelo arquipélago das Selvagens e Ilhas Desertas.

O turismo, atividade económica nuclear na região, utiliza a Paisagem como suporte e recurso essencial para a sua atividade.

A atividade humana e a sua história na ocupação e construção da Paisagem da Madeira, constituem hoje em dia um recurso claramente visível e que reflete o resultado da interação e do esforço do homem sobre um território, ao mesmo tempo dócil e agreste. É este contraste permanente no território da Madeira que decide e marca definitivamente a região madeirense.

A Madeira é dócil e suave. Agreste e abrupta.



Sobre um suporte geomorfológico com características e origens vulcânicas inscreve-se uma configuração superficial que decorre no essencial da conjugação da evolução de fatores geológicos e de fatores humanos.

O madeirense é um permanente construtor da paisagem. Continua sempre a reconstruir e conquistar novos territórios, seja para a agricultura e floresta, seja para os assentamentos habitacionais.



A paisagem atual da Madeira é o resultado da conjugação destes dois fatores no essencial, o suporte geomorfológico sempre instável, e a histórica e persistente intervenção humana.

Intervenção humana e ação da natureza constantes e contraditórias, estabilizadoras (“poios”) e destruidoras os “aluviões” e derrocadas

A avaliação que agora se elabora sobre as questões da paisagem tem um conteúdo muito mais sensorial, do que geográfico ou ecológico, porque nos parece que é essa a leitura central do visitante da Madeira. Por outro lado as descrições geomorfológicas, ecológicas ou geográficas, estão suficientemente desenvolvidas em trabalhos anteriores de outros autores.

Da história da Madeira e das diferentes campanhas ou intervenções humanas, resultam paisagens essencialmente produtivas (agrícolas e florestais), mas sempre humanizadas, através das diferentes formas de povoamento e ocupação edificada, e paisagens naturais. Estas últimas mantêm-se sem intervenção significativa por impossibilidade de acesso ou interesse, na ocupação humana, e na instalação de atividades produtivas ou extrativas.



Com o objetivo de identificar as principais unidades de paisagem em função da sua natureza dominante, é possível identificar na Madeira claramente como paisagens mais importantes:

- O mar;
- A costa abrupta;
- As encostas suaves;
- As encostas abruptas;
- As áreas povoadas;
- As áreas agrícolas;
- As áreas florestais;
- As áreas naturais ou silvícolas;
- As áreas inacessíveis; e
- Outras

As paisagens e os espaços que as suportam ocorrem sempre em sequências e combinações que evidenciam e marcam a natureza do percurso. A “viagem” passa assim a ser determinada também pela sequência e pelo conjunto de emoções que recebemos, para além da natureza de cada, paisagem atravessada.



Para o turista ou visitante, esta sequência, pode ser o elemento marcante da riqueza da experiência. Por outro lado a ocorrência de paisagens degradadas ou com elementos dissonantes, pode aqui também representar o lado negativo da experiência do percurso ou da estadia. E esta questão não é irrelevante para o planeamento da atividade turística na Madeira no futuro de uma forma global.

2.2. A PAISAGEM SUPORTE DA ESTADIA, DO PERCURSO E DA VISITA

A paisagem constitui um elemento permanente e constante no relacionamento do visitante com o território. É uma das principais decisões da visita e também da escolha do sítio, e a Madeira tem neste aspeto muito a oferecer, pela natureza do sítio que é, e pela diversidade de produtos, “imagens” e experiências que pode oferecer.

Em primeiro lugar a orografia do território (já suficientemente descrita noutros estudos) muda instantaneamente e abruptamente, o que confere ao visitante, nos miradouros e percursos, uma sensação permanente de descoberta, e de território visto e não visto. O relevo pelo carácter acidental, encostas, vales abruptos e planaltos suaves, coloca o visitante sempre numa situação de desfrute de vistas, de passagem sobre espaços abertos e fechados, longos, estreitos ou abertos, o que nos remete para as atividades contemplativas ou participativas de que a atividade turística precisa.

O território da Madeira coloca sobre o suporte geomorfológico e do relevo um conjunto de revestimentos vegetais mais ou menos intensos, que reforçam normalmente as características do relevo original.

As áreas florestais ou com agricultura intensiva representam novas paisagens e configuram mais uma vez territórios contrastantes a que chamamos de “Paraíso Arriscado”, pelas mudanças abruptas que a paisagem experimenta e transmite. Há permanentemente, na leitura do turista madeirense a simultaneidade de sensação de estar num Paraíso, mas ao mesmo tempo a sensação de aventura está sempre próxima e aumenta o prazer e a emoção da visita.

“Na Madeira a água corre docemente pelas levadas e desce abruptamente pelas ribeiras”



A água é também um elemento determinante na leitura da Paisagem da Madeira – Paisagem Líquida - seja pela, nascentes, presença constante de Mar e de um azul único e sem limite, seja pelas ribeiras, levadas e cascatas que percorrem o território da ilha. A água nunca é monótona, tal como as paisagens do território e constitui sempre um elemento apaziguador.

A presença constante de água doce e salgada (na envolvente e no interior) transmitem uma continuidade que é materializada por este elemento. A água liga o espaço dócil ao abrupto.



2.3. PAISAGENS NATURAIS E CULTURAIS

O território da Madeira é uma Paisagem ao mesmo tempo natural, o suporte geomorfológico e ecológico está sempre presente, e cultural, uma vez que a intervenção humana é também evidente.

O povoamento sempre constante a partir da descoberta, instala-se primeiro junto à costa na foz das Ribeiras e depois vai subindo para o interior, à medida que a conquista agrícola se vai consolidando e a paisagem construindo.

As paisagens não são unidades estáticas. Faz parte da sua natureza o carácter evolutivo e em dinâmica constante.

A Paisagem da Madeira tem evoluído de forma intensa e são visíveis áreas de transformação, seja pelo aparecimento de novas atividades em territórios com outros usos, seja também por novos usos em algumas áreas de abandono de atividades em declínio.

Neste último caso estão paisagens agrícolas e florestais onde a diminuição de práticas agrícolas se vai tornando uma realidade. Algumas áreas florestais passam por dificuldades, como é o caso das áreas ardidas ou as áreas de pinhal seco por ataque de nemátodo (lagarta de pinheiro bravo). Estas parcelas de território madeirense são as que representam mais indícios negativos na funcionalidade e imagem destes territórios e justificam intervenções permanentes e continuadas

As maiores dinâmicas territoriais de paisagens agrícolas decorrem de alterações nas culturas agrícolas tradicionais, da vinha, da cana-de-açúcar e das culturas hortícolas, ainda que estas alterações sejam cíclicas e tradicionais no território da Madeira. Atualmente regista-se o aumento da área de vinha na encosta Norte e da cultura da cana-de-açúcar, maioritariamente na Costa Sul.



A paisagem com maior identidade cultural, decorrente da atividade humana encontra-se nas aglomerações urbanas, com realce para a encosta do Funchal e área envolvente, e os núcleos urbanos ou rurais da restante parte da Ilha. As aglomerações edificadas serão determinantes na leitura do povoamento e da paisagem humanizada do território Madeirense.

2.4. O TURISMO E O USO DA PAISAGEM

O arquipélago da Madeira possui já um conjunto significativo de áreas e regimes de proteção de áreas com interesse para a Conservação da Natureza que conferem à Madeira um potencial de grande e variada dimensão, sob esta nova perspectiva de exercício das atividades turísticas. Com um ambiente qualificado a Madeira oferece hoje um património importante a quem a visita. Todo este património, faz parte e contribui para a paisagem global da Ilha e para a

diferenciação local e regional que a ilha possui. Temos assim um conjunto de áreas com características diferentes, mas todas elas ligadas entre si e construindo a imagem global da ilha.



Os percursos, as viagens, as trilhas, são o elemento de ligação que o turismo deve articular e integrar numa experiência e usufruto da natureza em diversos estádios de desenvolvimento e evolução. Desde as áreas completamente humanizadas e intervencionadas pelo Homem, os poios, achadas, ou as áreas de pastagem, os pomares, as fajãs, etc., até às plataformas e encostas da Laurissilva ou às pendentes abruptas sobre o Mar ou sobre as ribeiras, todos estes elementos permitem organizar uma visita, um percurso ou uma estadia, sempre interessante e diversificada no tempo e no espaço.

Cabe ao madeirense construir através de um trabalho árduo e contínuo uma paisagem humanizada, o visitante tem a possibilidade de usufruir desta beleza e de admirar os seus contrastes até às paisagens mais naturalizadas, mas deve entender o território e a cultura onde se recria e regressar com mais conhecimento e sabedoria.

Esta qualidade e disponibilidade da paisagem ou das paisagens coloca questões chave de diversa índole:

1. Há uma paisagem global construída no imaginário dos visitantes? Ou há várias paisagens locais/do sítio/da Região que constroem uma sequência de uso e usufruto deste recurso?
2. Esta avaliação é quantitativa e qualitativa e que locais ou paisagem são mais atrativos agora e no futuro?
3. Há paisagens ou elementos de sua leitura, com carácter negativo ou degradadas a necessitarem de intervenção humana urgente?

4. Há sobreuso de paisagens ou sítios particulares que justificam ou criam imagens desqualificadas sobre o visitante. Ex. Excesso de concentração de visitantes no miradouro ou no percurso da levada?

A resposta a estas questões, colocam a paisagem e o território no centro da valorização da experiência turística dos utentes, em particular numa altura em que as atividades associadas ao usufruto do território assumem maior relevância e interesse a longo prazo, pela sua sustentabilidade (ex. levadas, trilhos, *canyoning*, etc.).

Há também que considerar a informação e o conhecimento sobre a paisagem e os elementos ou a estrutura que a definem e identificam. A Madeira justifica um estudo global sobre a paisagem (Convenção Europeia da Paisagem – Conselho da Europa 2001. A Comissão Europeia recomenda a realização de estudo sobre as paisagens únicas, e com carácter. *European Landscape Character Area – Paisagens Sustentáveis*) e sobre a sua relação estreita com a DRT.

A paisagem deve assim ser sujeita a algumas regras de uso ou alteração de uso e integração de dinâmicas de evolução que garantam a sua permanência e qualificação a prazo.

Uma estratégia global para o arquipélago com incidência na Paisagem poderá representar um importante contributo regulador, de um conjunto de intervenções necessárias e com benefícios evidentes para a evolução da atividade turística no arquipélago.

A Paisagem deixa de ser somente objeto de contemplação pictórica e passa a ser cenário de uso, emoção, prazer e experiência do visitante, e ao mesmo tempo suporte de importante atividade económica.

2.5.PORTO SANTO

“Erosão. História da paisagem de desflorestação.”

A ilha Porto Santo com cerca de 42 Km², de origem vulcânica constitui uma paisagem insular autónoma ainda que construída por vários ilhéus próximos. Apresenta uma paisagem aplanada, seca, ondulada e suave com alguns picos salientes e uma área urbano-turística ocupando a margem sul e é ainda bastante diferente e contrastando com a paisagem da ilha da Madeira e constitui um espaço único envolvido por um mar de cor especial.



A Ilha possui locais com interesse geológico e naturais com importantes processos erosivos que constituíram ao longo do tempo a paisagem atual.

Justifica-se uma intervenção paisagística não só na necessária arborização da Ilha e no combate à erosão, como no ordenamento da área urbano-turística e nas áreas ocupadas com edifícios ou equipamentos junto ao Litoral. As praias e as áreas marginais representam um importante recurso específico de Porto Santo a explorar, nomeadamente melhorando os acessos a água e a sítios com interesse paisagístico particular.

A imagem desta Ilha poderia ser bastante melhorada através de uma intervenção global de reordenamento paisagístico em particular na faixa ao longo da via turística de Porto Santo até à Ponta da Calheta e no restante território da Ilha.

Para este efeito encontra-se em desenvolvimento o Plano “Porto Santo –smart fossil free Island” que pretende aplicar as melhores práticas ecológicas a toda a Ilha, eliminando gradualmente o uso de combustíveis fósseis e realizando as necessárias intervenções no território que permitam uma sustentabilidade efetiva da Ilha.



2.6. AS DESERTAS

Atualmente uma paisagem inacessível e um “território do vazio” possuindo um estatuto de Conservação como Área de Reserva Natural, é propriedade do Estado.

A sua visita é possível, ainda que em condições muito restritivas. Julgamos que tem um potencial relevante para visitas acompanhadas e com fins recreativos e científicos.

Poderá constituir uma experiência única de visita a uma ilha sem intervenção humana e com capacidade formativa sobre as suas características geomorfológicas e ecológicas e paisagísticas através de uma ação controlada e sempre acompanhada pelos serviços da tutela da área da Conservação da Natureza.

É nestas Ilhas que o conceito e o imaginário associado às “descobertas” poderá ser reativado e disponibilizado aos visitantes.

É uma paisagem ainda por descobrir...



2.7. PASSEIOS A PÉ E O CONTACTO COM A NATUREZA E A PAISAGEM

O território e a paisagem madeirense, pela sua qualidade e diversidade, oferecem um conjunto de recursos fundamentais para a atividade turística atual e com enorme futuro.

As atividades turísticas na natureza e no espaço não construído, servem hoje de suporte a atividades económicas relevantes com indicadores de crescimento assinalável.

As motivações são cada vez mais diversas, estando o mercado a adaptar-se a novas procuras e a novos produtos. O que é relevante é o carácter inovador das iniciativas, seja o *birdwatching* ou o *canyoning* e uma população jovem e dinâmica a criar empresas e emprego.



As levadas ou veredas já constituem um produto clássico na Madeira mas sempre a ser renovado e a aparecerem novos sítios e locais a percorrer a pé ou de outras formas com mobilidade sustentável (*ciclying* e *trail*).

REVISÃO DO PROGRAMA DE ORDENAMENTO TURÍSTICO DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Governo Regional

Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura

Há uma especialização e profissionalismo na oferta e nos produtos inovadores e a atividade turística tradicional hoteleira está cada vez mais próxima da articulação e complementaridade com estes novos produtos.

Há assim que apoiar e orientar estas dinâmicas (com reguladores flexíveis e úteis para todos os intervenientes, não necessariamente sujeitas a leis e regras castradoras ou limitativas das atividades) em sectores com viabilidade e interesse para o conjunto da atividade turística madeirense.

Este fenómeno tem sido acompanhado por informação cada vez mais qualificada e com dimensão informativa e turística relevante, apresentada de forma didática por autores credenciados.

Esta informação é decisiva para apoiar as escolhas dos visitantes e também o apoio das entidades da tutela no licenciamento, certificação dos produtos e nas exigências de segurança e qualidade das atividades.



Um bom sistema estatístico e registo destas atividades e das suas dinâmicas de consumo é essencial para o seu acompanhamento, garantia de não sobreuso e do seu bom contributo para a qualificação global do turismo da Madeira.

A lista de percursos pedestres recomendados da RAM foi alterada a 30 de Abril de 2012 (Despacho conjunto II Série Número 74) passando a contar atualmente com 30 Percursos Pedestres Recomendados (28 na ilha da Madeira e 2 na ilha do Porto Santo) num total de 197,2 km.

No *site* da Direção Regional de Florestas e Conservação da Natureza é disponibilizada toda a informação útil sobre todos os percursos pedestres e o seu estado de transitabilidade.

2.8. QUINTAS, PARQUES E JARDINS DA MADEIRA

A intervenção humana no território da Madeira criou espaços de grande qualidade e atratividade. Para além das áreas produtivas foram criados espaços dedicados às atividades de recreio e lazer tanto públicos como privados, que no seu conjunto representam um importante património paisagístico da Ilha da Madeira e em particular da área do Concelho de Funchal.

Atualmente a Região Autónoma da Madeira possui 7 locais de usufruto público designados por parques florestais são locais dotados de diversas infraestruturas de recreio e lazer, muito procurados, quer pelos residentes quer pelos turistas. Para além destes locais, existem 22 áreas de lazer distribuídas pelas ilhas da Madeira e Porto Santo que permitem aos visitantes a prática de atividades em contacto direto com a Natureza.

As Quintas, Parques e Jardins das Madeira são espaços associados a residências privadas, que em grande parte estão hoje acessíveis ao público, ainda que de forma condicionada.

Os espaços públicos, Jardins e Parques do Funchal (em especial o Jardim Botânico e o Jardim Municipal e Parque de Santa Catarina são um importante equipamento da cidade)

As Quintas Privadas, associando um Jardim a uma habitação permanente ou de recreio e uma área agrícola ou florestal de mata, sempre com uma grande qualidade arquitetónica e paisagística, justificam uma visita cuidada, pela sua beleza e localização, normalmente com vistas sobre o mar ou a Baía de Funchal (“a ver a chegada dos barcos.”).

Estes equipamentos podem representar e preencher um ou mais dias dos visitantes, tantas vezes com exemplares de espécies exóticas, arbóreas, herbáceas ou arbustivas de elevado interesse botânico e decorativo; algumas quintas são especialmente bem ordenadas.

Há ainda a referência a alguns jardins ou espaços exteriores de unidades hoteleiras com elevado interesse paisagístico.

Os parques e os principais hotéis associados a residências, estão também na origem do turismo insular e representam um património único e singular para a atividade turística.

3. ESPAÇOS NATURAIS TERRESTRES

3.1. ATRAÇÕES NATURAIS TERRESTRES

A Região Autónoma da Madeira, e a Ilha da Madeira em particular, é reconhecida não só pela sua magnífica e deslumbrante Natureza, mas também pelas paisagens que a rodeiam. São muitas as atrações naturais terrestres que a ilha tem para oferecer que a qualificam no nível mais elevado de oferta turística de natureza na Europa.

A oferta turística de natureza inclui vários elementos de carácter único e excecional que diferenciam e qualificam este destino turístico, incluindo a rica e exuberante fauna e flora endémicas da Ilha da Madeira, assim como a conhecida e apreciada Floresta Laurissilva.

A principal atividade turística nos espaços naturais terrestres da Madeira são os percursos pedestres e pelas levadas que permitem ao turista ter um contacto direto com a Natureza, e ao mesmo tempo, observar algumas das espécies de aves e flora endémicas da Região Autónoma da Madeira e da Macaronésia.

A região insular Macaronésica estende-se exclusivamente por um conjunto de ilhas atlânticas, que de norte a sul representam os arquipélagos dos Açores, Madeira, Canárias e Cabo Verde. Todas estas ilhas têm em comum três características importantes. São ilhas oceânicas que nunca estiveram unidas ao continente; estão sob a influência dos ventos alísios; e partilham os restos da flora subtropical que povoava o sul da Europa durante o Terciário. Entre todas estas ilhas, existem, no entanto, diferenças dignas de destaque.

A percentagem de território com que estas regiões contribuem para a Rede Natura 2000 é muito importante, e superior à média proposta pelas restantes regiões da União Europeia. Nos Açores, os 23 Sítios de Interesse Comunitário propostos abrangem 19,6% do território, na Madeira propuseram-se 11 espaços que representam 31% e nas Canárias propuseram-se 173 sítios que correspondem a 37% do território.

As áreas de maior valor ambiental e ecológico da RAM e, como tal, as que constituem as principais atrações naturais terrestres encontram-se salvaguardadas pelo sistema de áreas protegidas regional e europeia da Região Autónoma da Madeira, quase todas integradas na Rede Natura 2000, e constituem os Espaços Naturais Protegidos da Madeira. A exploração deste importante recurso pelo Turismo é percecionado paradoxalmente como uma oportunidade e uma ameaça pelas diversas entidades com responsabilidades de gestão destes territórios. Se por um lado o interesse demonstrado pelo turismo dá origem a importantes fontes adicionais de receitas para os espaços protegidos e contribuem para o desenvolvimento regional e o conhecimento e divulgação do valor da Biodiversidade, por outro, os danos ecológicos causados pelo Turismo podem ter consequências imprevisíveis para a salvaguarda dos valores naturais em presença.

O sector do Turismo reconhece a importância das áreas protegidas como um destino que pode ser oferecido em combinação com a restante oferta turística da Madeira.

Parque Natural da Madeira

O singular património natural que a ilha da Madeira motivou a criação, em 1982, do Parque Natural da Madeira, com o objetivo de proteger não só os valores biológicos da Ilha como também promover a qualidade de vida dos Madeirenses e daqueles que os visitam. O PNM estende-se por uma área de 56.700 hectares, o que perfaz cerca de 2/3 da área total da ilha e onde se incluem zonas com diferentes estatutos de proteção, como reservas naturais integrais, paisagens protegidas e zonas de recreio. O Parque Natural da Madeira é uma área protegida que o equivalente a 67% da sua superfície. Inclui todos os concelhos, desde o extremo este ao oeste, apresentando maior expressão no centro e na costa norte da ilha.

FIGURA 3.1.1. – PARQUE NATURAL DA MADEIRA

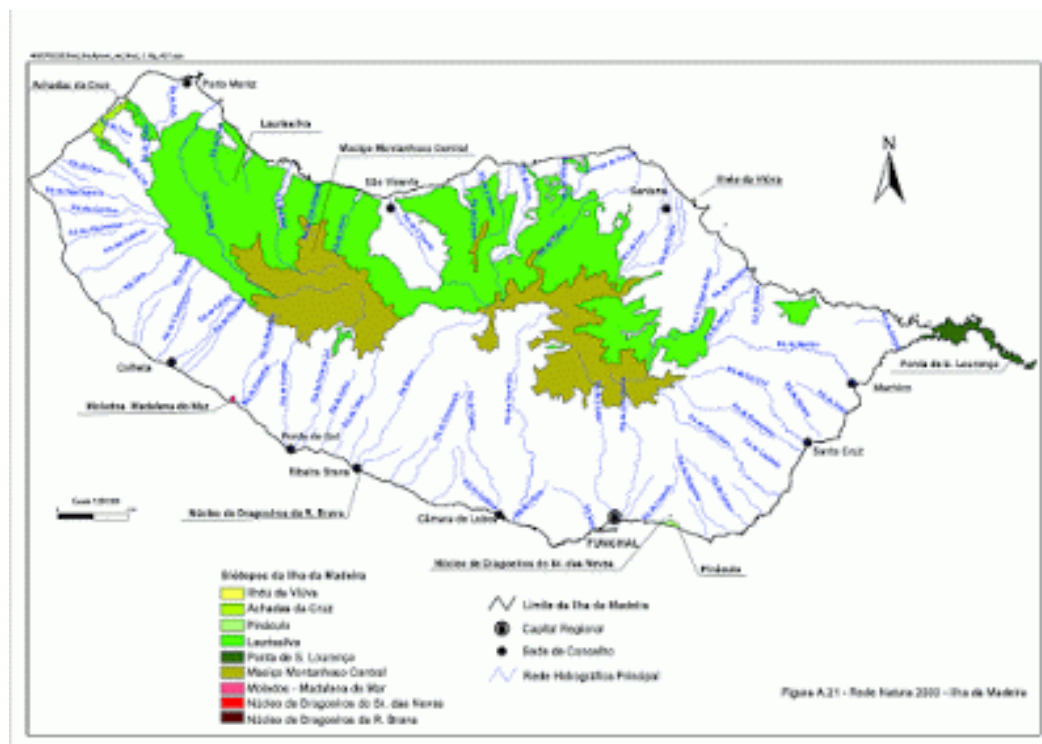


Fonte: SRA

Com a exceção dos centros urbanos, que se localizam maioritariamente na vertente sul, onde reside cerca de 70% da população, e de algumas localidades a norte, o restante território da Ilha está classificado. O município da Calheta é o que apresenta a mais elevada parcela desta área. Segue-se o do Porto Moniz, com a mais elevada percentagem, cerca de 84% da sua área, enquanto Funchal e Santa Cruz apresentam a menor área de parque natural.

A proporção do território da Ilha da Madeira classificado no Parque Natural da Madeira é tão significativa que este não poderá deixar de ter a maior relevância estratégica para o desenvolvimento turístico da Madeira.

FIGURA 3.1.2. – BIÓTOPOS DA ILHA DA MADEIRA



Fonte: SRA

No parque natural são reconhecidos internacionalmente os elevados valores naturais e de biodiversidade que ocorrem principalmente no Maciço Montanhoso Central, na Floresta Laurissilva e na Ponta de São Lourenço. As suas características particulares e ao mesmo tempo diferenciadas tornam este parque natural tão interessante, não só no contexto regional, como também, no nacional e no mundial.

A fauna é rica, em invertebrados, nomeadamente espécies endémicas de moluscos terrestres e, insetos. Na Laurissilva a avifauna é representada por reduzido número de espécies sendo duas delas endémicas.

Laurissilva

Nas zonas mais interiores da floresta e em melhor estado de conservação são observadas, regularmente, cerca de sete espécies de aves. O destaque obrigatório é o emblemático pombo-trocaz *Columba trocaz* e o bis-bis *Regulus madeirensis*, que são as únicas espécies endémicas neste ecossistema. O primeiro é considerado um dos exemplares mais antigos da avifauna Macaronésica. Tem uma dieta seletiva e parcialmente dependente dos frutos de diversas espécies de árvores, com particular relevo para o til, sendo considerado o semeador das árvores da Laurissilva.

O bis-bis é uma ave de pequeno porte, a mais pequena da avifauna madeirense, alimenta-se de insetos, o que seguramente lhe confere uma importância elevada ao nível do equilíbrio dos ecossistemas. O tentilhão *Fringilla coelebs madeirensis*, subespécie endémica da Ilha da Madeira apresenta um elevado nível de adaptação ao habitat insular. Este facto, aliado às diferenças morfológicas evidenciadas em relação às populações que ocorrem no Continente Europeu, pressupõe que a data da sua chegada à Ilha remonta a tempos bastante longínquos. Outras aves que ocorrem com alguma frequência são o melro-preto *Turdus merula cabreræ*, o papinho *Erithacus rubecula rubecula*, a lavandeira *Motacilla cinerea schmitzi*, e as duas rapinas, a manta *buteo buteo harterti* e o francelho *Falco tinnunculus canariensis*. Nas zonas mais altas da Laurissilva, onde as árvores de grande porte começam a dar lugar aos urzais, ocorre ainda a galinhola *Scolopax rusticola*, muito discreta e normalmente passa despercebida aos visitantes.

Da flora, presente no PNM, destacamos a da floresta Laurissilva que é uma formação de características higrófilas, endémica macaronésica, bem desenvolvida com áreas de conservação clímax, único Património Mundial Natural da UNESCO em Portugal, e onde estão presentes todos os estratos característicos deste tipo de comunidade. Estudos no âmbito da fitossociologia reconhecem nesta formação florestal várias comunidades vegetais climáticas que se encontram relacionadas com os andares bioclimáticos. De uma grande diversidade florística, é sobretudo ao nível do estrato herbáceo que pode ser encontrada a maior parte dos endemismos. Como exemplo, pode apontar-se a *Goodyera macrophylla*, orquídea endémica da Ilha da Madeira, conhecida por godiera-da-madeira.

Esta floresta de características subtropical húmida representa um ecossistema de extrema importância sob o ponto de vista botânico e científico: trata-se de um património raro a nível mundial, onde, para além da Madeira, apenas ocorre com significado em algumas ilhas do grupo ocidental do Arquipélago das Canárias e Açores.

Noutras ilhas desta Região Autónoma, nomeadamente na Ilha do Porto Santo e na Deserta Grande, subsistem seres vivos característicos desta floresta, que são verdadeiros testemunhos da existência no passado de uma maior área de distribuição deste ecossistema.

A Laurissilva é caracterizada por árvores de grande porte, maioritariamente pertencentes à família das Lauráceas (o til *Ocotea foetens*, o loureiro *Laurus novocanariensis*, o vinhático *Persea indica* e o barbusano *Apollonias barbujana*), para além de outras, como o pau branco *Picconia excelsa*, o folhado *Clethra arborea*, o aderno *Heberdenia excelsa*, o perado *Ilex perado* ou o cedro-da-madeira *Juniperus cedrus*. Por debaixo da copa das grandes árvores, abundam arbustos como a urze *Erica arborea* e *Erica scoparia*, a uveira *Vaccinium padifolium*, o piorno *Genista tenera*, o sanguinho *Rhamnus glandulosa*, o mocano *Pittosporum coriaceum* e *Muschia wollastonii* encontrando-se ainda um estrato mais baixo, rico em fetos, musgos, líquenes, hepáticas e outras plantas de pequeno porte, com numerosos endemismos.

Maciço Montanhoso

Relativamente à fauna do Maciço Montanhoso, é obrigatório salientar a freira-da-madeira *Pterodroma madeira* que é uma das aves marinhas mais ameaçadas do mundo que ocorre exclusivamente na Ilha da Madeira, com o estatuto de conservação "Em Perigo". Vive exclusivamente no mar, apenas vindo a terra durante a época de reprodução entre fins de março e meados de outubro, altura em que podem ser ouvidas ao cair da noite quando voltam para os seus ninhos.

Quanto aos invertebrados terrestres, é a comunidade de artrópodes terrestres que apresenta a maior riqueza faunística, distribuída por uma grande variedade de grupos. É de salientar ainda o grupo dos Aracnídeos que ostenta uma presença bastante significativa ao nível das aranhas, dos ácaros e dos pseudoescorpiões, entre outros.

O coberto vegetal desta área, caracteriza-se pela presença de várias plantas endémicas da Madeira, de que são exemplo a violeta-da-madeira *Viola paradoxa*. Podemos ainda encontrar aqui a urze-rasteira *Erica maderensis*, a orquídea-da-serra *Dactylorhiza foliosa* e a antilídea-da-madeira *Anthyllis lemniiana*. Todas estas plantas encontram-se perfeitamente adaptadas ao rigoroso clima desta área, onde pontificam as grandes amplitudes térmicas e os ventos intensos. Desempenham um papel muito importante na captação de água através da pluviosidade oculta, para além de contribuírem para a fixação do solo, combatendo a erosão.

Ponta de São Lourenço

Na Ponta de São Lourenço o grupo com maior interesse é o dos invertebrados. Atualmente, são conhecidas 35 espécies de moluscos terrestres, das quais 24 são endémicas. No Ilhéu do Desembarcadouro foram identificadas 14 espécies sendo 12 endémicas, e no Ilhéu do Farol 13 espécies, sendo 11 endémicas.

Ao nível da avifauna, nidificam neste local aves marinhas tais como: a cagarra *Calonectris diomedea borealis*, a alma-negra *Bulweria bulwerii*, o roque-de-castro *Oceanodroma castro*, e o garajau-comum *Sterna hirundo*. No Ilhéu do Desembarcadouro nidifica uma das maiores colónias de gaivota-de-patas-amarelas *Larus michahellis atlantis* da Região. Quanto às aves terrestres, encontram-se frequentemente o corre-caminhos *Anthus berthelotii madeirensis*, o pintassilgo *Carduelis carduelis parva*, o pardal-da-terra *Petronia petronia madeirensis* e o canário-da-terra *Serinus canaria canaria*.

Com igual importância é a flora que ocorre na Ponta de São Lourenço, que atualmente, conta com 157 plantas vasculares distintas, das quais 141 na península e 71 no Ilhéu do Desembarcadouro. Observam-se plantas como as barrilhas *Mesembryanthemum crystallinum*, *Mesembryanthemum nodiflorum* e *Suaeda vera*, a Maçacota *Bassia tomentosa*, o funcho-marinho *Crithmum maritimum* e alguns endemismos, como: o massaroco *Echium nervosum*, a estreleira *Argyranthemum pinnatifidum succulentum* e o Goivo-da-rocha *Matthiola maderensis*. Com alguma raridade temos a rasteira *Frankenia laevis*, a *Silene vulgaris marítima*, *Silene behen*, *Astragalus solandri* e a vaqueira *Calendula maderensis*. No

Ilhéu do Desembarcadouro existem extensas manchas de Trevina e vários endemismos macaronésicos e madeirenses, tais como: Alpista *Phalaris maderensis*, *Beta patula* (espécie exclusiva deste ilhéu), a almeirante *Crepis divaricata*, diabelha *Plantago coronopus*, couve-da-rocha *Crambe fruticosa* e o *Rumex bucephalophorus canariensis*.

Fonte: PNM

No parque natural também se pode encontrar um património cultural rico e diversificado, resultado da humanização da paisagem que remonta ao início do povoamento da ilha, destacando-se o património rural, suas tradições e edificado.

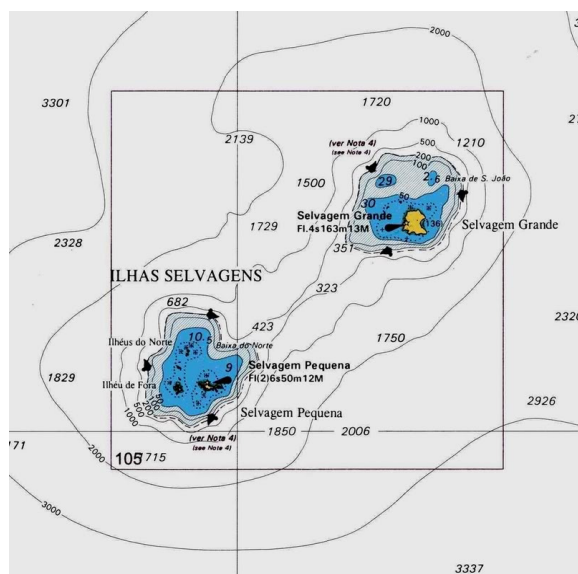
O património rural construído materializa-se em construções e tipologias de construção muito interessantes onde se incluem além das casas tradicionais e solares com capelas, os tanques de pedra, palheiros, fontanários, moinhos de água, levadas, as tradicionais adegas e lagares, e até mesmo os caminhos reais e igrejas.

Reserva Natural das Ilhas Selvagens

As Ilhas Selvagens são um grupo de ilhas oceânicas de origem vulcânica. A sua história geológica está relacionada com a abertura e expansão do Oceano Atlântico, processo que teve início há cerca de 200 milhões de anos e que continua nos nossos dias. Foram descobertas em 1438, tendo estado na posse de particulares até 1971, altura em que foram adquiridas pelo Estado Português e classificadas como Reserva Natural Integral.

A flora destas ilhas é composta por espécies perfeitamente adaptadas às condições edafoclimáticas com mais de uma centena de espécies de plantas vasculares e apresenta a percentagem mais elevada de endemismos por unidade de superfície de toda a Região da Macaronésia.

FIGURA 3.1.3. – ILHAS SELVAGENS



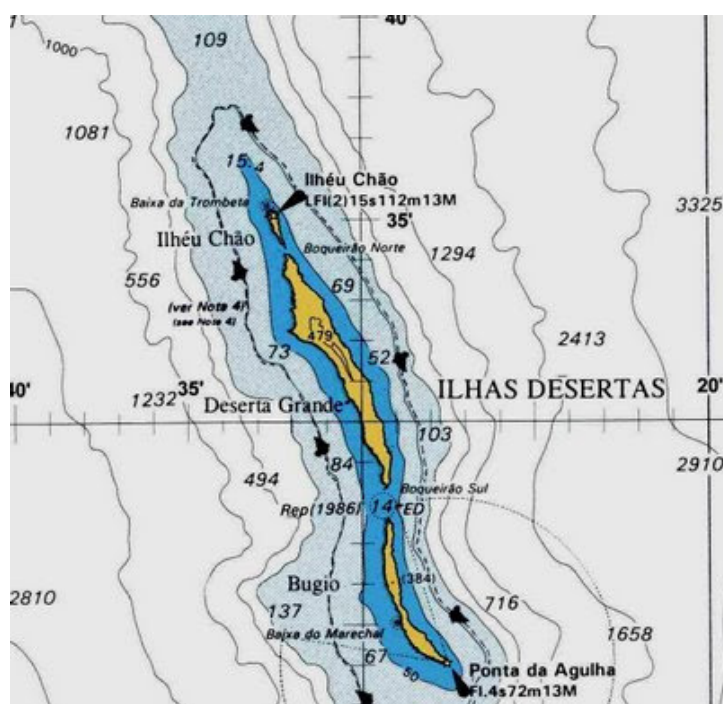
A vegetação da Selvagem Pequena e do Ilhéu de Fora é composta somente por espécies indígenas e endémicas, sem quaisquer introduções. Estas duas ilhas apresentam uma cobertura e um número surpreendente de espécies exclusivas. A Selvagem Grande apresenta igualmente um coberto vegetal peculiar e uma interessante flora com endemismos da ilha, outros comuns às restantes Ilhas Selvagens e da Macaronésia, para além de ser o limite da distribuição de determinadas espécies no hemisfério sul ou no norte. Globalmente, as Ilhas Selvagens são detentoras de onze endemismos exclusivos.

A fauna vertebrada das Ilhas Selvagens é caracterizada pelo largo domínio das aves marinhas nidificantes e pela ausência de mamíferos nativos. Estas ilhas são um santuário de nidificação de aves marinhas, possuindo condições singulares e únicas em todo o Mundo. Da avifauna nidificante conhecem-se nove espécies, entre as quais: a cagarra *Calonectris diomedea borealis*, calcamar *Pelagodroma marina hypoleuca*, alma-negra *Bulweria bulwerii*, roque-de-castro *Oceanodroma castro* e pintainho *Puffinus assimilis baroli*. A colónia de cagaras, nesta área, apresenta-se como a maior densidade em todo o mundo. Contudo, a ave mais numerosa destas ilhas é o calcamar.

Reserva Natural das Ilhas Desertas

As ilhas Desertas são um grupo de três ilhas que integram o conjunto de áreas protegidas do Parque Natural da Madeira desde 1990. A biodiversidade destas ilhas é muito importante sendo um dos elementos mais notáveis destas ilhas a colónia de lobos-marinhos *Monachus monachus* que no passado já esteve em risco de desaparecer.

FIGURA 3.1.4. – ILHAS DESERTAS



Nestas ilhas podem ser observadas cerca de 200 espécies das quais 15% são endémicas do arquipélago da Madeira e 10% endémicas da região Macaronésica. Destacam-se dois endemismos como *Sinapidendron sempervivifolium* e a *Musschia isambertoi* espécie que foi reconhecida há poucos anos.

As colónias de aves marinhas são extremamente importantes para a conservação das espécies, das quais se destaca uma colónia de aproximadamente 150 casais de freira-do-bugio *Pterodroma deserta* e a maior colónia do Atlântico de alma-negra *Bulweria bulwerii*. Destacam-se ainda outras espécies com populações significativas como o roque-de-castro *Oceanodroma castro*, a cagarra *Calonectris diomedea* e o pintainho *Puffinus baroli*.

Em 1992, foram classificadas pelo Concelho da Europa como Reserva Biogenética, resultado do reconhecimento da sua importância natural e ecológica.

Reserva Natural Parcial do Garajau

A Reserva Natural Parcial do Garajau localiza-se na encosta sul da Ilha da Madeira, a leste do Funchal, ocupando uma extensão de costa de, aproximadamente, seis milhas e abrange uma área de 376 hectares. A área da reserva, virada a sul e limitada a oeste pela Ponta do Lazareto e a leste pela Ponta da Oliveira, é caracterizada por uma costa rochosa alta e regular. Ao nível do mar a costa é constituída por pequenas praias de calhau rolado intercaladas com zonas rochosas. Nesta área não desaguam ribeiras ou outros cursos de água relevantes. Ocasionalmente podem observar-se algumas quedas de água que correm diretamente para o mar. A Reserva Natural Parcial do Garajau combina uma variedade de fatores que a faz apresentar habitats que são representativos e importantes para a conservação da biodiversidade e de algumas espécies marinhas mais notáveis.

É um dos locais de mergulho mais famosos da Ilha da Madeira. Tem uma riqueza subaquática imensa com peixes enormes como os meros e badejos, moreias, urjamantas, cavalos-marinhos e muitos mais. É um local ideal para o mergulho amador e atrai turistas de todo o mundo. Esta reserva natural parcial é protegida e controlada, sendo que é proibido pescar nela e somente embarcações ligeiras podem aproximar-se da praia.

Reserva Natural do Sítio da Rocha do Navio

A Reserva Natural da Rocha do Navio localiza-se entre a Ponta de São Jorge e a Ponta do Clérigo e é uma reserva que reúne um dos cenários mais bonitos da costa Norte da ilha da Madeira.

Tal como a Reserva Natural Parcial do Garajau combina uma variedade de fatores que a faz apresentar habitats que são representativos e importantes para a conservação da biodiversidade e de algumas espécies marinhas mais notáveis, com é o caso do Mero, o Badejo Amarelo, o Lobo-Marinho e uma grande concentração de Zimbros no Ilhéu da Rocha do Navio.

Floresta Laurissilva, Património Natural Mundial da [UNESCO](#)

Esta floresta tem uma formação de espécies adaptada a grande humidade, bem desenvolvidas, que estão presentes em todos os estratos característicos deste tipo de ecossistema. Tem uma distribuição que vai dos 300 aos 1300 metros de altitude. Ocupa áreas de humidade relativa mais elevada da Ilha (quase sempre acima dos 85%), o mesmo se pode dizer quanto à precipitação (mínimo de 1700 mm/ano) e com frequência de nevoeiros. Tem uma grande diversidade florística, e é sobretudo ao nível do estrato herbáceo-inferior que vamos encontrar a maior parte dos endemismos em ecossistemas únicos no Mundo.

A Floresta Laurissilva é um tipo de floresta húmida subtropical composta maioritariamente por árvores da família das lauráceas e endémico da Macaronésia, região formada pelos arquipélagos da Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. Possui maior expressão nas terras altas da ilha da Madeira, onde se encontra a sua maior e mais bem conservada mancha, e classificada pela UNESCO como Património da Humanidade.

Ocupa na Ilha da Madeira uma área de aproximadamente 15.000 hectares, o que corresponde a 20% da ilha, sendo o maior e mais bem conservado núcleo desta floresta a nível mundial. Concentra-se principalmente na costa norte, em altitudes compreendidas entre os 300 e os 1400 metros. Na costa sul, ocorre em áreas de altitude compreendida entre os 700 e os 1600 metros.

O valor natural da Laurissilva foi enaltecido pela sua classificação da Rede Natura 2000. Esta floresta foi também reconhecida internacionalmente pela Birdlife International como IBA (Importante Bird Area – Zona Importante para Aves) devido à importância da sua avifauna endémica, de que são exemplos espécies como o Bis-Bis (*Regulus madeirensis*) e o Pombo Trocaz (*Columba trocaz*).

A Floresta Laurissilva encontra-se classificada como Reserva Biogenética; é uma das 7 maravilhas naturais de Portugal, na categoria de “Florestas e Matas”.

Santana, Reserva da Biosfera

A Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) classificou o concelho de Santana, na Madeira, como Reserva Mundial da Biosfera. Esta reserva integra uma componente terrestre, correspondente a toda a superfície emersa do município e ainda uma componente marinha, contendo, no conjunto, uma grande diversidade de valores naturais e humanos, paisagísticos, ambientais e culturais singulares de interesse local, regional, nacional e internacional.

FIGURA 3.1.5. – CONCELHO DE SANTANA – RESERVA MUNDIAL DA BIOSFERA



A diversidade natural manifesta-se por uma riqueza faunística e florística que incorpora um alto grau de endemismo e uma representação integral das unidades ecológicas mais relevantes da ilha da Madeira, desde os ecossistemas marinhos e costeiros até à vegetação de altitude, passando pela floresta Laurissilva.

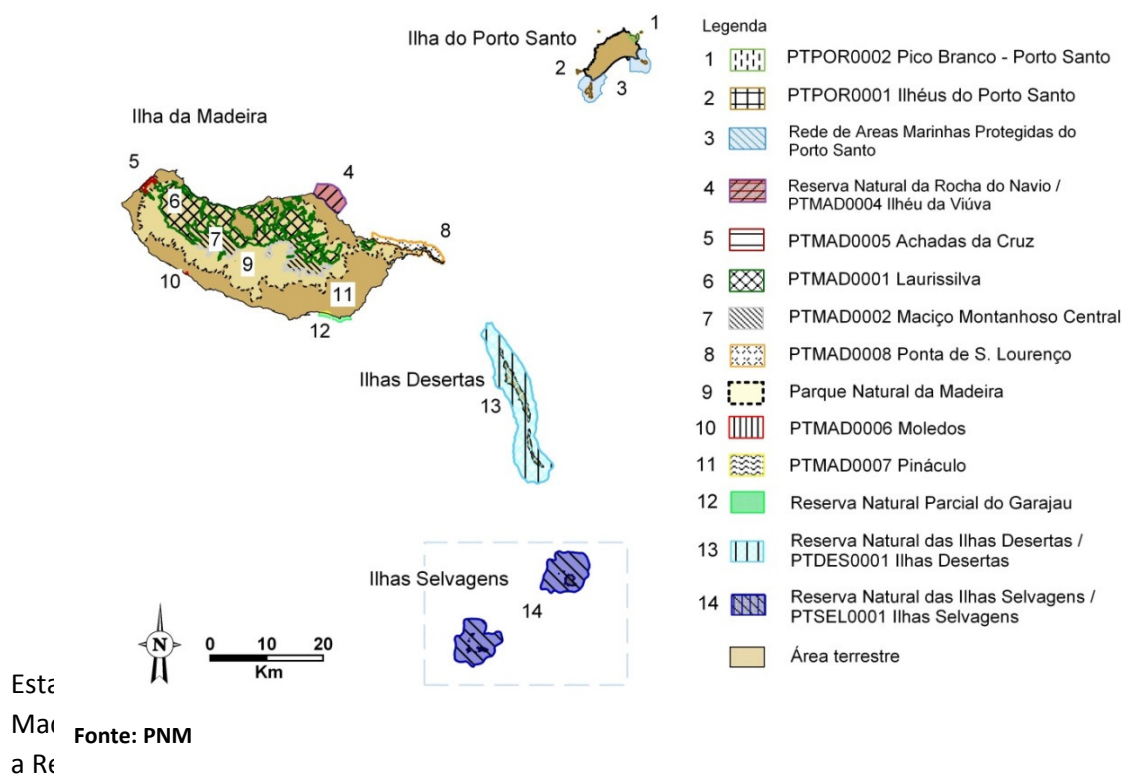
Uma percentagem significativa da área do município possui classificação em termos de proteção, nomeadamente a Reserva Natural da Rocha do Navio (Área Marinha Protegida e Sítio da Rede Natura 2000), o Maciço Montanhoso Central (sítio da Rede Natura 2000) e a Laurissilva (Sítio da Rede Natura 2000 e Património Natural Mundial da UNESCO). Estas áreas correspondem às zonas núcleo da reserva aprovada, reforçando-se, com a classificação como Reserva da Biosfera a contribuição para a conservação e uso sustentável destas espécies e ecossistemas naturais.

Rede Natura 2000

A juntar a esta diversidade de áreas protegidas, o território da Região Autónoma da Madeira apresenta ainda espaços classificados incluídos na Rede Natura 2000, quer ao abrigo da Diretiva Habitats (11 Zonas Especiais de Conservação - ZEC) quer ao abrigo da Diretiva Aves (5 Zonas de Proteção Especial – ZPE – Decreto Regulamentar Regional nº3/2014/M de 3 de Março).

A diversidade dos valores naturais do arquipélago da Madeira é muito elevada. A distribuição territorial da sua rede de áreas protegidas pode ser observada na figura seguinte.

FIGURA 3.1.6. – REDE DE ÁREAS PROTEGIDAS DA RAM



Englobam ainda áreas mistas (terrestres e marinhas), como a Reserva Natural das Ilhas Desertas, a Reserva Natural das Ilhas Selvagens e a Rede de Áreas Marinhas Protegidas do Porto Santo, autênticos santuários da vida selvagem terrestre e marinha, com enorme importância para a preservação de espécies únicas no mundo.

Classificação das áreas protegidas da Madeira

As políticas de conservação e de desenvolvimento sustentável dos espaços naturais da Região Autónoma da Madeira destacam o uso sustentado dos recursos naturais garantindo a proteção da sua enorme diversidade biológica, a qualidade ambiental e o desenvolvimento social, tanto para as presentes como para as futuras gerações. As áreas de protegidas da Região Autónoma da Madeira classificam-se nas de âmbito regional e de âmbito europeu.

Classificação Regional de áreas protegidas

NOME DA ÁREA PROTEGIDA	TIPO CLASSIFICAÇÃO
Parque Natural da Madeira	Inclui áreas com diferentes tipos de proteção
Reserva Natural Parcial do Garajau	Reserva marinha
Reserva Natural da Rocha do Navio	Reserva marinha
Rede de Áreas Marinhas Protegidas do Porto Santo	Área Protegida (inclui a Área Classificada de ZEC)
Reserva Natural das Ilhas Desertas	Reserva Natural (sobrepõe a área classificada de ZEC e ZPE)
Reserva Natural das Ilhas Selvagens	Reserva Natural (sobrepõe a área classificada de ZEC e ZPE)

Classificação da Rede Natura 2000 (Europeu)

NOME DA ÁREA PROTEGIDA	TIPO CLASSIFICAÇÃO
Maciço Montanhoso Central	Área Classificada de ZEC e ZPE apenas a zona oriental, totalmente incluída no PNM
Laurissilva	Área Classificada de ZEC e ZPE, maioritariamente incluída no PNM
Ponta de S. Lourenço	Área Classificada de ZEC e ZPE, parcialmente incluída no PNM
Ilhéu da Viúva	Área Classificada de ZEC, sobrepõe à Reserva Natural da Rocha do Navio
Achadas da Cruz	Área Classificada de ZEC
Moledos	Área Classificada de ZEC
Pináculo	Área Classificada de ZEC
Pico Branco (Porto Santo)	Área Classificada de ZEC
Ilhéus do Porto Santo	Área Classificada de ZEC, incluída na Rede de Áreas Marinhas Protegidas do Porto Santo
Ilhas Desertas	Área Classificada de ZEC e ZPE, sobrepõe à Reserva Natural das Ilhas Desertas
Ilhas Selvagens	Área Classificada de ZEC e ZPE, sobrepõe à Reserva Natural das Ilhas Selvagens

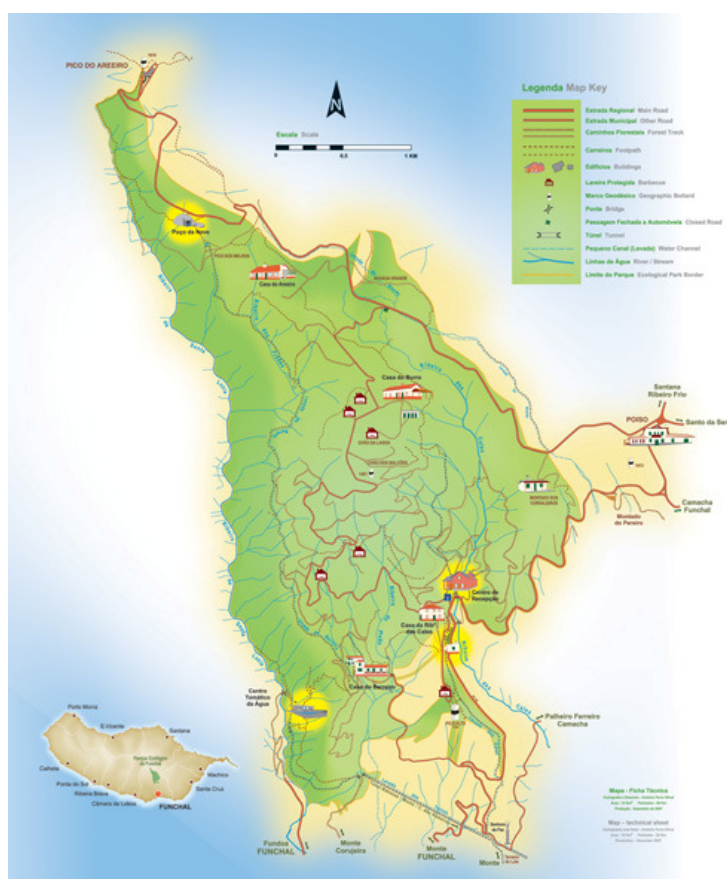
Parque Ecológico do Funchal

O Parque Ecológico é uma área protegida localizada a norte do Funchal no Pico do Areeiro com vistas deslumbrantes. Ocupa uma área de 1000 hectares muito ricos em fauna e flora.

O Parque Ecológico do Funchal pertence e é gerido pelo Município do Funchal, localizando-se na zona Norte deste município, desde as proximidades do Pico do Areeiro até à confluência do Córrego do Pisão com a Ribeira de Santa Luzia, ocupando uma área de cerca de 1.000 hectares. Este Parque tem como objetivos principais a preservação do património natural da área abrangida e a promoção de ações de educação ambiental, bem como o fornecer à população um espaço para recreio e lazer. No seu interior, o Parque possui cinco casas de apoio, duas das quais foram restauradas para acolher os voluntários nas atividades do Parque.

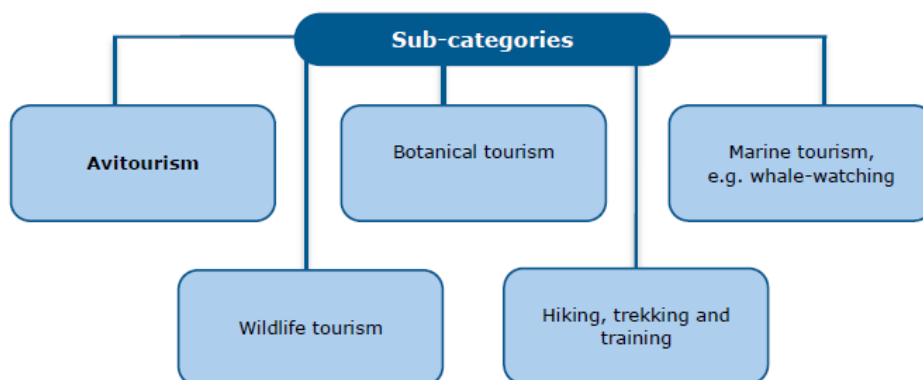
A orografia, a paisagem, os parques de merendas e as boas acessibilidades viárias fazem do Parque Ecológico do Funchal um espaço de excelência para o lazer e para o desenvolvimento de atividades lúdicas e desportivas em contacto com o meio natural.

FIGURA 3.1.7. – PARQUE ECOLÓGICO DO FUNCHAL



3.2. FORMAS DE CONSUMO DAS ATRACÇÕES NATURAIS TERRESTRES

FIGURA 3.2.1. – CATEGORIAS DE ECOTURISMO



Fonte: The Nature Conservancy

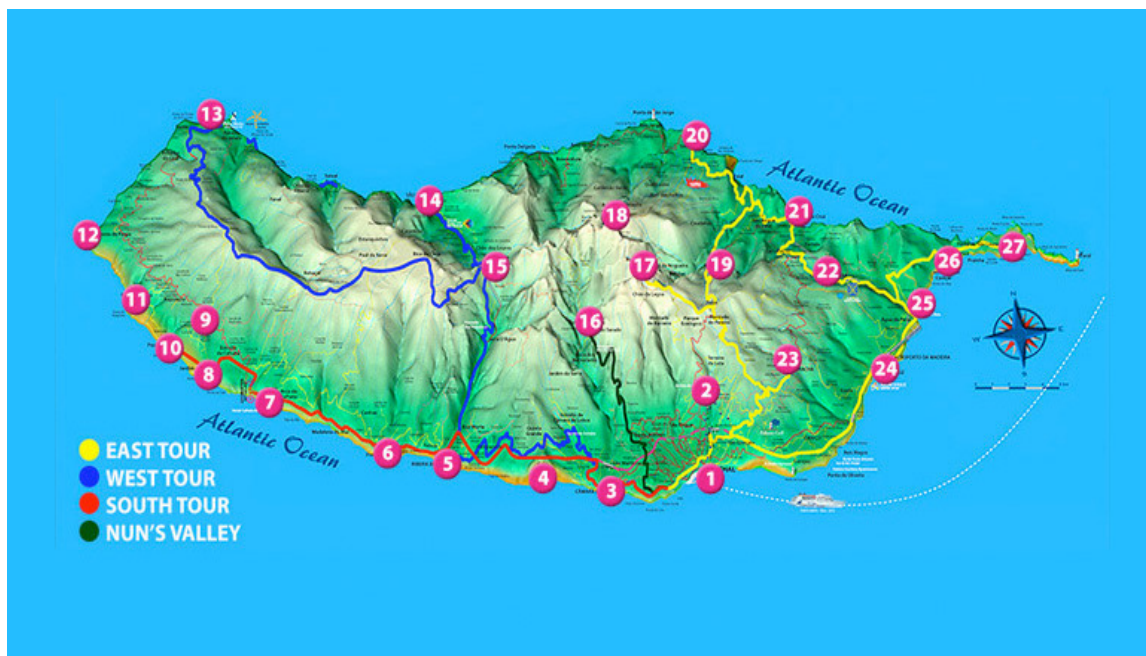
Este documento trata das relações entre o Turismo e os Espaços Naturais Protegidos da Madeira e dos processos originados pelo desenvolvimento de uma procura em que a paisagem os valores ecológicos singulares e excepcionais se tornam produto turístico. Na medida em que o produto dominante da oferta turística da Madeira já não vai dando resposta a uma população turística inserida numa cultura de ecologia e de responsabilidade ambiental, vem-se abrindo espaço para novas dinâmicas de turismo inseridas numa busca de autenticidade, fora dos pacotes e dos hotéis tradicionais. Assim surgem novas procuras de experiência turística em espaços ecológica e ambientalmente bem preservados. Novas formas de consumo turístico que se dão nos espaços naturais terrestres da Região Autónoma da Madeira.

Excursionismo

O excursionismo faz parte do produto dominante da Madeira. Visitar a Madeira é descobrir a natureza e a oferta turística está preparada para a excursão de grandes grupos que transitam entre miradouros dentro dos espaços naturais da Madeira. Fundamentalmente orientado para o consumo de paisagem e da sua exuberância, o excursionismo tem vindo a mostrar resposta também a um turista à procura de descobrir um espaço de conservação e observação da natureza, um espaço de recreio e lazer, de preservação das memórias do passado, das tradições rurais, do património edificado para além de espaço agrícola e florestal, incluindo a floresta autóctone da Laurissilva. São destinadas a grandes grupos mas também a pequenos grupos que queiram aprender sobre a vida selvagem das ilhas e conhecer a história natural do Arquipélago da Madeira. As excursões disponíveis abrangem os aspetos da biodiversidade e geodiversidade da Madeira e Porto Santo, havendo a possibilidade de efetuar excursões de autocarro por toda da ilha, desde a costa do oceano aos picos mais altos, consumindo turisticamente a Madeira como lugar das paisagens mais bonitas e espetaculares. As excursões são realizadas por operadores que oferecem guias turísticas, com experiência, que narram a

rica história e cultura da Madeira e autocarros equipados com ar condicionado, para dar maior conforto aos passageiros.

FIGURA 3.2.2. – MIRADOUROS E PONTOS DE INTERESSE NA ILHA DA MADEIRA



Fonte: Madeira-web

Veredas e Levadas

A Ilha da Madeira é conhecida não só pela sua magnífica e deslumbrante Natureza, assim como as paisagens que a rodeiam. Uma das muitas atrações que a ilha tem para oferecer são as famosas Levadas. As Levadas remontam ao início da colonização da ilha. São cursos de água à volta da montanha, construídos pelo Homem, com o objetivo de levar água desde as encostas voltadas a norte até aos terrenos agrícolas da costa sul. A Madeira orgulha-se de ter uma vasta rede de veredas e levadas. Atualmente a ilha conta com mais de 200 levadas, entre as quais destacam-se as seguintes: “Caldeirão Verde”, “Caldeirão do Inferno”, “25 Fontes”, “Risco”, e “Balcões”. Nestes ambientes, é possível vislumbrar a rica e exuberante fauna e flora endémicas da Ilha da Madeira, assim como a conhecida e apreciada Floresta Laurissilva. As levadas permitem ao viajante ter um contacto direto com a Natureza, e ao mesmo tempo, observar algumas espécies de aves endémicas como o Pombo trocáz (*Columba trocáz*), o Bis-bis (*Regulus madeirensis*) e a Freira da Madeira (*Pterodroma madeira*). Poderá observar igualmente algumas árvores características da Floresta Laurissilva como o Vinhático (*Persea indica*), o Til (*Ocotea foetens*), o Barbusano (*Apollonias barbujana*) e o Loureiro (*Laurus novocanariensis*). Os percursos existentes têm graus de dificuldade variados, o que permite o acesso a públicos diferenciados. Para efetuar caminhadas é necessário levar equipamento adequado a esta atividade, assim como tomar um conjunto de precauções úteis. A prática destes passeios pedestres ajuda o viajante a relaxar e usufruir do melhor da Natureza.

FIGURA 3.2.3. – EXEMPLO DE MAPA DE PERCURSO PEDESTRE



Fonte: DRF

Os passeios nas levadas são apresentados como oportunidades de descoberta da verdadeira natureza da Madeira e de surpresa pelas belas paisagens. Os longos percursos são feitos através dos vales e travessias das bacias hidrográficas, repletas de quedas de água, riachos e lagos. Ao longo das levadas, permitem-se encontrar as espécies endémicas da flora da Madeira.

Birdwatching e seawatching

O *Birdwatching* é um nicho de mercado do turismo baseado na natureza. Um número crescente de turistas com interesse nas aves viajam para distintos remotos para observar novas espécies que não podem ser vistas nos seus países ou regiões.

O *Birdwatching* é uma atividade em que o turista viaja para fora do seu ambiente normal onde o principal objetivo é observar aves no seu habitat natural. O turismo ornitológico é centrado nas componentes ecológicas e ambientais da Ilha da Madeira, nas suas aves e habitats e, como tal, é uma forma de produto turístico baseado no consumo dos espaços naturais. A atratividade de um destino para umas férias com uma componente ornitológica está muito relacionado com a qualidade de avifauna. A disponibilidade e variedade de espécies de aves e a presença de espécies únicas ou endémicas é um dos principais fatores na escolha de um destino de turismo ornitológico. Os números de *Birdwatchers* europeus que visitam o Arquipélago da Madeira tem aumentado muito nos últimos anos. As razões são diversas mas destas destacam-se as espécies endémicas da Madeira. Uma razão complementar à primeira é

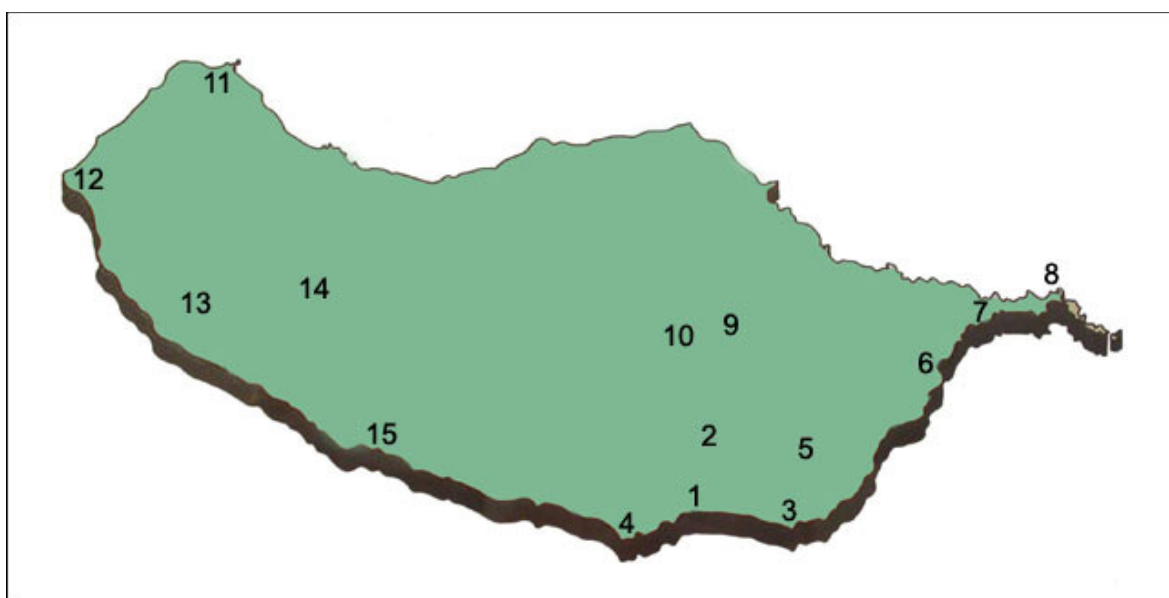
42

também a oportunidade de observar aves marinhas, golfinhos e baleias a partir de terra ou nas travessias de barco entre ilhas. A esta atividade denomina-se frequentemente por *Seawatching*.

Porto Moniz é o destino na Madeira mais privilegiado para o *Seawatching* e frequentemente referido na comunidade de *Birdwatchers* como uma das mais importantes razões para a escolha do destino, juntamente com a visita noturna ao Pico do Areeiro para a experiência de ouvir a Freira da Madeira.

A Madeira oferece condições privilegiadas para o turismo ornitológico. Apresenta-se como um destino com condições facilitadas para observação das espécies mais emblemáticas e proporciona a combinação de modos de férias tradicionais ou em família.

FIGURA 3.2.4. - LOCAIS RECOMENDADOS PARA *BIRDWATCHING* E *SEAWATCHING*



Fonte: Birding Madeira

A alternativa ao *seawatching* são as viagens de barco para observação de aves marinha, ou viagens pelágicas. Uma das viagens na oferta turística atual é às Ilhas Desertas que oferece as melhores condições para observar aves marinhas.

Muitas aves terrestres são de difícil deteção na Ilha da Madeira. O Porto Santo apresenta condições ecológicas e geomorfológicas mais favoráveis para a observação de aves terrestres, sobretudo algumas raridades e migradores. Um dos melhores e mais recomendados lugares para observação de aves é um charco denominado Tanque, que se situa próximo do aeroporto do Porto Santo e onde se podem observar frequentemente aves raras para esta região.

As Ilhas Selvagens são o destino mais desejado para observadores de aves com muita exigência e elevado interesse nas aves marinhas. Poucos turistas tiveram a possibilidade de visitar estas ilhas e a sua localização remota fazem da sua visita uma experiência turística única.

Ilhas Desertas

As Ilhas Desertas são visitadas ao longo de todo o ano por pessoas que ali se deslocam sobretudo através de operadoras marítimo-turísticas.

O acesso à Reserva Natural das Ilhas Desertas é efetuado por mar, sendo apenas permitido o acesso à área com estatuto de proteção total quando devidamente autorizado e credenciado pelo Serviço do Parque Natural da Madeira.

O número de visitantes das Ilhas Desertas tem vindo a aumentar consistentemente ao longo dos últimos 10 anos, com predominância dos visitantes enquadrados na oferta dos operadores de embarcações marítimo-turísticas.

Ano	Nº Total Visitantes	Nº Visitantes Marítimo-turísticas
2005	932	705
2006	1134	763
2007	2623	1834
2008	2473	1818

Fonte: PNM

As visitas têm origem no Funchal com destino ao fundeadouro localizado na pequena baía frente à casa dos vigilantes das Ilhas Desertas. O desembarque acontece numa enseada abrigada da Deserta Grande e inclui um curto passeio de uma hora guiado de exploração da Ilha, seguido de uma visita à Casa dos vigilantes da Reserva Natural. A oferta turística da vista inclui ainda a oportunidade para apreciar os prazeres de um banho na água límpida do mar e o reconforto de uma refeição a bordo. Após o almoço, a embarcação regressa à Madeira.

São 15 milhas de viagem marítima de ida e outros tantos de regresso para sudeste da Madeira, onde se vende a imagem de Reserva Natural pristina e bem preservada, local único e exclusivo e habitat de raros lobos-marinhos e de nidificação de aves raras.

Durante a viagem às Desertas tem-se a oportunidade de observar algumas das aves marinhas que nidificam nestas ilhas e alguns dos cetáceos emblemáticos sempre com a possibilidade de observar outras espécies.

Durante a visita a estas ilhas é recomendado estar atento ao mar, pois existe a possibilidade de observar o lobo-marinho, no entanto muito difícil pois é uma espécie muito tímida.

No regresso à ilha da Madeira existe sempre a possibilidade de observar novas espécies de aves e mamíferos marinhos.

Flora e vegetação endémica

A Madeira é frequentemente denominada de ilha florida do Atlântico. A flora da Madeira é uma das suas principais atrações turísticas: cerca de 118 espécies da flora da Madeira são endémicas ao arquipélago. Estima-se que antes dos assentamentos humanos, cerca de 793 espécies diferentes de fetos e flores vasculares ocorriam naturalmente na região.

O elenco florístico na atualidade é mais rico devido à introdução de espécies pelo Homem mas o carácter natural e único da flora da Madeira mantém-se. Outrora a floresta da Laurissilva cobria a totalidade das ilhas macaronésicas. Atualmente esta área florestal está muito reduzida mas na Ilha da Madeira encontra a maior, mais importante e melhor preservada área deste habitat único no mundo.

As principais atrações da visita à Madeira, para observar a sua flora e a sua vegetação endémica incluem frequentemente a combinação de outras ofertas, como a observação das aves da Madeira, borboletas ou libélulas. Nesta oferta incluem-se as especiais visitas à Laurissilva da Madeira e a observação do seu raro e único Pombo-Trocaz, no conforto automóvel através dos incríveis cenários paisagísticos da Madeira.

A Madeira é uma ilha verde luxuriante rasgada por dramáticos relevos. A oferta turística da sua flora e vegetação é feita através de percursos e pequenas excursões enquadradas nessa paisagem. Os passeios por levadas são o produto favorito para apresentação da flora e vegetação endémica. A experiência inclui as sensações despertadas pelas diferentes tonalidades de verde e pela montanha classificada de Património Mundial da UNESCO com a sua floresta ancestral.

As visitas têm a duração de meio-dia e incluem o passeio de 30 min numa levada até a um ponto notável para observação de paisagem ou de espécies únicas, normalmente sobre um dos vales profundos da ilha. O regresso ao Funchal é feito por um percurso diferente para observação de outras paisagens. Estes percursos combinam caminhadas acessíveis com paisagem e observação de espécies de plantas, aves e borboletas.

Canyoning e outras atividades desportivas na natureza

A Ilha da Madeira possui condições excecionais para a prática de *canyoning*. É considerada internacionalmente um dos melhores destinos de *canyoning* da Europa.

O *canyoning* consiste em descer o leito de uma ribeira, ultrapassando os obstáculos naturais que a natureza oferece, utilizando técnicas de montanhismo, natação e transposição de

obstáculos. Na Madeira, o *canyoning* é realizado dentro de paisagens naturais escondidas nos vales e desfiladeiros da Floresta Laurissilva. Também nesta atividade a classificação UNESCO tem uma grande importância na divulgação do produto turístico.

Há *canyons* com diferentes níveis de dificuldade consoante o nível de experiência anterior do turista com esta prática.

O *canyoning* é uma das muitas ofertas de desporto inserido na natureza que pode ser realizado na ilha da Madeira. Outras atividades desportivas incluem o todo-o-terreno, parapente, escalada, passeios a cavalo e *coasteering*. Estas últimas escaladas não apresentam o mesmo nível de organização e de atividade económica que o Canyoning mas todas apresentam um forte crescimento nos últimos 10 anos e têm potencial de crescimento acima das restantes ofertas.

3.3. RECURSOS NATURAIS MOBILIZÁVEIS PARA O TURISMO

A Região Autónoma da Madeira é caracterizada por possuir elevados valores naturais que constituem uma relíquia a nível mundial e que incluem algumas das mais raras espécies e em risco de extinção.

Inclui também espaços com valor cultural considerável dos quais destacamos as zonas de paisagem protegida e algumas áreas rurais, onde as atividades agrícolas desenvolvidas em socalcos têm deixado impresso na paisagem o esforço de séculos de ocupação humana e onde a par dum rico e diversificado património construído podemos encontrar saberes rurais transmitidos oralmente de geração em geração.

Na Ilha da Madeira mais de 2/3 da área total da ilha incluem zonas com diferentes estatutos de proteção, como reservas naturais integrais, paisagens protegidas e zonas de recreio.

O Parque Natural da Madeira e os sítios da Rede Natura 2000 são áreas de interesse particular, quer pela riqueza do património natural e da beleza das paisagens que encerram, quer pelo património cultural e pela acessibilidade ao público que permite panoramas naturais, seminaturais e humanizados de grande valor estético, resultado de uma intervenção harmoniosa do Homem no ambiente.

A maioria dos espaços naturais, mesmo os protegidos estão acessíveis ao público e às distintas modalidades de turismo que utilizam estes espaços de maneira mais ou menos intensiva, como por exemplo o turismo científico, o ecoturismo, o turismo de natureza e o desportivo. Em geral, o turismo tem lugar nas zonas de menor estatuto proteção destes espaços, enquanto as zonas nucleares costumam estar reservadas para a conservação e, por vezes, para a investigação.

Não existem estatísticas sobre desenvolvimento do turismo da natureza na Madeira mas os tipos de turismo que podem ser considerados de natureza, estão em contínuo crescimento e este seguirá no futuro prevendo-se crescimentos anuais de até 20% para algumas zonas naturais ou relativamente a alguns tipos de turismo da natureza, e este incremento será particularmente importante nos espaços protegidos e nas paisagens naturais.

Em geral, para o turista as experiências na natureza são de grande importância. Em relação aos principais grupos de turistas que visitam os espaços protegidos estima-se que uma parte significativa procura experiências com a natureza, frequentemente na companhia da família. Contudo, o turismo nos espaços protegidos deverá ser promovido com um carácter mais de aventura que apenas educativo, que deveria ser combinado muitas outras atividades de ar livre.

Os turistas têm consciência do extraordinário valor dos espaços protegidos, tais como os parques naturais, património UNESCO e outros estatutos de proteção. A existência de uma área natural com elevado estatuto de proteção constitui um critério importante no momento de eleger um destino.

A existência de um espaço protegido tem efeitos diretos sobre a economia turística regional, por exemplo sobre o emprego e sobre os rendimentos, e múltiplos efeitos sobre outros sectores económicos, como a agricultura e a construção. Além disso, contribui para melhorar a imagem do conjunto da região, o que indiretamente pode conduzir a uma maior procura.

Resultados das entrevistas que se fizeram sobre os gostos dos visitantes do Parque Nacional do Mar de Wadden (Alemanha) mostram que do total de inquiridos, 66% respondeu que buscava tranquilidade, recreio e a possibilidade de passear, fundamentalmente por lugares com vistas panorâmicas. Outros queriam viver a natureza (59%), dar um passeio pela praia (56%), observar aves (36%) ou banhar-se (35%). Apenas 2,1% manifestou vontade de participar numa viagem guiada. Em oposição a este último resultado, cerca de 80% dos turistas esperam a promoção de viagens guiadas, a existência de itinerários educativos (68%) e lugares para a observação de aves (57%).

Contudo esta procura deve ser articulada entre a DRT e o Instituto de Florestas e Conservação da Natureza. A ausência de planeamento e estratégias comuns de desenvolvimento turístico em espaços naturais pode levar a danos nas áreas protegidas como resultado de um excesso de fluxo turístico.

O serviço do PNM tem vindo a reafirmar a sua estratégia de colocar as áreas protegidas ao serviço do turismo. Destacam-se os principais fatores que tornam a visita às áreas naturais da Madeira:

- **Espécies únicas e habitats singulares**
- **Zonas remotas e insularidade**
- **Birdwatching, aves marinhas e floresta Laurissilva**

Pelo seu carácter insular e a sua peculiar história natural, estes arquipélagos têm uma interessante biodiversidade, muito abundante em espécies endémicas. Entre eles há a destacar a Madeira que junto com as Canárias constitui um dos focos de biodiversidade mais importantes do planeta.

	Endemismos
Açores	55
Madeira	145
Galápagos	231
Canárias	670
Hawaii	1334

A endemidade da flora vascular do Arquipélago da Madeira está entre as maiores e mais importantes ilhas do mundo. Mas endemidade conhecida na Madeira não se limita à flora vascular. É entre os invertebrados terrestres que se encontra o maior número de espécies únicas à Madeira. Novos trabalhos de investigação nesta área, incluindo os vários grupos de invertebrados terrestres e da flora criptogâmica, darão conhecimento de novas espécies à ciência e ao património natural da Madeira nos próximos anos.

	Endemismos
Flora vascular	145
Moluscos	171
Repteis	1
Aves	2

As espécies únicas e endémicas e os seus habitats singulares são muito importantes para a divulgação do património natural da Madeira e do seu valor turístico. Contudo é no grupo das aves que se encontra o maior valor turístico potencial ligado à observação de espécies sobretudo no grupo das aves marinhas cujas populações nidificantes nas ilhas do arquipélago são das mais importantes desta Região do Atlântico.

	Casais nidificantes
<i>Bulweria bulwerii</i>	6000-8000
<i>Calonectris diomedea</i>	16500-25000
<i>Puffinus assimilis</i>	3200-3700
<i>Puffinus puffinus</i>	n.a.
<i>Oceanodroma castro</i>	1500-2500
<i>Plagodroma marina</i>	150-250
<i>Pterodroma feae</i>	30
<i>Pterodroma madeira</i>	5-15
<i>Sterna dougallii</i>	150-300

3.4. ESPAÇOS NATURAIS – TENDÊNCIAS DE TRANSFORMAÇÃO

Mudança no conceito de gestão de áreas protegidas no PNM levou à abertura das áreas protegidas ao sector do turismo e a colocá-las ao serviço da atividade económica. Contudo, as condições de insularidade dotam as ilhas de grande fragilidade. As atividades humanas do passado transformaram significativamente os espaços naturais da madeira e os habitats para as suas espécies de modo que hoje são protegidos com estatutos elevados de conservação.

A atividade turística nos espaços naturais terrestres aumentou de forma muito significativa nos últimos 10 anos. Contudo, a ausência de estatísticas e informação sobre estas atividades não permite análise de tendências para avaliação das dinâmicas de transformação que estes espaços induzem no sector do Turismo.

De seguida elencam-se os principais problemas à preservação dos espaços naturais, dos habitats e espécies que podem resultar da atividade turística.

- **Fragmentação das manchas de Laurissilva**

A superfície original coberta pelos bosques de Laurissilva encontra-se muito reduzida. Na Madeira ocupa apenas 20% do território, 2% nos Açores e uma percentagem de quase 15% nas melhores ilhas das Canárias. As escassas manchas que ainda sobrevivem encontram-se muito fragmentadas por zonas agrícolas e por plantações florestais.

- **Pastoreio**

A influência do pastoreio sobre a flora da macaronésia é muito importante, pois não tem existido uma coevolução entre as espécies herbívoras e a vegetação, pela inexistência de grandes herbívoros selvagens nas ilhas. A flora macaronésica evoluiu alheia à pressão dos mamíferos herbívoros e não desenvolveu defesas para tal. Por isso, Desde 2003 que os

pequenos ruminantes (ovinos e caprinos) não ocorrem em pastoreio livre nas ilhas da Madeira e Porto Santo, tendo sido retirados através que indemnizações que premiou os proprietários dos animais. Relativamente a ovinos em pastoreio estes só ocorrem sob forma controlada e através da condução de pastores, no perímetro florestal das serras do poiso. Quanto aos bovinos, presentemente estes também ocorrem em áreas de pastoreio nas serras mas circunscritos a áreas identificadas e vedadas que estão adstritas a cooperativas de criadores.

- **Introdução/expansão de espécies exóticas/invasoras**

A introdução de espécies exóticas é um dos principais problemas de conservação nas ilhas. Quando as espécies introduzidas são capazes de se naturalizar, entram em competição com as espécies indígenas e inclusive podem chegar a hibridizar-se. Existem numerosos exemplos deste problema em todas as regiões. Por exemplo, a predação que exercem ratazanas e gatos sobre répteis e aves que nidificam no solo (aves marinhas e pombos da Laurissilva). Os coelhos e cabras também põem em perigo a flora autóctone, além de gerar graves problemas de erosão em certas zonas. Quanto à flora introduzida, o problema pode alcançar grandes dimensões dominando largamente a paisagem.

- **Desenvolvimento urbano**

O desenvolvimento urbano, em grande medida impulsionado pelo turismo, é um problema na Madeira. A preferência deste sector pela costa levou já à degradação de muitas faixas costeiras.

- **Excesso de visitantes**

O acesso descontrolado de turistas, o uso de veículos todo-o-terreno, e um número excessivo de visitantes conduzem à degradação dos espaços naturais. O consumo concentrado de alguns dos recursos turísticos da Madeira inseridos nos espaços naturais já começam a revelar nesses espaços alguns problemas, como é o caso de algumas levadas mais procuradas.

- **Alterações do terreno**

Algumas das encostas da Ilha da Madeira têm fortes inclinações, pelo que são muito sensíveis às grandes obras de engenharia onde seja necessário fazer grandes movimentações de terras, como estradas e canalizações. Algumas destas obras afetaram negativamente espécies de flora e da fauna. São disso exemplo alguns dos túneis e obras de estabilização de arribas que destruíram áreas de nidificação de espécies de aves.

- **Incêndios florestais**

Os incêndios florestais podem alcançar grandes proporções e provocar o desaparecimento de algumas espécies autóctones. Os incêndios de 2010 alteraram de forma dramática a paisagem florestal da Madeira com uma consequente degradação da sua qualidade turística, a qual tem vindo a ser recuperada nos últimos anos.

- **Pragas e doenças**

A dispersão de pragas e doenças nas ilhas pode ter efeitos sérios nas populações naturais. São muitos os exemplos conhecidos na literatura científica. Na Ilha da Madeira é particularmente notório e gravemente prejudicial à qualidade da oferta paisagística as grandes áreas florestais afetadas pelo nemátodo.

3.5. POTENCIALIDADES E RISCOS

Potencialidades

- Espécies únicas e habitats singulares
- Zonas remotas e insularidade
- *Birdwatching*, aves marinhas e floresta Laurissilva
- Projetos internacionais de conservação da natureza
- Melhoria de equipamentos e infraestruturas de visitaçãõ
- Melhoria da qualificação ambiental dos operadores turísticos
- Melhoria de parques florestais
- Aumento da promoção do turismo de natureza
- Manutenção dos acessos
- Capacitação de guias
- Melhoria da informação disponível para o turista

Riscos

- Fragmentação das manchas de Laurissilva
- Pastoreio
- Introdução/expansão de espécies exóticas/invasoras
- Desenvolvimento urbano
- Excesso de visitantes
- Alterações do terreno
- Incêndios florestais
- Pragas e doenças
- Poluição tópica e difusa
- Manutenção e segurança dos caminhos e percursos
- Falta de infraestruturas de suporte ao turismo em áreas mais remotas, como por exemplo WC, espaço público de acesso e utilização das praias, abrigos fechados ou em lugares desadequados
- Reduzido controlo no licenciamento de operadores turísticos
- Falta de planeamento e ordenamento florestal nas áreas privadas
- Elevado corpo legislativo para menor capacidade fiscalizadora

4. O MAR COMO RECURSO

4.1. ATRAÇÕES NATURAIS DO MAR

4.1.1. O mar enquanto recurso

As atividades turística, desportiva, recreativa e cultural com ligação ao mar têm vindo a ganhar importância crescente na RAM ao longo da última década, contribuindo decisivamente para o desenvolvimento da «Economia Azul» na Região.

Este conjunto de atividades que têm por suporte o mar, têm conseguido afirmar-se quer em complemento à oferta turística tradicional da Região - através da criação de novos produtos - quer através da melhoria contínua das condições de operação e dos acessos ao mar que, conjuntamente, reforçam o Turismo enquanto sector estratégico da economia madeirense.

O panorama geral de consolidação e de expansão destas atividades encontra fundamento não só na oferta crescente de infraestruturas de apoio, como também nas excelentes condições naturais reinantes no arquipélago ao nível do clima, agitação marítima, temperatura da água do mar, valores ecológicos marinhos presentes e na diversidade cénica das paisagens costeira e subaquática.

Atividades como os passeios marítimo-turísticos, o mergulho recreativo e a pesca turística, incipientes no início do século, revelam hoje uma dinâmica que ombreia em popularidade com outros produtos turísticos promovidos em terra.

Contudo, enquanto recurso natural primário, os serviços e outros recursos proporcionados pelo mar não se esgotam nas atividades turística, desportiva, recreativa e cultural. A pesca costeira, o transporte marítimo de passageiros e de mercadorias, e mesmo o fornecimento de energia (das ondas) e de matérias-primas minerais e orgânicas são igualmente suportadas pelo mar e fundos marinhos.

A pesca, recurso marinho explorado desde sempre pelo Homem, oferece um produto associável à gastronomia de qualidade procurado por muitos turistas. No entanto, regista-se na RAM, desde há alguns anos, uma redução progressiva no volume de pescado descarregado.

O tráfego regional de passageiros, referente à ligação inter-ilhas (Funchal - Porto Santo) assistiu a uma evolução muito significativa nos últimos 20 anos, após uma quebra de 2010 a 2013 tem vindo a recuperar, ultrapassando em 2015 os 260.000 passageiros transportados (Fonte: SER 2013,2014,2015). Para este incremento contribuiu também a implementação, em fevereiro de 2016 do subsídio social de mobilidade aos residentes na Madeira, nas deslocações, marítimas e aéreas entre ambas as ilhas.

Também o transporte marítimo de mercadorias, depois de registar no início do século valores recorde, experimentou reduções significativas até 2012, tendo estabilizado a partir de 2013 em torno das 1.500.000 toneladas/ano (Fonte: APRAM 2013, 2014, 2015).

A produção de energia *offshore* ainda não é uma realidade na RAM. Apesar da RAM ter atualmente uma penetração de fontes de energia renováveis na produção de eletricidade na ordem dos 30%, em que cerca de 10% é de origem eólica, tem sido possível, sem impacto ambiental significativo, a instalação deste tipo de aproveitamento *onshore*, grande parte concentrado no planalto do Paul da Serra. As metas definidas no plano de política energética regional apontam para o horizonte 2020, que 50% da eletricidade consumida tenha origem em fontes de energia renovável.

A construção da Ampliação do Aproveitamento Hidroelétrico da Calheta, atualmente em fase de arranque de obra, constitui um contributo muito importante para alcançar as metas definidas. Este importante projeto proporcionará o aumento da potência eólica a instalar na ilha da Madeira, passando dos atuais 45 MW para cerca de 70 MW, já aprovado, também na zona do Paul da Serra. De salientar que os últimos geradores eólicos instalados na Região têm uma potência unitária de 1,5 e de 3 MW, o que permite reduzir, significativamente, o número de máquinas a instalar, face às primeiras gerações instaladas (de 0,13 e 0,15 MW).

A construção de parques eólicos offshore não está excluída, tanto na Madeira como em Porto Santo, embora, nesta fase, ainda não estejam criadas as condições para tal, face aos sobrecustos e fator de escala requeridos para a sustentabilidade desses aproveitamentos. Além da componente eólica poder-se-á considerar outras fontes energéticas associadas ao mar, embora essas tecnologias ainda não se encontrem suficientemente maduras.

Além das fontes de energia renováveis tradicionais (hídrica, eólica e solar) encontra-se, na Ilha da Madeira, em fase de avaliação técnico-económica a possibilidade de explorar recursos geotérmicos profundos para produção de eletricidade a qual, a concretizar-se, reduzirá a expansão de outras fontes de energia renovável.

De igual modo, a exploração de matérias-primas minerais também é atualmente inexistente na RAM, pois não é ainda economicamente viável. Regista-se, contudo, a extração e dragagem de materiais inertes no leito das águas do mar territorial da Região, que são colocados à disposição das atividades de construção civil. Mas também esta atividade extrativa se reduziu substancialmente após o *boom* de obras públicas verificado nos anos 90 e início deste século.

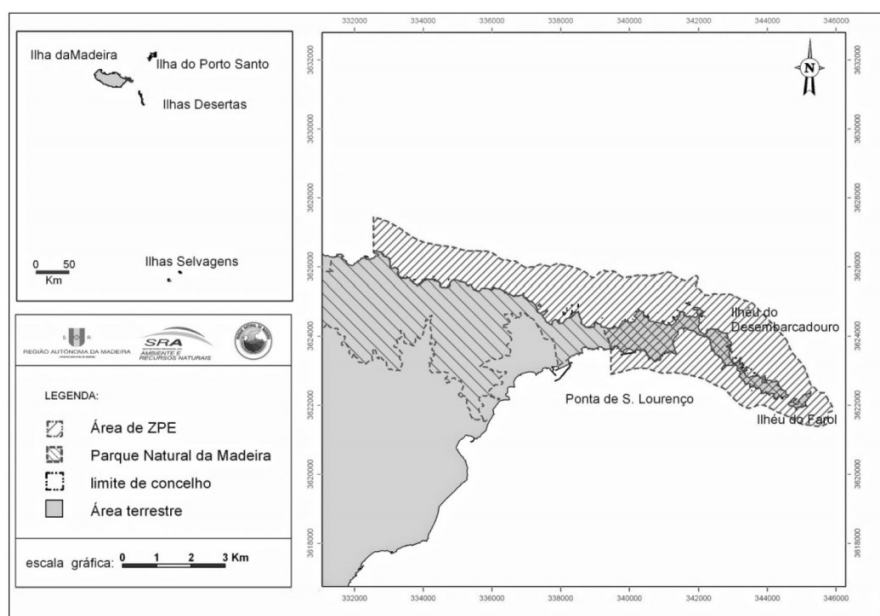
Há, por conseguinte, um universo de potencialidades que o mar enquanto recurso pode proporcionar à RAM na prossecução dos objetivos subjacentes ao desenvolvimento da «Economia Azul», da qual o sector do Turismo pode e deve continuar a tirar vantagens, sobretudo se nele conseguir incorporar continuamente o valor das inovações tecnológicas que se lhe oferecem.

4.1.2. Espaços naturais protegidos ou condicionados

Os espaços marinhos naturais protegidos na RAM têm como principal objetivo a salvaguarda dos recursos e valores biológicos do ecossistema marinho da Região. Na perspetiva turística estes espaços são de grande interesse na medida em que potenciam o desenvolvimento do mergulho recreativo, atividade em grande expansão não só na RAM como a nível global.

Na RAM registam-se como espaços naturais protegidos, abrangendo total ou parcialmente o ambiente marinho, as seguintes áreas classificadas como Zonas de Proteção Especial (ZPE) [Decreto Regulamentar Regional n.º 3/2014/M, de 3 de Março] e como Zona Especial de Conservação (ZEC) [Resolução (RAM) n.º 751/2009, de 2 de Julho]:

FIGURA 4.1.2.1. - ZPE DA PONTA DE SÃO LOURENÇO



REVISÃO DO PROGRAMA DE ORDENAMENTO TURÍSTICO DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA
Governo Regional
 Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura

FIGURA 4.1.2.2. - ZPE DAS ILHAS DESERTAS

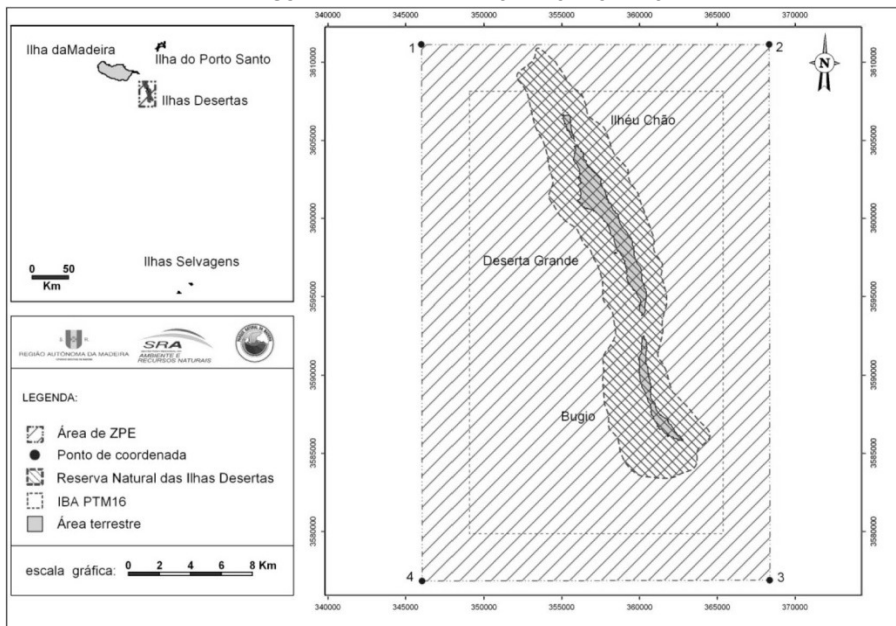


FIGURA 4.1.2.3. - ZPE DAS ILHAS SELVAGENS

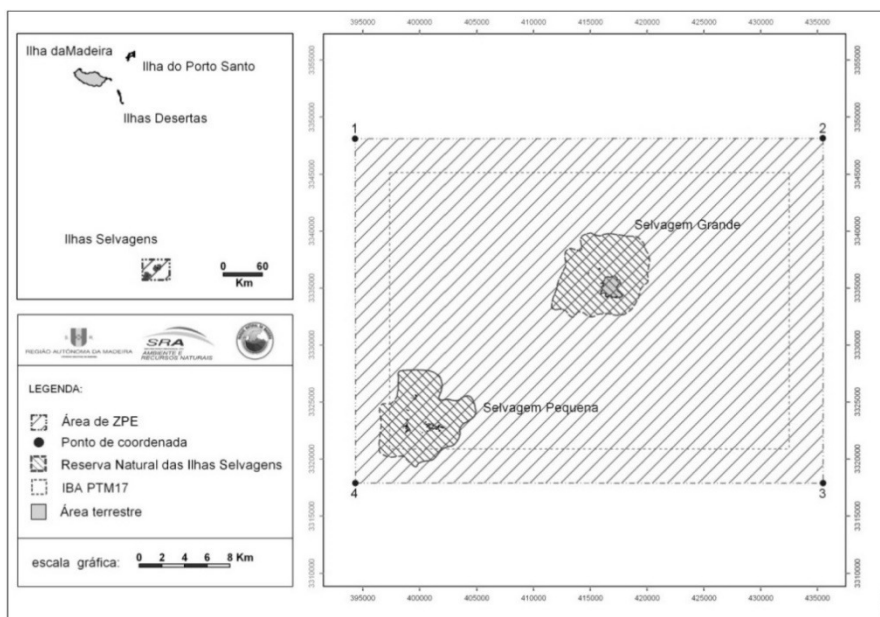
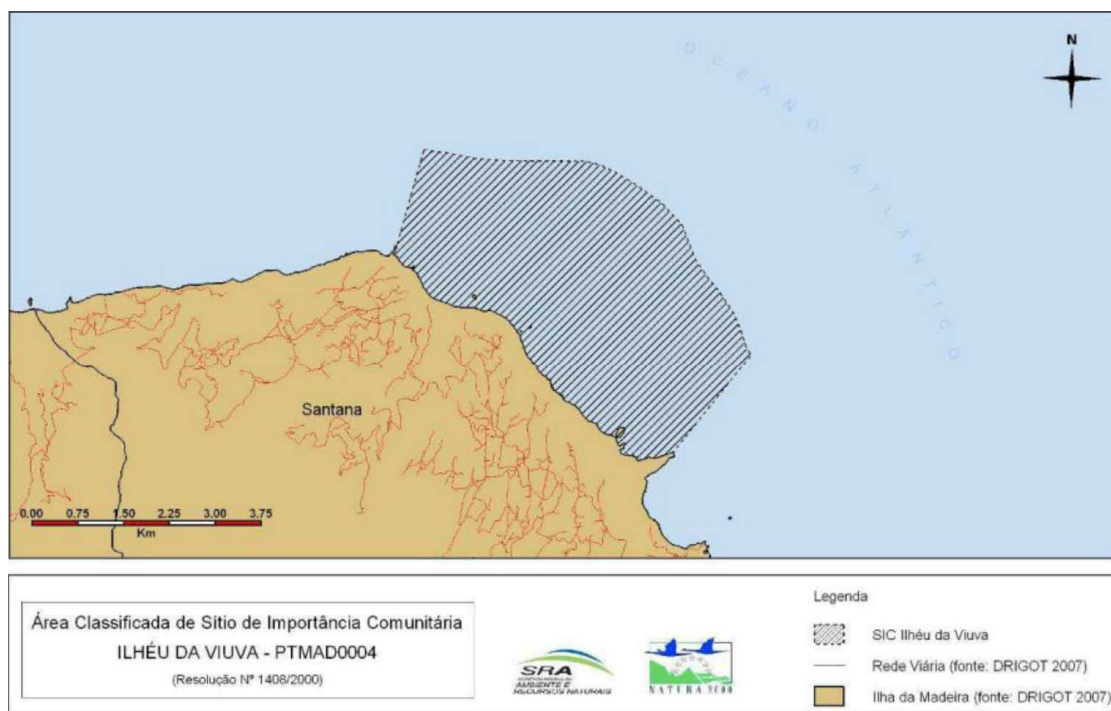


FIGURA 4.1.2.4. - ZEC DO ILHÉU DA VIÚVA



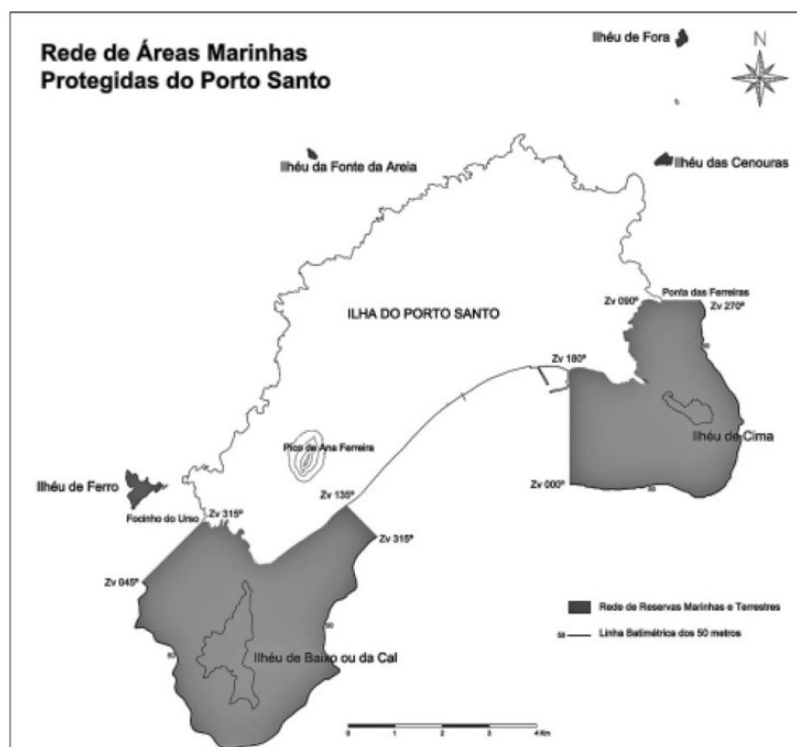
Localizada a nascente do Funchal destaca-se a Reserva Natural Parcial do Garajau, a primeira reserva marinha da RAM, criada em 1986 [Decreto Legislativo Regional n.º 23/86/M, de 4 de Outubro]. Ocupa uma extensão de costa de, aproximadamente, seis milhas e abrange uma área de 376 hectares. Fica compreendida entre a Ponta do Lazareto e a Ponta da Oliveira, a linha da preia-mar e a batimétrica dos 50m a sul ou em caso de dúvida, nunca antes dos 600m da costa.

FIGURA 4.1.2.5. - RESERVA NATURAL PARCIAL DO GARAJAU



Também na ilha do Porto Santo foi criada em 2008 [Decreto Legislativo Regional n.º 32/2008/M, de 13 de Agosto] a Rede de Áreas Marinhas Protegidas do Porto Santo que compreende a envolvente ao Ilhéu de Cima e Ilhéu de Baixo ou da Cal.

FIGURA 4.1.2.6. - REDE DE ÁREAS MARINHAS PROTEGIDAS DO PORTO SANTO



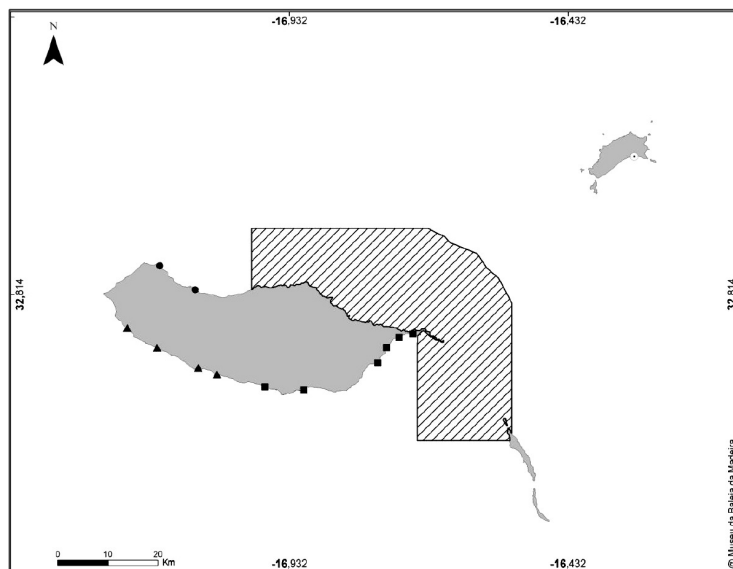
Embora com um estatuto diferente, dirigido à sustentabilidade da atividade Marítimo-Turística, regista-se uma área do espaço marítimo regional, com cerca de 1.021 km², na qual está excluída a atividade de observação de cetáceos [Portaria n.º46/2014, de 22 de Abril, da Secretaria Regional do Ambiente e Recursos Naturais da RAM].

A definição desta área é o resultado de diversos estudos científicos realizados pelo Museu da Baleia (Caniçal, Madeira), designadamente no âmbito do “Projeto CETÁCEOSMADEIRA II (2009-2013)”, em que foram inventariadas as áreas com maior interesse para a conservação de cetáceos, especialmente do golfinho-roaz, e o seu cruzamento com as áreas atuais de operação das embarcações de *whale-watching*.

Um dos objetivos desse estudo foi tentar estabelecer limites máximos à atividade de *whale-watching*, para determinação da capacidade de carga, no sentido de procurar minimizar o impacto da atividade sobre os cetáceos. Este trabalho permitiu definir áreas de operação para as embarcações de *whale-watching* com capacidades de carga distintas.

Estas áreas foram posteriormente reanalisadas em conjunto com outras entidades interessadas tendo-se chegado a uma solução de compromisso respeitante à definição de uma área que, pelo seu maior valor intrínseco relativo, para a conservação do golfinho-roaz, deverá ser excluída da atividade de observação.

FIGURA 4.1.2.7. - ÁREA EXCLUÍDA DA ATIVIDADE DE OBSERVAÇÃO DE CETÁCEOS



4.1.3. Águas balneares

Na RAM encontram-se identificadas 46 “águas balneares costeiras” e 24 “praias de banhos” qualificadas [Portaria n.º 154-C/2016, de 1 de Junho].

Regista-se uma evolução positiva relativamente ao ano precedente (mais 1 água balnear costeira), ainda maior quando considerado o ano de 2014 (mais 5). Desde 2014, apesar do saldo positivo de mais 5 “águas balneares”, na realidade acrescentaram-se mais 7 mas foram desclassificadas outras 2). As “águas balneares” acrescentadas foram, designadamente a Praia da Ribeira das Galinhas (Calheta), a Praia do Porto (Calheta), a Praia do Portinho (Calheta), a Praia da Serra de Água (Calheta), a Praia dos Anjos (Ponta do Sol), o Clube Naval do Seixal (Porto Moniz) e o Porto das Salemas (Porto Santo). Foram eliminadas da lista as praias de Boaventura (Santa Cruz) e São Fernando (Santa Cruz).

Constata-se que todos os concelhos da RAM dispõem, em 2016, de pelo menos uma área identificada como “águas balneares”, distribuindo-se da seguinte forma:

Concelho	Nº de “águas balneares”	Nº de “praias de banhos”
Funchal	10	9
Porto Santo	8	3
Santa Cruz	5	4
Machico	5	1
Calheta	5	1
Ponta do Sol	4	1
Porto Moniz	3	1
Câmara de Lobos	2	2

REVISÃO DO PROGRAMA DE ORDENAMENTO TURÍSTICO DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Governo Regional

Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura

S. Vicente	2	1
Santana	1	1
Ribeira Brava	1	0
TOTAL	46	24

4.2. INFRAESTRUTURAS DE ACESSO AO MAR EM APOIO AO TURISMO, RECREIO/LAZER E DESPORTO

4.2.1. Infraestruturas principais

A RAM dispõe atualmente de seis infraestruturas de acesso ao mar dotadas de abrigo contra agitação marítima, postos de amarração assentes em passadiços flutuantes, rampa varadouro, grua e outros serviços de apoio, consubstanciadas pelas Marinas e Portos de Recreio da Região.

Destas seis infraestruturas cinco localizam-se na ilha da Madeira, todas na costa Sul (concelhos do Funchal, Calheta, Santa Cruz e Machico), e uma na ilha do Porto Santo, disponibilizando cerca de 1.100 lugares de estacionamento em flutuação.

Algumas das características das Marinas e Portos de Recreio da RAM são as seguintes:

QUADRO 4.2.1.1. – CARACTERÍSTICAS DAS MARINAS E PORTOS DE RECREIO

Designação	Postos de amarração em flutuação	Parque seco	Comp. máx. da embarcação (m)	Operador/Gestor	Data de Construção
Marina do Funchal	240 (visitantes +20)	(desativado com as obras no Porto do Funchal)	20	Privado (Associação Marina Funchal)	1984
Marina da Quinta do Lorde	260	0	50	Privado (Quinta do Lorde)	2002
Porto de Recreio da Calheta	339	0	25	Público (Sociedade de Desenvolvimento da Ponta do Oeste, S.A.)	2005
Porto de Recreio de Santa Cruz	40/60 (se equipado com passadiços e fingers)	15/30 (nas instalações do late Clube de Santa Cruz)	15/20	Público (C.M. Santa Cruz)	2006
Porto de Recreio de Machico	70	0	20/25	Público (C.M. Machico)	2005
Marina do Porto Santo	140	40/50	50	Público (APRAM)	2002 (?) 2012(*)

* Beneficiação

Marina do Funchal – cais para embarcações visitantes



Marina da Quinta do Lorde – infraestrutura associada a empreendimento turístico (resort/hotel)



Porto de Recreio do Machico – acessos ao mar: rampa e grua



Entre este grupo de marinas e portos de recreio apenas a Marina do Funchal experimenta problemas de acolhimento encontrando-se a sua capacidade esgotada desde há muitos anos e existindo embarcações em lista de espera, condição que não favorece a atração de potenciais visitantes. Por outro lado, esta situação constitui uma oportunidade para as outras infraestruturas de náutica de recreio da Região captarem embarcações visitantes. Será importante referir também que existe já uma nova marina a leste do cais da cidade, no intradorso do cais 8, confinando com a Praça do Povo, a qual possibilitará melhorar e gerir a capacidade de carga global da Marina do Funchal.

O prolongado temporal que se registou em Dezembro de 2013 danificou severamente os Portos de Recreio de Santa Cruz, de Machico e da Calheta, tendo igualmente provocado danos nas restantes infraestruturas.

A Marina do Funchal, dada a antiguidade e uso intensivo a que se encontra sujeita, carece de amplas obras de beneficiação. Em menor escala, o Porto de Recreio da Calheta, uma infraestrutura nova, evidencia sinais de degradação acelerada.

4.2.2. Infraestruturas secundárias

Para além dos portos de recreio e marinas, infraestruturas de acesso ao mar por excelência, existem distribuídas por toda a zona costeira da RAM outras infraestruturas que proporcionam o acesso ao mar a pequenas embarcações, pranchas e equipamentos desportivos e recreativos ligados ao mar.

Trata-se, essencialmente, de rampas, pequenos portos, pontões e cais, que permitem aceder ao mar, embora nem sempre com condições de segurança adequadas:

Apresentam-se seguidamente, por concelho, as infraestruturas secundárias de acesso ao mar existentes na RAM.

Concelho do Funchal

- Centro Náutico de São Lázaro.

Concelho da Santa Cruz

- Cais do Porto Novo (norte);
- Cais de Santa Cruz (cabeceira oeste do aeroporto da Madeira);
- Cais do Caniço de Baixo (Nascente); e
- Cais do Caniço de Baixo (Poente).

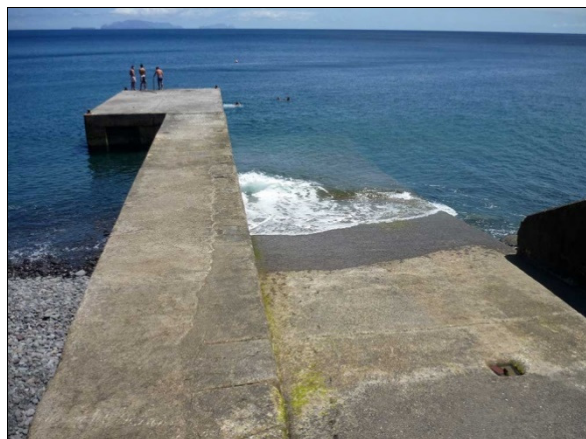
Concelho de Machico

- Cais e rampa de Machico (poente);
- Cais da praia de calhau de Machico;
- Rampa e cais do Caniçal (Centro Náutico da Ribeira do Natal / Assoc. Náutica da Madeira);
- Cais e rampa do Parque Desportivo de Água de Pena; e
- Cais e rampa do Porto da Cruz.

Cais e rampa de Machico (poente) e cais da praia de calhau rolado



**Cais e rampa da Associação Náutica da Madeira (Centro Náutico da Ribeira do Natal), Caniçal
(A) e respetivo pavilhão/hangar para estacionamento de embarcações (B)**

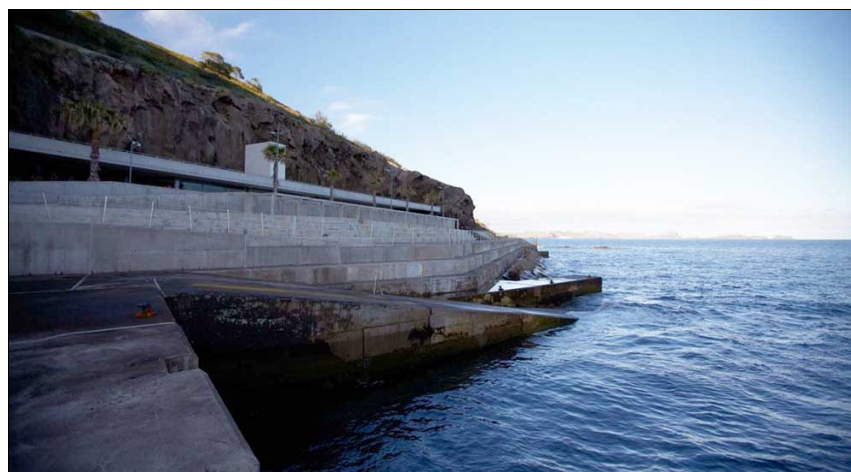


(A)



(B)

Cais e rampa e do Parque Desportivo de Água de Pena (cabeceira nascente do aeroporto)



Concelho de Porto Moniz

- Porto de Abrigo do Porto Moniz; e
- Porto de Abrigo do Seixal.

Porto de Abrigo de Porto Moniz com veleiros fundeados na bacia portuária e algumas embarcações de pesca costeira



Porto de Abrigo do Seixal. Grua do Clube Naval do Seixal



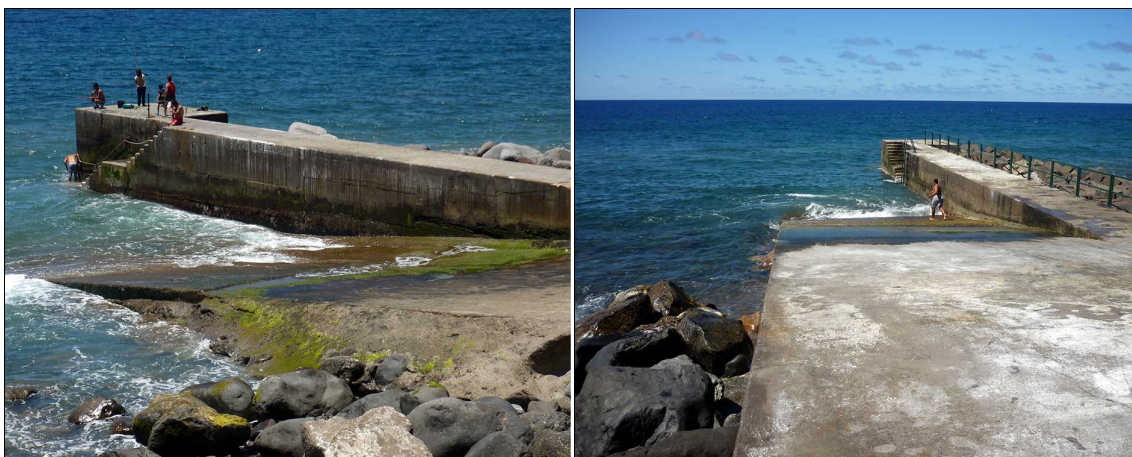
Concelho da Calheta

- Porto do Paul do Mar;
- Cais e rampa do Paul do Mar (poente); e
- Cais e Rampa do Jardim do Mar.

Porto do Paul do Mar, porto de pesca mas que dispõe de espaço para acolhimento de embarcações de recreio



Cais e rampa do Paul do Mar (pente) (A); e, cais e rampa do Jardim do Mar (B)



(A)

(B)

Concelho da Ribeira Brava

- Porto da Ribeira Brava; e
- Cais da Fajã dos Padres.

**Cais da Fajã dos Padres, acessível apenas por barco ou pelo elevador da Quinta Grande.
Dispõe de um espaço de solário**



Concelho de Câmara de Lobos

- Cais de Câmara de Lobos; e
- Rampa-varadouro de Câmara de Lobos.

Cais da Câmara de Lobos onde coexistem a pesca, as atividades náuticas e balneares



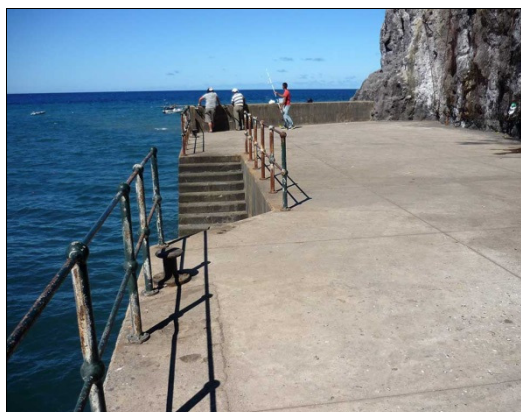
Rampa-varadouro do porto de pesca de Câmara de Lobos



Concelho da Ponta do Sol

- Cais da Madalena do Mar (Nascente);
- Rampa-varadouro da Madalena do Mar;
- Cais da Madalena do Mar (Poente); e
- Cais da Ponta do Sol.

Cais da Madalena do Mar (nascente) (A); e, Cais da Madalena do Mar (poente) (B)



(A)



(B)

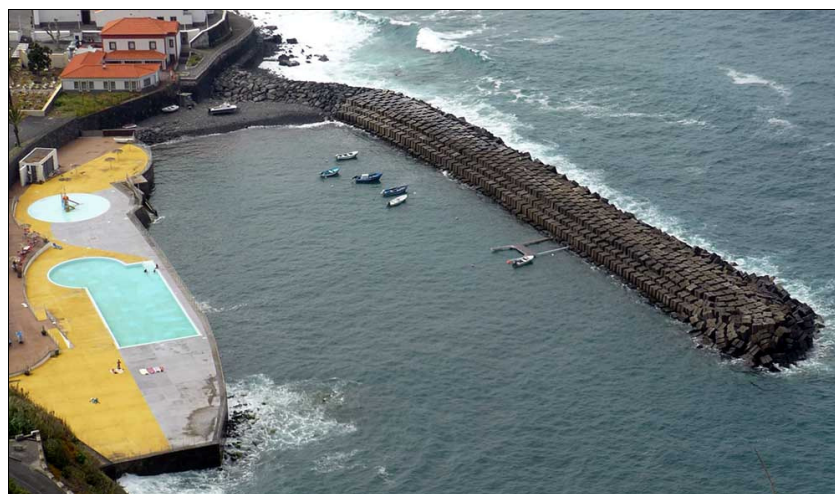
Cais da Ponta do Sol



Concelho de São Vicente

- Varadouro de Ponta Delgada; e
- Rampa-varadouro de S. Vicente (Clube Naval de S. Vicente).

Varadouro de Ponta Delgada, São Vicente, na praia de calhau rolado



Rampa e molhe de abrigo do Clube Náutico de São Vicente



4.2.3. Evolução da cadeia de apoios à navegação costeira

O POT da RAM concluído em 2002, e ainda em vigor, previa a criação de uma “Cadeia de Apoios” ao longo de toda a costa, por forma a permitir a navegação costeira em toda a sua extensão.

O principal critério utilizado para a localização das infraestruturas de apoio resultou da conjugação das condições naturais existentes com as necessidades de apoio à navegação de recreio.

A referida Cadeia de Apoio, proposta no POT, era composta por Portos Base, Portos de Escala e Embarcadouros.

Naquela data existia apenas um Porto Base, a Marina do Funchal, prevendo-se a criação de mais 3 Portos Base: no Machico, em Porto Moniz ou em alternativa em São Vicente, e em Porto Santo.

Atualmente as infraestruturas existentes nestes locais respeitam a:

Machico

Construído o Porto de Recreio de Machico na bacia portuária do Porto do Machico, beneficiando do abrigo proporcionado pelo molhe pré-existente. O Porto de Recreio está dotado de passadiços, rampa e grua para acesso das embarcações ao mar.

Porto Moniz

A opção recaiu sobre Porto Moniz em detrimento de São Vicente onde foi construído apenas um molhe de abrigo. Foi assim construído o Porto de Abrigo de Porto Moniz que embora proporcione abrigo a embarcações de recreio não lhes disponibiliza condições adequadas de estacionamento.

Porto Santo

No interior do Porto de Porto Santo foram melhoradas as condições de acostagem pré-existentes para servir a frota de recreio. Foram assim instalados passadiços flutuantes, para acostagem das embarcações de recreio, e criados alguns serviços de apoio à frota de recreio.

No que respeita a Portos de Escala foram previstos em 6 locais, 5 na costa sul e 1 na costa norte, designadamente:

Calheta

Construído o Porto de Recreio da Calheta que constitui hoje uma das infraestruturas mais importantes.

Madalena do Mar

Mantém-se atualmente a situação existente em 2002

Lugar de Baixo

Iniciou-se em 2003 a construção da designada “Marina do Lugar de Baixo” mas a sua conceção e/ou construção não atingiram os objetivos pretendidos, encontrando-se hoje numa situação de abandono.

Ribeira Brava

Mantém-se atualmente a situação existente em 2002, apenas um pequeno porto de pesca.

Quinta do Lorde

Construída a Marina da Quinta do Lorde que constitui hoje uma das infraestruturas mais importantes de apoio à náutica de recreio na RAM.

Porto da Cruz

Mantém-se atualmente a situação existente em 2002, um cais e uma rampa para acesso ao mar.

As infraestruturas mais ligeiras propostas no POT de 2002 respeitavam a embarcadouros, estando prevista a construção/beneficiação de 11 destas infraestruturas, designadamente:

Paul do Mar

Em 2002 estava em construção um pequeno porto para abrigo da frota local de pesca costeira e artesanal mas que permite o acolhimento de embarcações recreio passantes, todavia de forma precária. Neste momento, necessita de reforço do manto de proteção para evitar o colapso do muro cortina

Ponta do Sol

Mantém-se atualmente a situação existente em 2002. Está prevista para 2017 a reparação das argamassas dos muros e arco de alvenaria do cais e pinturas.

Câmara de Lobos

Mantém-se atualmente a situação existente em 2002, um cais de apoio à frota local de pesca. Permite acolher embarcações de recreio passantes, todavia de forma precária.

Santa Cruz

Estava prevista a construção de um embarcadouro mas acabou por ser construído um Porto de Recreio, podendo funcionar como Porto de Escala.

Caniçal

Na zona do Caniçal existe o Porto do Caniçal desde 1990, o qual foi ampliado em 2005. É um porto de mercadorias com um sector de pesca. A nível da náutica de recreio mantém-se atualmente a situação existente em 2002, i.e. uma rampa, partilhada com a pesca, para aceder à água.

Baía d' Abra

Não foi construída qualquer infraestrutura de apoio à náutica de recreio. Este local apresenta condicionantes relacionadas com a Conservação da Natureza. É todavia, utilizado para a produção aquícola.

Porto do Farol

Não foi construída qualquer infraestrutura de apoio à náutica de recreio.

Ponta Delgada

Foi construído um molhe de abrigo mas sem cais no tardoz. Permite abrigar pequenas embarcações mas em condições muito precárias.

Seixal

Foi construído o Porto de Abrigo do Seixal que embora proporcione abrigo a embarcações de recreio não lhes disponibiliza condições adequadas de estacionamento.

Porto dos Frades (ilha do porto Santo)

Não foi construída qualquer infraestrutura de apoio à náutica de recreio.

Zimbralinho (ilha do porto Santo)

Não foi construída qualquer infraestrutura de apoio à náutica de recreio.

A concretização das propostas previstas no POC de 2002, a nível das infraestruturas de acesso ao mar, foi apenas parcial.

Constata-se que os 3 Portos de Base propostos foram concretizados. Relativamente aos Portos de Escala foram propostos seis tendo sido concretizados apenas 2. Quanto às infraestruturas mais ligeiras, os embarcadouros, foram apenas concretizadas 4 das 11 propostas.

4.2.4. Estaleiros navais

As atividades de manutenção e reparação de embarcações são uma componente importante para o nível de qualidade e de operacionalidade da frota residente de embarcações de náutica de recreio, nas suas diversas tipologias e atividades a que estão afetas. É também importante para a assistência à frota visitante que escala os portos da Região e se pretende incrementar na Região.

Na RAM existem atualmente dois estaleiros navais que disponibilizam serviços de apoio às embarcações de náutica de recreio, designadamente:

- **Estaleiros Navais do Caniçal**, no Porto do Caniçal; e
- **Estaleiro Naval do Porto Santo**, no Porto de Porto Santo (APRAM).

Existiam também outros dois estaleiros que estão neste momento inoperacionais, mas que poderão vir no curto espaço de tempo a voltar a prestar serviços:

- **Estaleiros Navais dos Socorridos**, em Câmara de Lobos (atualmente inoperativa embora a concessão de exploração a um novo concessionário esteja para ser decidida em breve); e
- **Rep Marítima Estaleiro** (Quinta do Lorde), localizado por debaixo da pista do Aeroporto Internacional da Madeira, freguesia de Água de Pena em Machico (inoperacional, está também equacionado o processo de resgate da concessão ao antigo concessionário).

4.2.5. Síntese das infraestruturas de acesso ao mar

Para além das infraestruturas de acesso ao mar em apoio ao turismo, recreio/lazer e desporto, a RAM dispõe de outros portos que de alguma forma contribuem para o desenvolvimento da atividade turística, quer por via do abastecimento de mercadorias e transporte de passageiros, quer por desempenharem funções específicas no âmbito das atividades marítimo-portuárias.

Nesse sentido, produziu-se uma síntese que sistematiza o conjunto da totalidade de infraestruturas de acesso ao mar na RAM, organizadas em função da sua importância, funções e valências disponibilizadas. A representação desta síntese é realizada sob a forma de quadro e esquema gráfico com a localização dessas infraestruturas.

Nesta síntese consideraram-se também os Portos principais e outros Portos especializados no sentido de dar uma visão de conjunto da totalidade das infraestruturas de acesso ao mar existentes na RAM.

A referência aos Portos do Funchal e do Porto Santo justifica-se na medida em que têm relação direta com o turismo, funcionando como portos de escala de navios de cruzeiro.

Já os Portos especializados (Porto do Posto de Socorros a Náufragos, junto ao aeroporto da Madeira, e o Porto Novo, que funciona como terminal de inertes, recepção de lamas de ETAR e de expedição de resíduos para valorização no Continente) embora não reúnam condições para funcionar em apoio às atividades náuticas (turística, desportiva e recreativa/lazer) dadas as limitações em terra nesses locais, não deixam de constituir pontos de apoio em eventuais situações de emergência no mar.

No que respeita à distribuição espacial das infraestruturas de acesso ao mar a análise da figura anterior evidencia duas situações distintas:

- O reduzido número de infraestruturas de acesso ao mar na costa Norte, embora grande parte dispondo de obras de abrigo;
- A elevada concentração de infraestruturas de acesso ao mar nos concelhos de Santa Cruz e Machico, na costa Sul.

Em contraponto à costa sul constata-se que a costa norte apresenta menor densidade populacional e de oferta de alojamento turístico, a que acresce uma agitação marítima mais energética. Estes fatores deverão, em grande parte, justificar essa diferença.

Por outro lado, nos concelhos de Santa Cruz e Machico, a elevada concentração de infraestruturas deverá estar associada não só a melhores condições do ponto de vista da agitação marítima, como ao facto do centro de gravidade socioeconómica da ilha se encontrar ligeiramente deslocado para nascente da cidade do Funchal.

REVISÃO DO PROGRAMA DE ORDENAMENTO TURÍSTICO DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

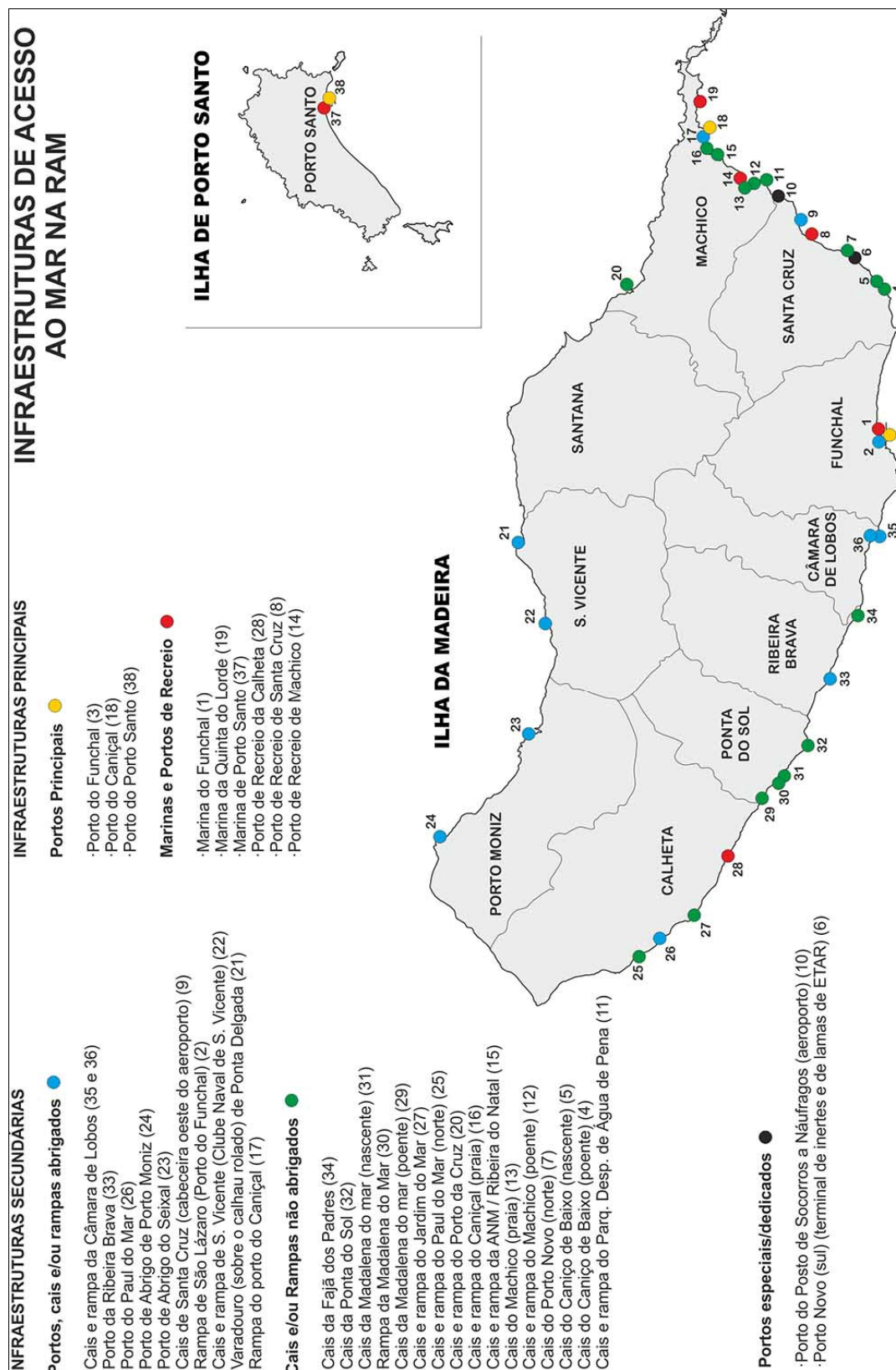
Governo Regional

Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura

QUADRO 4.2.5.1. - SÍNTESE DO CONJUNTO DE INFRAESTRUTURAS DE ACESSO AO MAR NA RAM

INFRAESTRUTURAS DE ACESSO AO MAR NA RAM	ATIVIDADES, EQUIPAMENTOS E SERVIÇOS																								
	Transporte de passageiros	Transporte de mercadorias	Escala de navios de ruzeiro	Escala de mega-lates	Escala de lates e veleiros	Ativid. marítimo-turística (MT)	Pesca costeira	Pesca artesanal	Vela (desporto/lazer)	Remo (desporto/lazer)	Rampa	Acesso de reboque à rampa	Acesso de reboque ao cais	Passadiços flutuantes	Grua	Parque seco	Combustível	Água	Eletricidade	Sanitários	Balneários	Recolha de resíduos	Pump-out	Segurança/vigilância	
INFRAESTRUTURAS PRINCIPAIS																									
Portos Principais																									
Movimento de mercadorias e/ou de passageiros, inter-ilhas e com o exterior, e pesca																									
Porto do Funchal (3)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Porto do Caniçal (18)	●																								
Porto do Porto Santo (38)	●	●	●	●	●	●	●	●										●	●	●	●	●	●	●	●
Marinas e Portos de Recreio																									
Acesso ao mar em apoio ao turismo (MT), recreio/lazer e desporto																									
Marina do Funchal (1)				●	●			●	●			●	●				●	●	●	●	●	●	●	●	●
Marina da Quinta do Lorde (19)				●	●			●	●			●	●				●	●	●	●	●	●	●	●	●
Marina de Porto Santo (37)				●	●			●	●			●	●				●	●	●	●	●	●	●	●	●
Porto de Recreio da Calheta (28)				●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Porto de Recreio Santa Cruz (8)				●	●			●	●			●	●				●	●	●	●	●	●	●	●	●
Porto de Recreio de Machico (14)				●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●				●	●	●	●	●	●
INFRAESTRUTURAS SECUNDÁRIAS																									
Portos, Cais e/ou rampas abrigados																									
Acesso ao mar em apoio ao turismo, recreio/lazer, desporto e à pesca (artesanal e costeira), podendo dispor de alguns serviços e/ou equipamentos dedicados (grua, rampa, passadiços flutuantes, etc.)																									
Cais e rampa da Câmara de Lobos (35 e 36)				●	●	●	●			●	●	●	●	●	●	●									
Porto da Ribeira Brava (33)				●	●	●	●					●	●	●	●	●									
Porto do Paul do Mar (26)				●	●	●	●					●	●	●	●	●									
Porto de Abrigo de Porto Moniz (24)				●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●									
Porto de Abrigo do Seixal (23)				●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●									
Cais de Santa Cruz (cabecera oeste do aeroporto) (9)				●	●			●	●			●	●												
Rampa de São Lázaro (Porto do Funchal) (2)									●	●	●	●	●												
Cais e rampa de S. Vicente (Clube Naval de S. Vicente) (22)										●	●	●													
Varadouro (sobre o calhau rolado) de Ponta Delgada (21)								●																	
Rampa do porto do Caniçal (17)												●	●												
Cais e/ou Rampas não abrigados																									
Acesso ao mar em apoio ao turismo, recreio/lazer, desporto e à pesca (artesanal)																									
Cais da Fajã dos Padres (34)						●																			
Cais da Ponta do Sol (32)																									
Cais da Madalena do mar (nascente) (31)								●				●	●												
Rampa da Madalena do Mar (30)								●																	
Cais da Madalena do mar (poente) (29)																									
Cais e rampa do Jardim do Mar (27)												●	●												
Cais e rampa do Paul do Mar (norte) (25)												●	●												
Cais e rampa do Porto da Cruz (20)												●	●												
Cais e rampa do Caniçal (praia) (16)												●	●												
Cais e rampa da ANM / Ribeira do Natal (15)												●	●												
Cais do Machico (praia) (13)																									
Cais e rampa do Machico (poente) (12)												●	●												
Cais e rampa do Parq. Desp. de Água de Pena (11)									●	●	●	●							●						
Cais do Porto Novo (norte) (7)																									
Cais do Caniço de Baixo (nascente) (5)																									
Cais do Caniço de Baixo (poente) (4)																									
Portos especiais/dedicados																									
Porto do Posto de Socorros a Náufragos (aeroporto) (10)																									
Porto Novo (sul) (terminal de inertes e lamas de ETAR) (6)												●	●	●					●						

FIGURA 4.2.5.1. - LOCALIZAÇÃO DAS INFRAESTRUTURAS DE ACESSO AO MAR NA RAM



4.3. FORMAS DE CONSUMO DAS ATRAÇÕES NATURAIS DO MAR

4.3.1. Passeios organizados

Os passeios de mar organizados por operadores marítimo-turísticos continuam, após quase duas décadas de atividade, a evidenciar franco crescimento na RAM.

A observação de vertebrados marinhos (cetáceos, tartarugas e lobos-marinhos) a poucas milhas da linha de costa, os passeios ao longo da costa, o restaurante flutuante e os passeios às Ilhas Desertas (com aproximadamente 3 mil visitantes ano), que incluem visita guiada a terra, bem como viagens mais longínquas até às Ilhas Selvagens, são os principais produtos comercializados por esta modalidade de animação turística.

A larga maioria dos operadores encontra-se sediada no Porto do Funchal, havendo, contudo, três operadores sediados no Porto de Recreio da Calheta e um no Porto de Recreio do Machico.

Para realizar a atividade de observação de cetáceos as embarcações dirigem-se normalmente para sul e sudeste da costa da Madeira, embora ao longo de toda a costa sul possam ser observados cetáceos.

Para disfrutar das paisagens costeiras as embarcações dão preferência ao rumo oeste, em direção ao Cabo Girão, uma zona bastante abrigada dos ventos mas navegam também por vezes no rumo oposto, em direção a nascente, até à zona da Ponta de São Lourenço, aproveitando para fundear na Baía d'Abra, onde os turistas podem nadar, mergulhar e relaxar. Algumas empresas realizam ainda viagens noturnas e passeios para ver o pôr-do-sol.

Existem poucos dados relativamente ao número de turistas envolvidos na observação de cetáceos. Em 2004, o “Relatório da Caracterização da Atividade de *Whale Watching* e Avaliação dos seus Impactos”, elaborado pelo Museu da Baleia (Caniçal, Madeira), estimava que esse número rondasse os 50 mil por ano, referenciando 11 embarcações envolvidas na atividade, incluindo lanchas rápidas (com capacidade para 40 a 80 passageiros), veleiros (cerca de 20 passageiros), catamarãs (50 a 90 passageiros), uma réplica de nau (cerca de 100 passageiros) e uma lancha com casco de fundo de vidro (14 passageiros). Mais recentemente, a mesma instituição refere cerca de 60 mil turistas por ano envolvidos nos cruzeiros marítimo-turísticos.

Atualmente o número de embarcações registadas nas capitánias dos Portos do Funchal e do Porto Santo afetas ao exercício da atividade marítimo-turística é de 46 embarcações, pertencentes a diversas empresas, algumas com pelo menos duas embarcações. Este número inclui também embarcações afetas à modalidade de Pesca Turística e embarcações auxiliares, estimando-se em 21 o número de embarcações a exercer a atividade marítimo-turística na modalidade de passeios organizados.

REVISÃO DO PROGRAMA DE ORDENAMENTO TURÍSTICO DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Governo Regional

Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura

As entrevistas realizadas em maio de 2014 a diversos operadores levam a admitir que em 2013 podem ter sido transportados mais de 100.000 turistas em embarcações a exercer a atividade marítimo-turística sob a forma de passeios organizados. O quadro seguinte apresenta uma listagem dos principais operadores marítimo-turísticos em atividade na RAM e algumas características das suas embarcações.

QUADRO 4.3.1.1. - EMBARCAÇÕES DOS PRINCIPAIS OPERADORES MARÍTIMO-TURÍSTICOS EM ATIVIDADE NA RAM

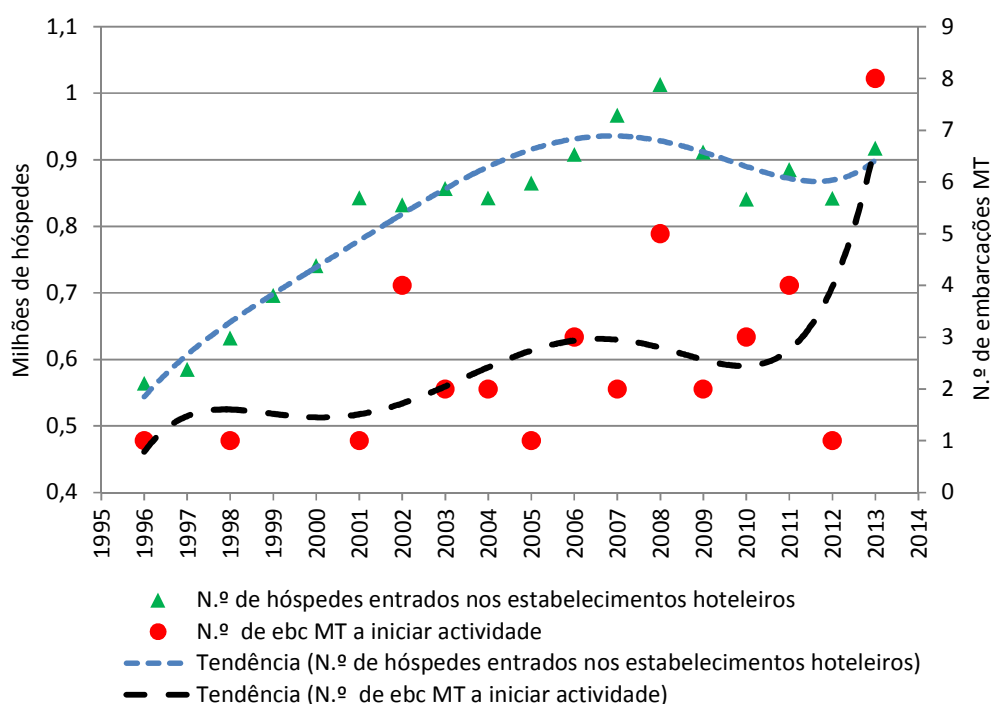
Empresa	Início da atividade	Porto base	Embarcações			
			Tipo	Comprim. (m)	Data Construção	Capacid. (passag.)
Lobosonda	2003	Porto de Recreio da Calheta	Xavelha "Ribeira Brava"	12	1964 (restaurado em 2003)	12
			Semi-rígido "Stenella"	9	2011	12
H2O Madeira	2012	Porto de Recreio da Calheta	Semi-rígido "Pampero"	8	-	12
Bonita da Madeira	-	Porto do Funchal	Veleiro "Bonita da Madeira"	23	1996	50
Prazer do Mar - Madeira Catamaran	2004	Porto do Funchal	Catamarã "Prazer do mar" (Sea Pleasure)	19,5	2004	70
			Catamarã "Melhor do Mar" (Sea the Best)	22,8	2008	98
Santa Maria	1997	Porto do Funchal	Nau "Santa Maria de Colombo"	22	1998	100
Ventura do Mar	2000	Marina do Funchal	Veleiro "Ventura do Mar"	16	1963	-
			Semi-rígido "Tiger"	7,5	2012	12
Rota dos Cetáceos	2007	Marina do Funchal	Catamarã "Rota dos Cetáceos"	13	2008	50
			Semi-rígido "Cetáceo I"	8,6	2007	12
			Semi-rígido "Cetáceo II"	8,6	2007	12
Nautisantos - Sea Born Madeira Catamaran	2004	Porto do Funchal	Catamarã "Nascido do Mar" (Sea Born)	22,8	2004	-
			Catamarã "Celtus" (Sea Born II)	22,8	2008	-
Mar Dourado	2003	Porto do Funchal	Catamarã "Zona Cat"	18,15	-	40
Gavião Viagens Turísticas	1996	Marina do Funchal	Veleiro "Gavião"	13,3	1997	20
Nautipos	2009	Porto de Recreio da Calheta	Canoa "Milan"	8,1	2011(?)	12

No gráfico seguinte ilustra-se a evolução anual do n.º de embarcações registadas nas capitania dos portos da RAM a exercer a atividade marítimo-turística, a par com a evolução do n.º de hóspedes entrados nos estabelecimentos hoteleiros da RAM.

Constata-se para os anos mais recentes uma tendência de forte crescimento do n.º de embarcações a exercer a atividade marítimo-turística que não está alinhada com o n.º de hóspedes entrados nos estabelecimentos hoteleiros da RAM, facto que faz admitir a existência de uma margem de progressão importante para os passeios organizados de observação de vertebrados marinhos.

Com efeito, num período em que se assistia à redução do número de turistas na RAM, os operadores marítimo-turísticos continuaram a investir no negócio dos passeios organizados de observação de vertebrados marinhos o que pode ser justificado pela procura crescente desta atividade.

FIGURA 4.3.1.1. - EVOLUÇÃO ANUAL DO N.º DE EMBARCAÇÕES A EXERCER A ATIVIDADE MARÍTIMO-TURÍSTICA E EVOLUÇÃO DO N.º DE HÓSPEDES ENTRADOS NOS ESTABELECIMENTOS HOTELEIROS DA RAM (1996-2013)



Na perspetiva da operacionalidade às atividades ligadas às marítimo-turísticas foi construída uma nova marina a leste do cais da cidade sendo que desde início de 2016, que a maior parte das embarcações a utilizam. Está em curso um procedimento que visa a instalação de 10

quiosques na nova marina para criação de pontos de venda das empresas que lá fazem as manobras de embarque/desembarque de passageiros.

Outros 10 quiosques serão instalados na marina do Funchal para substituição dos atualmente existentes, de modo a que o formato e *layout* seja uniforme nas duas marianas contrariamente ao cenário atual.

4.3.2. Pesca turística (*Big Game Fishing*)

A RAM dispõe de condições ótimas para o desenvolvimento da pesca turística enquanto modalidade marítimo-turística. Por um lado, a profundidade das águas atinge os 1.000 m muito perto da costa. Por outro, beneficia de uma localização sobre as rotas migratórias de espécies pelágicas como os espadins, atuns, espadarte, dourado e tubarões, pelo que podem encontrar-se zonas de pesca excelentes a poucos minutos de distância dos portos da Região.

Normalmente os praticantes de pesca turística alugam a embarcação com tripulação e passam várias horas no mar.

A época do espadim azul começa em Maio e vai até Outubro e a do atum patudo vai de Março a Junho.

Pese embora esta atividade envolva um muito menor número de praticantes quando comparada com os passeios organizados, os preços praticados por participante são bastante mais elevados.

Regista-se, pelo menos, a existência de oito empresas e 13 embarcações distribuídas pela Marina do Funchal, Porto de Recreio da Calheta e Porto de Recreio do Machico que oferecem serviços de pesca turística.

Algumas das embarcações não aparecem listadas no registo da Autoridade Marítima relativo às capitánias dos Portos do Funchal e do Porto Santo. Alguns operadores estabelecidos no Porto do Funchal aventam a possibilidade de existir concorrência desleal nesta atividade por parte de operadores estrangeiros cujo processo de divulgação, reservas e pagamentos da atividade é totalmente feito a partir do exterior utilizando a internet. Eventualmente a atividade pode carecer de fiscalização mais exigente, ou mesmo de lacuna legislativa.

4.3.3. Náutica de recreio

De uma forma geral, nos países ocidentais, a Náutica de Recreio é um sector que apresenta desde há muitos anos taxas de crescimento superiores às taxas de crescimento da economia,

umentando, conseqüentemente, todos os anos o número de novos praticantes. Trata-se, com efeito, de uma atividade que, mercê do fascínio que desperta, atrai e conquista inúmeros praticantes.

“O Turismo Náutico e a Náutica de Recreio têm sido encarados, pelos países mais desenvolvidos da Europa como sectores relevantes do ponto de vista económico, contribuindo de forma ativa para elevar os padrões de qualidade do turismo, gerador de importantes externalidades, e que não está muito dependente da sazonalidade da atividade turística. Por estas razões, as estratégias conduzidas pelos governos destes países, têm-se orientado pela criação de planos de ação que visam desenvolver a Náutica de Recreio como uma atividade económica relevante.” (Náutica de Recreio em Portugal, 2012)³

A Náutica de Recreio é um conceito amplo que engloba a atividade desportiva, a navegação de recreio, a vela, a pesca turística, o mergulho, a motonáutica, a canoagem, etc., modalidades que promovem a ligação e contacto com a água. É, no entanto, no mar que a sua dimensão se revela com maior intensidade pelo desafio e diversidade de modalidades que oferece aos praticantes.

A náutica de recreio ocupa hoje uma parcela importante no conjunto de atividades que se podem realizar nos tempos de lazer. A existência de um bom mercado potencial quer a nível regional e nacional, quer a nível global, a par do carácter económico da atividade, enquanto geradora de riqueza, conferem-lhe um papel importante no desenvolvimento de territórios com potencial turístico, como é bem o caso da RAM.

Conscientes desta realidade as entidades nacionais responsáveis pelo desenvolvimento e promoção das atividades económicas ligadas ao mar relevam na *Estratégia Nacional para a Gestão Integrada da Zona Costeira* (RCM n.º 82/2009) e na *Estratégia Nacional para o Mar* (RCM n.º 12/2014), a importância da Náutica de Recreio nos seguintes moldes:

[ENGIZC]

As boas potencialidades que a zona costeira tem devido às condições naturais, de paisagem e de segurança nas zonas de acostagem, bem como ao nível de equipamentos e apoios técnicos disponíveis justificam o aumento significativo do número de marinas e portos de recreio registado nos últimos anos. A náutica de recreio afirma-se como produto complementar do turismo sol e praia, promovendo a criação de emprego diferenciado e o surgimento de atividades a montante e a jusante, e contribui para a defesa de valores ambientais, para uma maior ligação da população ao mar e para o dinamismo das comunidades locais.

Na RAM a Náutica de Recreio é um sector que evidencia grande entusiasmo mercê das excelentes condições naturais, de paisagem e, de um modo geral, da segurança nas zonas de acostagem para o desenvolvimento da sua prática.

³ Náutica de Recreio em Portugal, Grupo de Trabalho da Náutica de Recreio, 2012

Pese embora na RAM o processo de infraestruturização da linha de costa com Portos de Recreio e Marinas não esteja ainda concluído para se garantirem bons níveis de acolhimento, maior segurança e comodidade em cruzeiros de circunavegação da ilha da Madeira e no acesso ao mar em mais locais, é notório o esforço realizado pela Região nos últimos anos.

Com efeito, no início do século XXI a RAM dispunha apenas de uma infraestrutura para abrigo de embarcações de recreio devidamente equipada: a Marina do Funchal. Esta marina já naquela data se encontrava com ocupação plena, que se mantém ainda hoje, continuando a existir lista de espera para estacionamento de embarcações.

Entretanto, foram construídas mais 5 infraestruturas, mencionadas em secção anterior deste documento, que oferecem hoje cerca de 1.100 lugares de estacionamento em flutuação, contra cerca de 240 (Marina do Funchal) no ano 2000.

No que respeita à frota da náutica de recreio residente encontram-se atualmente registadas na RAM 1287 embarcações distribuídas da seguinte forma:

QUADRO 4.3.3.1. – REGISTO DE EMBARCAÇÕES DA FROTA DE RECREIO NA RAM, POR TIPOLOGIA

Atividade	Porto Santo	Funchal	RAM
Desportiva	52	1	53
Marítimo Turística	4	42	46
Recreio	109	1.079	1.188
Total	165	1.122	1.287

(Fonte: Direcção-Geral da Autoridade Marítima, em junho de 2014)

A larga maioria das embarcações registadas na RAM está afeta à atividade de recreio, cerca de 92% da frota. A atividade marítimo-turística reúne 3,6% da frota enquanto as embarcações de desporto representam 4,1%.

Atendendo a que o registo de embarcações propriedade dos clubes de vela e canoagem e dos seus atletas não é obrigatório, a frota de náutica de recreio da RAM será certamente superior, estimando-se que pelo menos 500 embarcações possam incluir-se neste âmbito.

No que se refere aos segmentos de comprimento a frota é dominada por embarcações da classe I (< 6 m), cerca de 82%, seguida da classe II (6 a 8 m) com cerca de 10,7%.

REVISÃO DO PROGRAMA DE ORDENAMENTO TURÍSTICO DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Governo Regional

Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura

QUADRO 4.3.3.2. - CLASSES DE COMPRIMENTO DA FROTA DE NÁUTICA DE RECREIO REGISTRADA NA RAM

Classe / segmento	Porto Santo		Funchal		RAM	
	N.º Ebc's	%	N.º Ebc's	%	N.º Ebc's	%
Classe I - (< 6 m)	98	91,6	848	81,1	946	82,0
Classe II - (6 – 8 m)	5	4,7	118	11,3	123	10,7
Classe III - (8 – 10 m)	3	2,8	34	3,3	37	3,2
Classe IV - (10 – 12 m)	0	0,0	27	2,6	27	2,3
Classe V - (12 – 15 m)	0	0,0	17	1,6	17	1,5
Classe VI - (>15 m)	1	0,9	2	0,2	3	0,3
TOTAL	107	100	1.046	100	1.153	100

Considerando, por amostra, que cerca de metade das embarcações registadas na RAM têm comprimento inferior a 4,5 m, dimensão cómoda para transportar e estacionar em terra (ou na “garagem”) a embarcação, admite-se que as necessidades de estacionamento em flutuação para a frota residente sejam na ordem de 650 a 750 lugares. Naturalmente que no período do verão a procura por estacionamento a nado aumenta uma vez que a náutica de recreio se assume como atividade com alguma sazonalidade, isto apesar de a RAM reunir condições para a atividade se realizar praticamente todo o ano.

A data de construção das embarcações e a idade média da frota são indicadores que ajudam a conhecer o tempo de vida útil médio das embarcações e a avaliar as necessidades de investimento na manutenção das embarcações.

Constata-se que cerca de 45% das embarcações foi construída nos últimos 15 anos embora a partir de 2011 se assista a uma quebra importante (mesmo considerando que reporta um período de tempo menor) refletindo os efeitos da crise internacional.

QUADRO 4.3.3.3. - DATA DE CONSTRUÇÃO DAS EMBARCAÇÕES

Período	Porto Santo		Funchal		RAM	
	N.º Ebc's	%	N.º Ebc's	%	N.º Ebc's	%
1951 - 1955	0	0,0	1	0,1	1	0,1
1956 - 1960	0	0,0	0	0,0	0	0,0
1961 - 1965	0	0,0	1	0,1	1	0,1
1966 - 1970	0	0,0	8	0,7	8	0,7
1971 - 1975	0	0,0	3	0,3	3	0,3
1976 - 1980	0	0,0	11	1,0	11	0,9
1981 - 1985	13	11,9	58	5,4	71	6,0
1986 - 1990	8	7,3	66	6,1	74	6,2
1991 - 1995	24	22,0	139	12,9	163	13,7
1996 - 2000	4	3,7	218	20,2	222	18,7
2001 - 2005	22	20,2	231	21,4	253	21,3
2006 - 2010	36	33,0	258	23,9	294	24,8
2011 - 2014	2	1,8	84	7,8	86	7,2
TOTAL	109	100	1.078	100	1.187	100

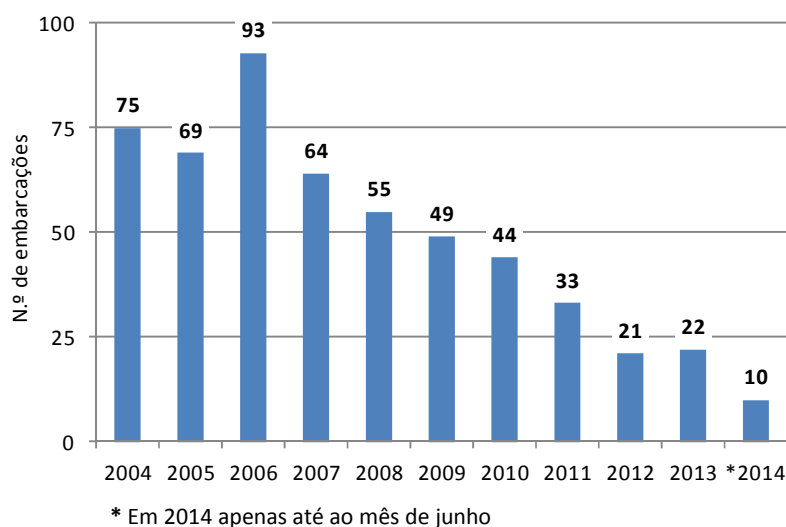
A análise destes dados permite também conhecer a idade média da frota de náutica de recreio registada e em atividade na RAM que é aproximadamente de 14,2 anos.

QUADRO 4.3.3.4. - IDADE MÉDIA DA FROTA DE NÁUTICA DE RECREIO REGISTADA E EM ATIVIDADE NA RAM

Capitania	Idade média das embarcações (anos)
Porto Santo	16,1
Funchal	13,9
RAM	14,2

Decompondo pelo “tipo” e “atividade” das embarcações da náutica de recreio registadas e em atividade na RAM, verifica-se serem os veleiros o tipo de embarcação com mais anos. Os catamarãs representam um universo relativamente restrito e composto por embarcações relativamente recentes. São, no entanto, as embarcações ligadas à atividade desportiva que apresentam idades médias mais elevadas.

GRÁFICO 4.3.3.5. - NÚMERO DE EMBARCAÇÕES DE NÁUTICA DE RECREIO REGISTADAS NA RAM NA ÚLTIMA DÉCADA



4.3.4. Atividades náuticas - desportivas e recreativas

As atividades desportivas ligadas ao mar enquadram-se em grande parte na temática da Náutica de Recreio. No entanto, uma vez que este subsector assume na RAM um destaque importante entendeu-se autonomizar a sua análise.

As condições naturais da RAM, muito favoráveis ao desenvolvimento de atividades desportivas ligadas ao mar aliadas ao grande entusiasmo que estas atividades suscitam numa franja

considerável da população jovem, mas também da menos jovem, explicam em grande parte a dinâmica a que se assiste na Região em torno dos desportos de mar desde há muito anos.

Os clubes e associações da Região são tradicionalmente as grandes entidades que promovem, facilitam e desenvolvem os desportos ligados ao mar, e, especialmente, oferecem formação nas diversas modalidades.

São inúmeras, tanto as entidades como as modalidades desportivas, ligadas ao mar na RAM. Esta circunstância encontra reflexo não só no número de atletas federados em desportos ligados ao mar como também nos títulos nacionais e internacionais conquistados pelos seus atletas.

Neste âmbito, a vela, a canoagem e o jet ski (embora esta com um reduzido n.º de praticantes) são as modalidades que mais se têm destacado no número de títulos conquistados no quadro nacional, enquanto a nível dos clubes se destacam o Clube Naval do Funchal, a Associação Náutica da Madeira, o Centro Treino Mar e o late Clube de Santa Cruz.

Embora pecando por defeito, listam-se seguidamente, por ordem alfabética, os principais clubes e associações ligadas aos desportos no mar na RAM.

Principais clubes e associações ligadas aos desportos no mar na RAM

1. Associação de Surf da Região Autónoma da Madeira;
2. Associação Marina do Funchal;
3. Associação Náutica da Madeira;
4. Associação Náutica de Câmara de Lobos ;
5. Associação Náutica de Machico;
6. Associação Regional de Canoagem da Madeira;
7. Associação Regional de Vela da Madeira;
8. Associação de Jet Ski e Motonáutica da Madeira;
9. Centro Treino Mar;
10. Clube Aventura da Madeira;
11. Clube Força 5 Madeira;
12. Clube Naval da Calheta;
13. Clube Naval de São Vicente;
14. Clube Naval do Funchal;
15. Clube Naval do Porto Santo;
16. Clube Naval do Seixal;
17. late Clube da Ponta de Sol;
18. late Clube de Santa Cruz;
19. late Clube Quinta do Lorde;
20. Ludens Clube de Machico;
21. Ponta Sol Surf Clube;
22. Surf Clube da Madeira;

Torneio de vela na baía porto-santense organizado pelo clube naval local



(Fonte: CM de Porto Santo)

Enquanto alguns clubes e associações promovem uma modalidade desportiva específica, outros demonstram-se mais ecléticos desenvolvendo e promovendo a formação em diversas modalidades.

No que respeita às modalidades ligadas ao mar desenvolvidas pelos clubes registam-se as seguintes:

Federadas:

- Atividades Subaquáticas (mergulho; fotografia subaquática)
- Águas Abertas (natação)
- Bodyboard
- Canoagem e Canoagem Adaptada (canoagem de mar; fundo; regatas em linha; maratona, distribuída pelos diversos categorias e classes)
- Jet Ski
- Pesca desportiva
- Surf
- Vela e Vela Adaptada (distribuída pelos diversos escalões etários e classes de embarcações)
- Windsurf

Não federadas (modalidades praticadas em regime recreativo e de lazer):

- Canoagem
- Mergulho/Apneia
- Mergulho adaptado
- Remo
- Stand Up Paddle

- Vela adaptada / ligeira / de cruzeiro (distribuída pelas diversas classes de embarcações)
- Windsurf
- Bodyboard

A análise da informação disponibilizada pela Direção Regional de Juventude e Desporto da RAM, relativa à demografia federada, revela até ao ano de 2008, com 852 atletas federados, uma tendência crescente, data a partir da qual se verifica um decréscimo até 667 atletas em 2011, recuperando em 2013 para 715.

Por outro lado, modalidades como a canoagem e a vela demonstram ao longo dos anos consistente e importante n.º de atletas federados, a que corresponde, em 2013, cerca de 57% dos atletas envolvidos em desportos ligados ao mar. Refira-se que em 2008 esta percentagem era de 83%, vindo desde então a perder importância para modalidades como as atividades subaquáticas, a pesca desportiva, as águas abertas e o bodyboard.

Atletas de canoagem e vela em sessão de treino na bacia portuária do Funchal



REVISÃO DO PROGRAMA DE ORDENAMENTO TURÍSTICO DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Governo Regional

Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura

QUADRO 4.3.4.1. PRINCIPAIS ATRIBUTOS DAS MODALIDADES DESPORTIVAS LIGADAS AO MAR NA ÉPOCA 2010-2011

Modalidades	Atletas	Clubes	Concelhos	Títulos nacionais	Atletas internacionais
Actividades Subaquáticas	83	2	2	0	2
Águas Abertas	36	3	1	0	0
Bodyboard	32	3	3	0	0
Canoagem	205	8	4	4	3
Jet Ski	25	5	4	5	2
Surf	54	5	2	0	0
Vela	232	6	4	2	3

Fonte: Com base em dados do Instituto do Desporto da Região Autónoma da Madeira, IP-RAM (Demografia Federada 2010/2011)

Verifica-se assim que a canoagem e a vela são as modalidades mais emblemáticas da Região às quais aderiram o maior número de atletas federados, abarcando praticamente todas as categorias destas duas modalidades. Contudo, também o número de praticantes de lazer é elevado, registando-se para a canoagem cerca de 1500 praticantes por época.

O Clube Naval do Funchal, o Centro Treino Mar, o late Clube de Santa Cruz, a Associação Regional de Vela da Madeira, a Associação Regional de Canoagem da Madeira e a Associação Náutica da Madeira, são as principais entidades envolvidas na organização de eventos, especialmente regatas e torneios locais onde se disputam provas do Campeonato da Madeira de Cruzeiros, Campeonato Regional de Maratonas (canoagem)

Colaboram ainda na organização de provas do campeonato nacional que têm lugar na RAM e de provas internacionais.

As regatas realizam-se durante todo o ano englobando circuitos locais como os campos de regatas das baías do Funchal, de Santa Cruz, do Machico e do Porto Santo, até às regatas mais exigentes como a circunavegação da ilha da Madeira, o circuito Ponta de São Lourenço-Desertas e a regata internacional Canárias-Madeira, organizada pelo Clube Naval do Funchal, entre outras.

Também a nível da canoagem se realizam vários eventos, destacando-se a corrida em canoa à volta da ilha, organizada todos os anos em agosto pelo Centro de Treino de Mar da Madeira, evento integrado na corrida internacional da Federação Portuguesa de Canoagem e na *International Canoeing Federation*.

Muitas outras iniciativas dos diversos clubes têm lugar ao longo do ano e em grande parte das localidades costeiras mas naturalmente com maior incidência na costa sul da Madeira, gravitando ao longo do eixo Câmara de Lobos – Caniçal.

Existem outras atividades desportivas, recreativas e de lazer ligadas ao mar que despertam interesse não só dos turistas mas também da população local, proporcionadas pelas excelentes condições naturais para a sua prática, que merecem algum destaque.

Trata-se do mergulho recreativo (incluindo batismos de mergulho), com garrafa ou em apneia, associado a percursos subaquáticos e, o windsurf, o kitesurf, o surf e o stand up paddle (SUP).

Canoagem na bacia portuária do Funchal – Atleta do escalão infantil em embarcação K1



Muitas outras iniciativas dos diversos clubes têm lugar ao longo do ano e em grande parte das localidades costeiras mas naturalmente com maior incidência na costa sul da Madeira, gravitando ao longo do eixo Câmara de Lobos – Caniçal.

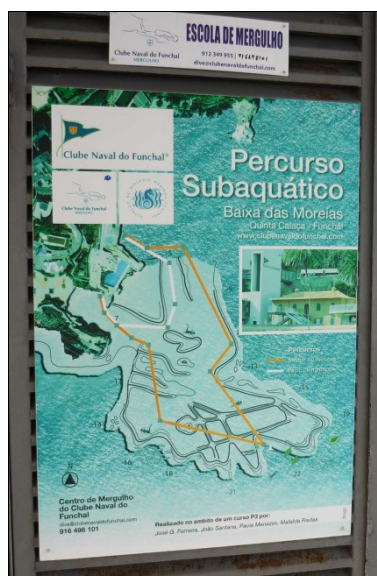
Existem outras atividades desportivas, recreativas e de lazer ligadas ao mar que despertam interesse não só dos turistas mas também da população local, proporcionadas pelas excelentes condições naturais para a sua prática, que merecem algum destaque.

Trata-se do mergulho recreativo (incluindo batismos de mergulho), em apneia ou com escafandro autónomo, associado a percursos subaquáticos e, o windsurf, o kitesurf, o surf e o stand up paddle (SUP). Ainda com reduzida expressão mas com potencial elevado, merecem referência o coasteering (modalidade desportiva relativamente recente, que consiste em progredir ao longo da costa pelas rochas e pelo mar, recorrendo a natação, escalada, saltos e caminhada), e o coastal canoeing (canoagem recreativa ao longo da costa).

O mergulho recreativo tem vindo a ganhar adeptos na Madeira e Porto Santo em virtude da divulgação dos locais mais atrativos, da enorme variedade de espécies que as Ilhas têm para oferecer, as temperaturas amenas durante todo o ano e as águas tépidas e límpidas com excelente visibilidade.

Também a criação de percursos subaquáticos tem contribuído para o fortalecimento desta atividade, destacando-se o Percurso Subaquático da Baixa das Moreias, desenvolvido pelo Clube Naval do Funchal, situado na frente de mar da Quinta Calaça.

**Divulgação do percurso subaquático da Baixa das Moreias
no Clube Naval do Funchal**



O Centro de Mergulho do Clube Naval do Funchal proporciona ainda atividades de mergulho a pessoas com necessidades especiais, encontrando-se certificado pelo *Disabled Divers International*.

Com efeito, registam-se na Madeira muitos locais interessantes para o mergulho ao longo da costa: reservas marinhas, grutas e naufrágios, oferecendo excelentes oportunidades fotográficas.

Existem diversas escolas de mergulho credenciadas com cursos para todos os níveis, localizadas principalmente no Funchal e no Caniço, onde os visitantes podem ter formação, organizar expedições e alugar equipamento.

Entre os locais mais indicados para mergulho recreativo incluem-se, pelo menos, os seguintes:

- Madalena do Mar (Calheta)
- Ponta do Sol (onde se situa a embarcação naufragada “Bowbelle”)
- Clube Naval do Funchal (Ponta da Cruz-Funchal)
- Baixa do Carneiro (Lido)
- Lazareto (Funchal)
- Pináculo (Funchal)
- T Reef (Mamas) (Funchal)
- Garajau (Santa Cruz)
- Baía dos Porcos
- Arena
- Galo (Santa Cruz)
- Ponta da Oliveira (Santa Cruz)
- Roca Mar
- Gruta do Oásis
- Reis Magos (Santa Cruz)
- Atalaia
- Mosteiro
- Baixa de Santa catarina
- Parede das Anémonas
- Baixa do Cavalo

REVISÃO DO PROGRAMA DE ORDENAMENTO TURÍSTICO DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Governo Regional

Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura

- Três-Marias (Machico)
- Baixa da Cruz
- Pedra da Beta
- Pedrareira
- Baixa do Sérgio (Quinta do Lorde - Machico - Ponta de São Lourenço)
- Baixa do Lobo (Ponta de São Lourenço)
- Parede do Sardinha (Ponta de São Lourenço)
- Badajeira (Ponta de São Lourenço)

Fonte: <http://www.anthiadivingcenter.com/pt-pt/madeira/spots-de-mergulho.aspx>

O windsurf e o kitesurf são outras atividades recreativas muito populares na RAM, que oferece condições excelentes para praticantes de todas as idades e de diferentes níveis de experiência.

A ilha da Madeira conta com muitos locais ótimos para a prática de windsurf, encontrando-se na costa sul as praias com melhores acessos. Funchal, Porto da Cruz, Achadas da Cruz, Caniço, Caniçal, Paul do Mar e Porto Santo são alguns dos melhores locais para praticar windsurf ao longo de todo o ano. Por outro lado, na baía do Funchal, na Praia Formosa e em Porto Santo existem condições propícias para experiências de kitesurf.

Também o surf, o bodyboard e o SUP são modalidades populares na Madeira e reconhecidas internacionalmente por muitos praticantes devido às excelentes condições para a prática destas e ao clima ameno durante todo o ano.

Existem excelentes locais para a prática do surf por toda a Ilha da Madeira embora em alguns deles só os mais experientes poderão aventurar-se em segurança. Um dos melhores locais na Madeira para a prática desta modalidade é o Paul do Mar, conhecido pelas ondas tubulares.

Têm vindo a realizar-se na Madeira vários campeonatos internacionais bem como os *ISA World Surfing Championships*.

A Ponta Pequena (entre o Jardim do Mar e o Paul do Mar), o Lugar de Baixo e a Ponta do Sol reúnem igualmente excelentes condições para a prática da modalidade. Em São Vicente, na costa norte, a Fajã da Areia e o Juncal são também muito procurados.

A nível da aprendizagem do surf e bodyboard o Surf Clube da Madeira recomenda, dadas as condições de segurança, a Praia da Alagoa, em Porto da Cruz, bem como a Praia da Maiata, situada 300 metros a nascente.

Alguns dos *spots* de surf mais conhecidos e procurados na ilha da Madeira:

- Paul do Mar
- Ponta Pequena (Paul do Mar)
- Jardim do Mar
- Ponta Oeste
- Ponta do Sol
- Machico
- Porto da Cruz
- Faial
- Ponta Delgada
- Fajã da Areia

REVISÃO DO PROGRAMA DE ORDENAMENTO TURÍSTICO DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Governo Regional

Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura

- Juncal
- Fajã das Contreiras
- Ribeira da Janela
- Porto Moniz
- Praia Formosa
- Lugar de Baixo
- Fajã dos Padres

Juncal, São. Vicente, *spot* de surf na Madeira



Outra modalidade que tem vindo a conquistar adeptos é o Stand Up Paddle (SUP), a modalidade náutica mais recente na RAM que combina técnicas de surf com remo.

De entre as diversas modalidades desportivas e de lazer ligadas ao mar promovidas na RAM a Vela e a Canoagem parecem ser as que comportam maior potencial para se estabelecerem como desportos turísticos.

Também o surf, o *stand up paddle* e o mergulho recreativo encerram potencial para desenvolver o turismo náutico na RAM.

4.3.5. Uso balnear – praias e piscinas atlânticas

Na secção “Águas balneares” deste documento, identificam-se as 41 “águas balneares costeiras” e as 24 “praias de banhos” qualificadas na RAM [cf. Portaria n.º 101-A/2014, de 13 de maio] e a sua distribuição pelos concelhos da Região.

Trata-se, na sua larga maioria, das típicas praias de calhau, excetuando-se duas praias de areia, artificiais, criadas nos concelhos do Machico (praia de Banda d’Além) e Calheta.

Destacam-se, contudo, pela singularidade, beleza natural e apazibilidade as populares piscinas naturais de Porto Moniz, do Seixal e as Poças do Gomes (Doca do Cavacas). Deste grupo apenas as piscinas naturais do Seixal não estão classificadas como “águas balneares”.

REVISÃO DO PROGRAMA DE ORDENAMENTO TURÍSTICO DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Governo Regional

Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura

No concelho de Santana, na povoação do Faial, existe ainda o complexo balnear na Ribeira do Faial que inclui uma piscina natural, também classificado como “águas balneares”.

Nos casos de Porto Moniz e Seixal distinguem-se em cada uma das localidades dois conjuntos independentes de piscinas naturais, um a nascente e outro a poente das respetivas localidades.

O facto das piscinas naturais serem suportadas em estruturas naturais sólidas, confere-lhes grande estabilidade e, conseqüentemente, custos reduzidos de manutenção.

A piscina natural principal do Seixal, situada a nascente, apresenta contudo uma zona protegida por blocos artificiais, de grande dimensão, expostos a NE, que podem ser deslocados por ação das ondas em caso de tempestades mais enérgicas.

As Poças do Gomes (Doca do Cavacas), situadas no concelho do Funchal, a nascente da Praia Formosa, reúnem ainda como atração o túnel/passagem que dá acesso àquela praia.

De um modo geral, as piscinas naturais na Madeira têm uma grande procura, atraindo todos os anos milhares de banhistas.

4.3.6. O pescado fresco como fator de animação gastronómica

A gastronomia é uma componente importante para o desenvolvimento dos destinos turísticos.

Na RAM, e de uma forma geral em Portugal, o consumo de pescado fresco, nas suas diversas formas de confeção, é parte da cultura gastronómica, sendo muito valorizada a sua qualidade enquanto recurso alimentar.

Assumindo-se a gastronomia como um produto turístico complementar, potenciar o consumo deste recurso natural na RAM é uma forma de promoção do destino e de diversificação da oferta turística do território.

Não obstante os atributos que se podem associar ao consumo de pescado fresco enquanto elemento da gastronomia ao serviço do turismo, assiste-se nos últimos anos a uma forte redução no volume de pescado descarregado nos portos da Região (Funchal e Caniçal registam 98% das descargas).

Analisando os dados estatísticos disponíveis sobre o sector na RAM, evidencia-se a tendência decrescente de alguns indicadores da atividade, designadamente o abandono e a redução do volume e do valor do pescado. Esta tendência pode conduzir à perda da tradição da pesca costeira na Região, relegando o sector para um nível de atividade residual.

REVISÃO DO PROGRAMA DE ORDENAMENTO TURÍSTICO DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Governo Regional

Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura

QUADRO 4.3.6.1. - ESTATÍSTICAS DA PESCA NA RAM – 2006-2013

	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Aquicultura (t)	400	550	455	448	203	169	316	-
Cap. das embarcações de pesca licenciadas (GT)	2.027	2.426	2.310	2.652	2.517	2.415	2.362	-
N.º de embarc. de pesca licenciadas com motor	133	143	131	133	121	107	112	-
N.º de pescadores matriculados	830	513	452	528	399	476	429	-
Potência do motor das embarc. de pesca licenciadas (kW)	10.190	11.905	11.900	13.002	11.631	11.135	11.222	-
Pescado descarregado (t)	7.748	7.129	6.739	6.269	4.683	4.453	5.769	4.172
Pescado descarregado (m€)	13.998	16.228	16.385	14.064	11.063	10.844	12.676	10.920
Valor do pescado (€/kg)	1,81	2,28	2,43	2,24	2,36	2,43	2,20	2,62

Fonte dos dados: INE

No que respeita aos recursos da pesca na Região registam-se como principais espécies capturadas o atum e o peixe-espada-preto, variando conforme os anos entre 70 e 90% do volume total de capturas. As outras espécies mais importantes, em volume, são o carapau, a cavala, os moluscos e a garoupa.

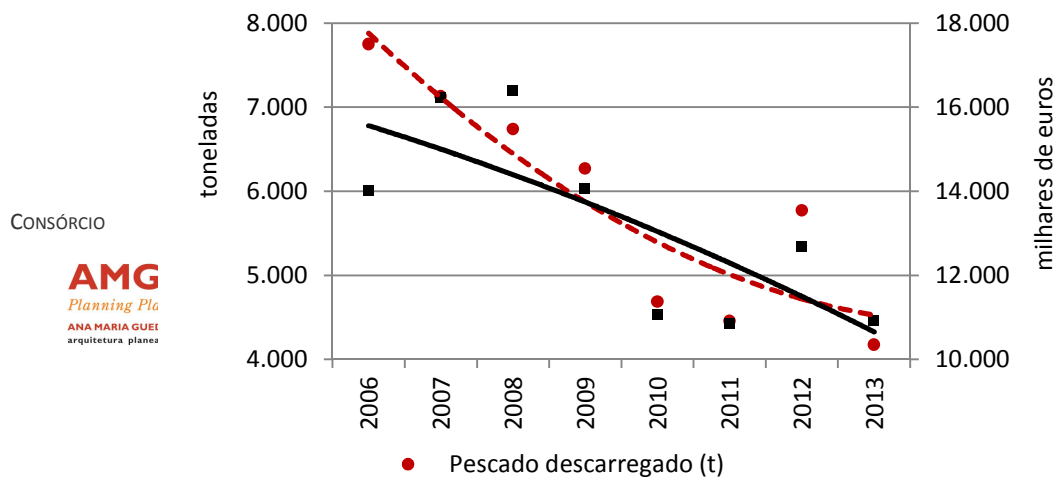
Por outro lado, em 2012, as espécies que conseguiram valores por unidade de peso mais elevados em lota foram o cherne, goraz, badejo, pescada, pargo, polvo, pota, sargo, besugo, bica, garoupa, imperador, peixe-espada-preto, camarões, etc.

Uma vez que o atum tem um peso importante no volume total de capturas bem como flutuações interanuais significativas, associadas às quotas e à disponibilidade do recurso, esta espécie acaba por influenciar bastante os volumes totais descarregados.

Pese embora o volume de pescado descarregado em 2012 nos portos da RAM tenha registado um aumento de cerca de 29% face ao ano precedente, tal deveu-se apenas ao facto de o atum nesse ano ter escasseado nos Açores o que permitiu aumentar o esforço de pesca nas águas da Madeira. Em 2013 o volume de pescado regressou a valores de 2011.

De qualquer modo, importa reter a tendência decrescente do volume e valor do pescado descarregado nos portos da RAM ao longo dos últimos 8 anos, apresentando, em termos médios, reduções da ordem de 80% em volume e de 45% em valor.

GRÁFICO 4.3.6.1. - EVOLUÇÃO DO PESCAO DESCARREGADO NOS PORTOS DA RAM EM VOLUME E VALOR (2006-2013)



CONSÓRCIO

AMG
Planning Pla
ANA MARIA GUEI
arquitetura planea

4.4. ACESSIBILIDADES PORTUÁRIAS À REGIÃO E MOBILIDADE INTER-ILHAS

4.4.1. Portos da Madeira

O Porto do Funchal e o Porto do Caniçal são as duas grandes infraestruturas portuárias do arquipélago. É através destes portos que a Região estabelece ligações com o exterior.

O Porto do Caniçal é um porto comercial, especialmente vocacionado para a receção e expedição de mercadorias com origem no transporte marítimo. Dispõe de outras valências designadamente um sector dedicado às pescas e outro aos combustíveis.

Por outro lado, o Porto do Funchal, o mais importante da Região, está mais vocacionado, e de algum modo a especializar-se nos últimos anos, para escalas de navios de cruzeiro e de mega-iates, tráfego de passageiros e automóveis, para além do tradicional apoio à náutica de recreio e atividade marítimo-turística.

Dispõe naturalmente de outras valências, especialmente a pesca e a operação de navios *ferry*, nomeadamente o navio que faz a ligação diária inter-ilhas.

Transporte marítimo de mercadorias

No que respeita ao transporte marítimo de mercadorias assiste-se desde o início do século e de uma forma global, a uma redução do volume de mercadorias movimentadas nestes dois portos, quer a nível da carga contentorizada quer a nível das mercadorias em geral.

Assinala-se o facto das exportações da Região demonstrarem uma tendência crescente, ainda que as importações sejam a principal atividade.

Salienta-se que o Porto Comercial do Caniçal tem capacidade para acomodar facilmente eventual acréscimo no movimento de carga estimulado pelo crescimento da atividade turística e económica na Região.

QUADRO 4.4.1.1. - EVOLUÇÃO DO MOVIMENTO DE MERCADORIAS NOS PORTOS DO CANIÇAL E FUNCHAL

Ano	Contentores cheios (nº)		Mercadorias (ton.)	
	Descarreg.	Carreg.	Descarreg	Carreg.
2001	37 687	6 046	1 524 952	86 911
2002	42 748	6 507	1 494 282	101 298
2003	41 016	7 033	1 663 882	112 653
2004	39 333	7 913	1 982 478	125 020
2005	38 607	7 343	1 718 913	118 094
2006	37 453	8 190	1 458 417	137 714

REVISÃO DO PROGRAMA DE ORDENAMENTO TURÍSTICO DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Governo Regional

Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura

2007	35 778	8 352	1 384 315	139 975
2008	34 996	8 730	1 477 796	144 959
2009	30 676	7 882	1 292 653	138 856
2010	28 535	8 166	1 201 571	152 068
2011	26 076	9 156	1 108 196	175 401
2012	23 352	8 629	920 234	149 527
2013	23 380	8 529	962 253	141 635
2014	24 543	8 224	932 907	137 695
2015	25 319	8 149	895 769	139 464

Movimento de navios de cruzeiros

No que respeita ao movimento de navios de cruzeiro assiste-se ao longo dos últimos anos a uma tendência geral de crescimento no n.º de escalas e de passageiros no Porto do Funchal. Todavia, no ano de 2013 verificou-se uma redução importante no n.º de escalas (-15%) e de passageiros em trânsito (-19%), comportamento que estabilizou em 2014, voltando a recuperar em 2015 com um crescimento de 9% no n.º de escalas e 22% no número de passageiros em trânsito.

A redução verificada em 2013 no movimento de navios de cruzeiro que escalaram o Porto do Funchal parece estar em contraciclo com a tendência verificada a nível dos “hóspedes entrados”, “total de hóspedes” e “dormidas” nos estabelecimentos hoteleiros da Região nesse mesmo ano, que experimentou crescimentos de 9%, 8,8% e 9,3%, respetivamente. Já o crescimento em 2015, acompanha certamente a tendência atual de crescimento do turismo na RAM, com um crescimento das dormidas na ordem dos 9,4%.

A deslocalização de parte da frota mundial para mercados emergentes, como Ásia e Cuba explicam em parte este decréscimo, não tendo ainda sido possível voltar a atingir os números registados em 2012. Não obstante, a nível dos passageiros a quebra é muito menor, tendo em conta que os navios que fazem escala no Funchal são cada vez maiores, ou seja, o n.º de passageiros/escala tem vindo a subir, tendência que se manterá nos próximos anos, à medida que foram entrando ao serviço novos navios.

Dados preliminares de 2016, revelam que até Outubro de 2016, o Funchal contabilizou menos 1 escala de cruzeiro e teve uma redução de 8% no número de passageiros em trânsito face ao período homólogo do ano de 2015. Prevê-se terminar o ano de 2016 com 294 escalas, contra as 308 registadas em 2015.

Uma outra característica importante no movimento de navios de cruzeiros no Porto do Funchal é a sazonalidade da atividade, que se concentra entre os meses de outubro e abril.

Com uma constância que se tem mantido ao longo dos anos, constata-se existirem dois períodos do ano que em conjunto concentram, em média, cerca de 70% das escalas. Trata-se do período Março-

REVISÃO DO PROGRAMA DE ORDENAMENTO TURÍSTICO DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Governo Regional

Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura

Abril e do período Outubro-Dezembro, com 27% e 41% das escalas, respetivamente. Janeiro é ainda assim um mês que regista alguma atividade, fruto dos cruzeiros regulares de inverno que diversos operadores britânicos e alemães repetem, ano após ano, bem como de algumas escalas transatlânticas.

Contrariamente, o período Maio-Agosto representa apenas cerca de 9% do número médio de escalas ao longo do ano, pois esta é a altura do ano em que os operadores colocam a maior parte das suas frotas no Norte da Europa e Mediterrâneo.

QUADRO 4.4.1.2. - MOVIMENTO DE NAVIOS DE CRUZEIRO NO PORTO DO FUNCHAL NO PERÍODO 2001-2016*

	Nº de escalas	Passageiros embarcados	Passageiros desembarcados	Passageiros em trânsito	Nº total de passageiros	Estada média (h)	Comprimento médio (m)	Gross tonnage (GT) (média)	Dead weight tonnage (DWT) (média)	Nº de escalas VAR Anual	Passageiros em trânsito VAR Anual
2001				182701							
2002				198492							9%
2003				231383	233304						17%
2004	260			280252	282799						21%
2005	265			300262	304773					2%	7%
2006	255			283022	294326					-4%	-6%
2007	259			325415	337421					2%	15%
2008	272			394960	405306					5%	21%
2009	277	5188	5200	425433	435821					2%	8%
2010	295	5046	4795	482659	492500					6%	13%
2011	303	7978	7854	524348	540180	13,4	244	67872	11039	3%	9%
2012	336	5823	6064	581048	592935	14,5	247	69107	9482	11%	11%
2013	286	2032	2229	471565	475826	14,4	239	64256	9839	-15%	-19%
2014	283	1661	1760	472534	475955					-1%	0%
2015	308	1814	1904	574774	578492					9%	22%
TCMA*	1,6%	-16,1%	-15,4%	8,5%							

Até Outubro 2015	210	1208	1338	412223	414769						
Até Outubro 2016	209	605	1630	379796	382031					0%	-8%

TCMA: Taxa de Crescimento Média Anual

2016*: Dados provisórios e ainda incompletos do ano de 2016

QUADRO 4.4.1.3. - NAVIOS DE CRUZEIRO NO PORTO FUNCHAL - Nº DE ESCALAS MENSAL

Mês	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Janeiro	27	35	31	33	28	31
Fevereiro	23	23	19	25	26	21

CONSÓRCIO

REVISÃO DO PROGRAMA DE ORDENAMENTO TURÍSTICO DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Governo Regional

Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura

Março	39	47	30	33	35	30
Abril	45	45	46	40	48	46
Maiο	17	12	17	11	10	13
Junho	8	2	4	4	7	8
Julho	2	3	3	3	4	9
Agosto	6	3	4	5	7	6
Setembro	12	16	8	8	18	15
Outubro	29	39	27	34	27	30
Novembro	50	63	54	37	52	-
Dezembro	45	48	43	50	46	-

Nos períodos do ano em que se regista maior número de escalas de navios de cruzeiro, o Porto do Funchal não consegue acomodar todos os navios havendo casos de cancelamentos de escalas por falta de cais, pois são poucos os navios que aceitam a opção de recorrer ao fundeadouro. Este constrangimento conduziu à decisão de se avançar com construção de um novo cais (cais 8) para navios de cruzeiro, no lado norte da bacia portuária, junto à nova marina dedicada às embarcações a exercer a atividade marítimo-turística, e à ampliação do Cais Norte (cais 6), junto ao Edifício do Hotel Pestana CR7, conforme consta das alterações ao Plano Diretor do Porto do Funchal, de 2012 (atualmente em revisão).

O cais 8 (que tem também por objetivo a proteção da nova marina e da Praça do Povo), por se encontrar em mar aberto, não garante as condições operacionais necessárias para uma utilização em segurança dos navios de cruzeiro. Para tal, torna-se necessário proceder à ampliação do cais 3 (molhe da pontinha) garantindo não apenas a operacionalidade do cais 8, como a criação de um novo cais de acostagem no intradorso dessa ampliação.

Por outro lado, as obras de requalificação do cais 6, concluídas em Dezembro de 2015, permitem, com o avanço de cais conseguido, a operação mais segura de navios até um calado de 7,5 m, pelo que o porto do Funchal fica em condições de receber em simultâneo 4 navios de comprimento entre os 260 e os 300 metros.

Escala de três navios de cruzeiro no Porto do Funchal



Tráfego regional inter-ilhas

O tráfego de passageiros e automóveis entre as ilhas da Madeira e do Porto Santo é atualmente assegurado pelo navio “Lobo Marinho”, da empresa Porto Santo Line.

Este navio realiza 6 escalas por semana no horário de Inverno e 7 escalas semanais no horário de Verão, saindo de manhã do Funchal e regressando ao fim do dia vindo do Porto Santo. Em alguns dias no mês de agosto e outras datas de maior procura, o ferry realiza duas viagens diárias em cada sentido. O navio tem capacidade para transportar 1.150 passageiros e 145 automóveis e entrou ao serviço em 2003, substituindo o anterior navio.

Analisando a evolução do n.º de passageiros transportados no período 1996-2013 identificam-se 3 períodos distintos. Entre 1996 (131.517 passag.) e 2009 (361.275 passag.) assiste-se a uma taxa média de crescimento anual (TMCA) na ordem de 8%; a partir de 2010 regista-se um decréscimo de passageiros transportados a que corresponde uma TMCA negativa, de -6%; e finalmente, ao longo dos últimos 2 anos, verifica-se um crescimento médio anual na ordem dos 3,7%.

De acordo com o operador da ligação inter-ilhas a linha Madeira-Porto Santo só será sustentável com o tráfego mínimo de 300 mil passageiros / ano pelo que apesar do retrocesso que se verificou até 2013, caminha-se agora no sentido de tornar esta ligação cada vez mais viável. A recente implementação de um subsídio de mobilidade reforçará o incremento desta linha.

Constata-se ainda que cerca de 28% dos passageiros nesta linha são turistas que aproveitam para conhecer e passar o dia em Porto Santo.

Um outro aspeto importante deste tráfego é o transporte de viaturas, dado que o navio “Lobo Marinho” tem uma capacidade para transportar 145 viaturas. De acordo com os dados disponíveis o movimento total de viaturas do tráfego entre o Funchal e o Porto Santo, divide-se sensivelmente em

REVISÃO DO PROGRAMA DE ORDENAMENTO TURÍSTICO DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Governo Regional

Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura

partes iguais num e noutro sentido, sendo que o tráfego nos meses de Julho, Agosto e Setembro representa cerca de 45% do movimento anual, evidenciando, portanto, forte carácter sazonal.

QUADRO 4.4.1.4. - EVOLUÇÃO DO TRÁFEGO MARÍTIMO DE PASSAGEIROS INTER-ILHAS (FUNCHAL-PORTO SANTO)

Ano	Nº de passageiros	Var Anual
1996	131517	
1997	167835	27,6%
1998	193834	15,5%
1999	208942	7,8%
2000	226231	8,3%
2001	246564	9,0%
2002	235022	-4,7%
2003	283256	20,5%
2004	307430	8,5%
2005	309141	0,6%
2006	322370	4,3%
2007	346661	7,5%
2008	349854	0,9%
2009	359540	2,8%
2010	311245	-13,4%
2011	291549	-6,3%
2012	253520	-13,0%
2013	248623	-1,9%
2014	251979	1,3%
2015	267541	6,2%

Tráfego de passageiros

Em 2006, entre o Funchal e as Canárias, e em 2008 entre o Funchal e Portimão, foram estabelecidas ligações regulares de “ferryboats”. Para além do transporte de passageiros estas ligações também faziam o transporte de viaturas.

Depois de uma fase experimental, estas ligações funcionaram semanalmente até Janeiro de 2012, data em que foram suspensas.

Tanto no caso da ligação Funchal/Canárias como do Funchal/Portimão, no ano de 2011 registou-se um movimento de 52 navios em cada, o que corresponde a uma média mensal de 4,33 navios/mês.

Neste mesmo ano (2011) o tráfego de passageiros na ligação Funchal/Canárias foi de 12.372 (238 passageiros/escala) enquanto na ligação Funchal/Portimão foi de 20.164 (388 passageiros/escala).

lates e Mega-lates

REVISÃO DO PROGRAMA DE ORDENAMENTO TURÍSTICO DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Governo Regional

Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura

O acolhimento de iates e mega-iates no Porto do Funchal é muito limitado. Na marina o número de postos destinados à frota visitante é de aproximadamente 20, em condições precárias, e não permite a acostagem de mega-iates. Estas embarcações de maior dimensão, que ultrapassam os 50 m de comprimento, têm de recorrer aos cais portuários, caso estes estejam disponíveis, sendo esta acostagem, quando permitida, de curta duração. Em última alternativa fundeiam na bacia portuária.

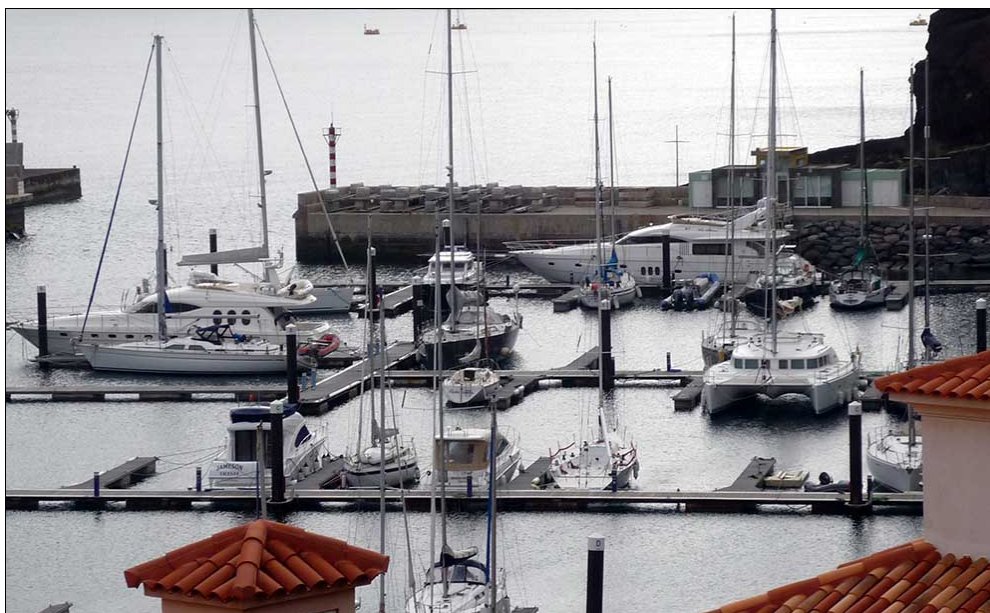
Mega-iate acostado no cais do molhe do Porto do Funchal



O movimento anual de iates visitantes no Porto do Funchal oscilou em torno de 3 a 4 centenas de embarcações entre 2002 e 2015.

A Marina da Quinta do Lorde tem beneficiado com a sobrelotação ou indisponibilidade do Porto do Funchal, acolhendo algumas destas embarcações nos períodos de maior movimento.

Iates na Marina da Quinta do Lorde – Ponta de São Lourenço, Madeira



REVISÃO DO PROGRAMA DE ORDENAMENTO TURÍSTICO DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Governo Regional

Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura

Por outro lado, o número de mega-iates que escalou o Porto do Funchal nos últimos anos tem vindo a crescer lentamente, ultrapassando cerca de 3 dezenas de embarcações anualmente.

QUADRO 4.4.1.5. - MOVIMENTO DE IATES E MEGA-IATES NO PORTO DO FUNCHAL

Ano	lates na Marina do Funchal	Mega-iates no cais comercial
2002	313	9
2003	394	13
2004	380	24
2005	394	13
2006	369	16
2007	407	26
2008	336	31
2009	349	22
2010	325	31
2011	400	32
2012	306	39
2013	296	31
2014	311	25
2015	356	36

Fonte: 2002 a 2010 - Alterações ao Plano Diretor do Porto do Funchal (2012)
2011 a 2015 - APRAM

Uma análise mais detalhada às escalas de Mega-iates no Porto do Funchal nos últimos 3 anos revela que estas embarcações têm na sua larga maioria como origem as Caraíbas e como destino Gibraltar, permanecendo pouco mais de um dia no Funchal. Assinala-se ainda que mais de metade das escalas de mega-iates ocorre no 2.º trimestre, principalmente nos meses de abril e maio.

QUADRO 4.4.1.6. - ALGUMAS CARATERÍSTICAS DOS MEGA-IATES QUE ESCALAM NO PORTO DO FUNCHAL

REVISÃO DO PROGRAMA DE ORDENAMENTO TURÍSTICO DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Governo Regional

Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura

Ano	2011	2012	2013
N.º de escalas	32	39	31
Tempo médio de estadia (h)	24,3	26,2	35
Comprimento (m) (média)	49,8	51,8	53,9
Gross tonnage (GT) (média)	755,6	857,8	820,6
Deadweight tonnage (DWT) (média)	259,4	220,2	207,0
Origem (País/Região)	Caraíbas (43%)	Caraíbas (49%)	Caraíbas (43%)
Destino (País/Região)	Gibraltar (41%)	Gibraltar (46%)	Gibraltar (48%)
Trimestre com maior n.º de escalas	2º T (50%)	2º T (54%)	2º T (55%)

4.4.2. Porto do Porto Santo

O Porto do Porto Santo é um porto regional que estabelece ligações, fundamentalmente, com o porto do Funchal.

Este Porto concentra na sua bacia portuária diversas valências que incluem o movimento de mercadorias, o tráfego de passageiros, a pesca e a náutica de recreio.

O tráfego de passageiros que se realiza neste porto tem origem na ligação inter-ilhas, atrás descrita, registando-se a escala pontual de navios de cruzeiro, os quais, dependendo da dimensão, poderão atracar ou fundear.

Até ao ano de 2007 faziam escala no Porto do Porto Santo diversos navios de cruzeiro, chegando-se a registar mais de 6 mil passageiros em trânsito e mais de 10 navios/ano. No entanto, desde 2007 até 2011, cessaram as escalas de navios de cruzeiro no Porto do Porto Santo, iniciando-se novamente no ano de 2011 com 6 escalas e 2.609 passageiros. Em 2013 houve uma redução destes números, contrariada por um posterior crescimento nos anos seguintes. Assim verificaram-se em 2015, 4 escalas e um total de 1 856 e em 2016, 3 escalas num total de 2 307 passageiros.

Este porto mantém disponibilidade para acomodar embarcações de náutica de recreio e navios de cruzeiro.

QUADRO 4.4.2.1. - MOVIMENTO DE NAVIOS DE CRUZEIRO NO PORTO SANTO NO PERÍODO 2001-2016

Ano	Nº de escalas	Nº total de passageiros	Nº de escalas VAR Anual	Total de Passageiros VAR Anual
-----	---------------	-------------------------	-------------------------	--------------------------------

REVISÃO DO PROGRAMA DE ORDENAMENTO TURÍSTICO DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Governo Regional

Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura

2001				
2002				
2003		1499		
2004		543		-64%
2005		397		-27%
2006		1289		225%
2007		182		-86%
2008		0		-100%
2009		0		
2010		0		
2011	6	2609		
2012	3	2923	-50%	12%
2013	3	798	0%	-73%
2014	3	881	0%	10%
2015	4	1856	33%	111%
TCMA		1,8%		

4.5. SÍNTESE DO DIAGNÓSTICO DAS ATIVIDADES E RECURSOS TURÍSTICOS LIGADOS AO MAR

A caracterização e diagnóstico do espaço marítimo da RAM no âmbito da revisão do Plano de Ordenamento Turístico permitiram identificar um conjunto de atividades de natureza turística, desportiva, recreativa e cultural, suportadas pelo Mar, que estão a proporcionar à Região mais-valias crescentes da sua participação ativa no desenvolvimento da «Economia Azul».

A emergência e desenvolvimento de novas formas de vivenciar o Mar e a consolidação nos últimos anos observada em algumas atividades dependentes do Mar, fazem admitir que o estratégico sector do Turismo para a economia madeirense, sairá reforçado com a continuação da aposta no recurso Mar.

Por um lado, as excepcionais condições naturais da Região – bom clima, boa temperatura da água do mar, zonas de vento em grande parte do ano e zonas de calma, zonas costeiras com condições de mar mais agitadas e zonas mais tranquilas, águas do mar límpidas com excelente visibilidade, ecossistema marinho rico e diversificado, e peixe fresco de elevada qualidade como fator de animação gastronómica.

Por outro, o progresso verificado na edificação das infraestruturas fundamentais ao usufruto do Mar, o investimento em atividades desportivas e recreativas ligadas ao Mar e a formação orientada de recursos humanos.

Conjuntamente, a interação positiva e criativa destas duas componentes está a possibilitar o surgimento de oportunidades que complementam e potenciam o crescimento do sector do Turismo na Madeira.

REVISÃO DO PROGRAMA DE ORDENAMENTO TURÍSTICO DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Governo Regional

Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura

Tudo isto sucedendo-se num ambiente com uma cultura de turismo territorialmente bem estabelecida e socialmente amadurecida.

Neste quadro, tecem-se as seguintes considerações que se pretende constituam uma síntese da informação de base do POT respeitante ao recurso Mar:

- A RAM procedeu ao longo dos últimos anos à criação de uma rede de áreas marinhas no âmbito da conservação da natureza, abrangendo a totalidade das ilhas do arquipélago, importante para fomentar o desenvolvimento de atividades turísticas como o mergulho recreativo/subaquático e os passeios no mar e, de uma forma geral, promover a qualidade ecológica do ambiente marinho e a sustentabilidade do destino Madeira.
- Para garantir que a atividade de observação de vertebrados marinhos é realizada de forma sustentável foram definidas regras de operação aplicáveis às embarcações envolvidas na observação, e excluída da atividade uma área de território marítimo com 1.021 km². Esta área estende-se desde parte da costa norte da ilha da Madeira até às ilhas Desertas.
- Para o ano de 2016 encontram-se identificadas 46 “águas balneares costeiras” e 24 “praias de banhos” qualificadas, abrangendo a totalidade dos concelhos da RAM. Os concelhos do Funchal e do Porto Santo concentram 39% das “águas balneares costeiras” e 50% das “praias de banhos” qualificadas.
- A RAM dispõe atualmente de seis infraestruturas de apoio à náutica de recreio respeitantes às Marinas do Funchal, da Quinta do Lorde e do Porto Santo, e aos Portos de Recreio da Calheta, Santa Cruz e Machico, que conjuntamente oferecem cerca de 1.100 lugares de estacionamento em flutuação.
- A Marina do Funchal é a única que experimenta problemas crónicos de esgotamento da capacidade de acolhimento de embarcações, dispondo de lista de espera desde há muito anos.
- A RAM dispõe de outras infraestruturas de acesso ao mar (rampas, cais, pontões e pequenos portos), distribuídas pela linha de costa, que permitem a pequenas embarcações, pranchas e equipamentos desportivos e recreativos aceder ao mar.
- O prolongado temporal ocorrido em dezembro de 2013 danificou severamente os Portos de Recreio de Santa Cruz, de Machico e da Calheta, tendo provocando danos em muitas outras infraestruturas de acesso ao mar; as obras de recuperação têm vindo a decorrer lentamente.
- A Marina do Lugar de Baixo, que sucumbiu à força do mar nos últimos temporais, encontra-se hoje numa situação de abandono.

REVISÃO DO PROGRAMA DE ORDENAMENTO TURÍSTICO DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Governo Regional

Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura

- Para assistir a frota de embarcações de náutica de recreio, residente e visitante, em ações de manutenção e reparação, existem na RAM quatro estaleiros navais situados em Câmara de Lobos, Caniçal, Machico e Porto Santo.
- Os passeios de mar organizados por operadores marítimo-turísticos são hoje um produto turístico de sucesso incontestável. Estes passeios dedicam-se principalmente à observação de vertebrados marinhos mas também a passeios ao longo da costa e às ilhas Desertas e Selvagens.
- A larga maioria dos operadores marítimo-turísticos, dedicados aos passeios de mar, encontra-se sediada no Porto do Funchal, havendo outros poucos sediados nos Portos de Recreio da Calheta e de Machico. A atividade envolve, cerca de 20 embarcações, entre catamarãs, veleiros e semirrígidos.
- A pesca turística, enquanto modalidade marítimo-turística, ocupa um nicho de mercado específico na Madeira. As embarcações afetas à atividade estão sedeadas na marina do Funchal e nos Portos de Recreio da Calheta e de Machico. Esta atividade beneficia de excelentes condições naturais, como profundidades elevadas próximas da linha de costa associadas a rotas migratórias de grandes espécies pelágicas, que lhe permite ter grande sucesso.
- A frota da náutica de recreio na RAM é composta por 1.287 embarcações. Estima-se que a este valor acrescentem cerca de 500 embarcações desportivas (vela e canoagem) propriedade dos clubes e atletas da Região cujo registo não é obrigatório.
- A larga maioria das embarcações da náutica de recreio está afeta à atividade de recreio, cerca de 92% da frota. A atividade marítimo-turística reúne 3,6% da frota enquanto as embarcações de desporto representam 4,1%.
- A “lança”, com comprimento cerca de 5,6 m, é a embarcação da frota da náutica de recreio mais comum na RAM, i.e. a embarcação “tipo”.
- A idade média da frota de náutica de recreio registada e em atividade na RAM é de cerca de 14,2 anos.
- Assiste-se nos últimos anos a uma quebra contínua no registo de embarcações da náutica de recreio na RAM.
- As atividades náuticas desportivas e recreativas mais importantes e emblemáticas na RAM (mais atletas federados e mais títulos conquistados) são a Vela e a Canoagem, que por sua vez se desdobram em diversas classes e escalões etários.

- Os clubes e associações da Região são tradicionalmente as grandes entidades que promovem, facilitam e desenvolvem os desportos ligados ao mar, e, especialmente, oferecem formação nas diversas modalidades e organizam competições. Entre estes destacam-se pelo dinamismo e número de associados o Clube Naval do Funchal, o Centro Treino Mar, o late Clube de Santa Cruz, a Associação Regional de Vela da Madeira, a Associação Regional de Canoagem da Madeira e a Associação Náutica da Madeira.
- O mergulho recreativo (incluindo batismos de mergulho), em apneia ou com escafandro autónomo, associado a percursos subaquáticos e, o windsurf, o kitesurf, o surf e o *stand up paddle* (SUP), são outras atividades desportivas, recreativas e de lazer ligadas ao mar que despertam interesse não só de turistas mas também da população local.
- A Vela e a Canoagem constituem-se como as modalidades desportivas com maior potencial para promover o Turismo de Desporto na Região. Por outro lado, o Surf, o *Stand Up Paddle* e o Mergulho Recreativo encerram potencial para desenvolver o Turismo Náutico.
- A rica gastronomia Regional com base em produtos do mar, designadamente pescado fresco, é uma forma de promoção da qualidade do destino e de diversificação da oferta turística. Todavia, assiste-se nos últimos anos a uma forte redução no volume de pescado descarregado nos portos da Região, tendência que pode conduzir à perda da tradição da pesca, relegando o sector para um nível de atividade residual.
- O Porto do Funchal e o Porto do Caniçal são as duas grandes infraestruturas portuárias da RAM, sendo através destes que a Região estabelece ligações com o exterior por via marítima.
- O Porto do Caniçal especializou-se na receção e expedição de mercadorias e dispõe de folga para acomodar eventual crescimento de movimento de mercadorias associado ao incremento da atividade turística.
- O Porto do Funchal está mais vocacionado, e de algum modo a especializar-se nos últimos anos, para escalas de navios de cruzeiros turísticos e de mega-iates, tráfego de passageiros e automóveis, para além do tradicional apoio à náutica de recreio e atividade marítimo-turística.
- O movimento de navios de cruzeiros turísticos no porto do Funchal apresenta uma tendência de crescimento ao longo dos últimos anos (308 escalas em 2015), apenas com uma quebra no ano de 2013 (286 escalas). A escala de navios de cruzeiro no Funchal apresenta uma marcada sazonalidade, concentrando-se em dois períodos: Março-Abril, com 27% das escalas, e Outubro-Dezembro, com 41% das escalas. A estada média de um navio de cruzeiro no Porto do Funchal é cerca de 14 horas.

REVISÃO DO PROGRAMA DE ORDENAMENTO TURÍSTICO DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Governo Regional

Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura

- O tráfego marítimo de passageiros e automóveis entre as ilhas da Madeira e do Porto Santo é atualmente assegurado por uma ligação diária (horário de verão) e 6 ligações semanais em horário de inverno. Cerca de 28% dos passageiros nesta linha são turistas que aproveitam para conhecer e passar o dia em Porto Santo.
- O tráfego de passageiros entre as duas ilhas apresenta 3 períodos distintos. Entre 1996 e 2009 assiste-se a uma taxa média de crescimento anual (TMCA) na ordem de 8%, seguido de uma redução média anual de 6% entre 2010 e 2013 e estando atualmente, novamente em crescimento desde 2014 com uma taxa média anual de 3,7%.
- O acolhimento de iates e mega-iates no Porto do Funchal é muito limitado. Na marina o número de postos destinados à frota visitante é de aproximadamente 20, em condições precárias, e não permite a acostagem de mega-iates que têm de recorrer aos cais portuários, caso estes estejam disponíveis.
- O movimento anual de iates visitantes no Porto do Funchal oscilou em torno de 3 a 4 centenas de embarcações entre 2002 e 2015, enquanto o número de mega-iates que escalou o Porto do Funchal nos últimos anos tem vindo a crescer lentamente, atingindo cerca de 3 dezenas de embarcações anualmente.
- A larga maioria dos mega-iates que escalaram o Porto do Funchal nos últimos 3 anos tem origem nas Caraíbas e destino Gibraltar, permanecendo em média pouco mais de um dia no Funchal. Cerca de metade das escalas de mega-iates concentra-se nos meses de abril e maio.

Análise SWOT

De forma a se identificarem os elementos chave envolvidos nas atividades turística, desportiva e recreativa ligadas ao recurso mar, com vista a se criar o referencial para estabelecimento de prioridades e tomada de decisões estratégicas, elaborou-se a seguinte análise SWOT:

– PONTOS FORTES –

Destino turístico / Cenário

- **Fatores naturais excepcionais e diferenciadores** – bom clima, boa temperatura da água do mar, zonas de ventos durante todo o ano e zonas de calma, zonas costeiras com condições de mar mais agitadas e zonas mais tranquilas, águas do mar límpidas com excelente visibilidade, ecossistema marinho rico e diversificado, e peixe fresco de elevada qualidade como fator de animação gastronómica.
- **Cultura de turismo bem amadurecida** na Região quer do ponto de vista social quer territorial.
- **Rede de áreas marinhas no âmbito da conservação da natureza**, abrangendo a totalidade das ilhas do arquipélago e funcionando com fator de atração e garantia de qualidade.

Atividade marítimo-turística

- **Empreendedorismo a nível da atividade marítimo-turística** como ilustra o crescimento da frota afeta ao exercício desta atividade nos últimos anos, mesmo em conjuntura económica desfavorável.
- Frota afeta ao exercício da atividade marítimo-turística composta por **embarcações de diferentes tipos** (catamarãs, veleiros, semirrígidos, etc.) e **de construção relativamente recente**, oferecendo experiências de navegação variadas.
- **Oferta diversificada de produtos**: observação de vertebrados marinhos, passeios de barco junto á costa, passeios noturnos, contemplação do pôr-do-sol, restaurante flutuante e viagens às ilhas Desertas e Selvagens

Náutica de recreio (desporto, recreio, lazer)

- **Existência de várias Marinas e Portos de Recreio** oferecendo em conjunto cerca de 1.100 lugares de estacionamento em flutuação.
- **Outras infraestruturas de acesso ao mar** beneficiando a totalidade dos concelhos da Região, excetuando o concelho de Santana.
- Existência de **clubes e associações** relevantes dotados de estruturas de **apoio à prática de desportos náuticos** como a Associação Regional de Vela da Madeira, a Associação Regional de Canoagem da Madeira, a Associação Náutica da Madeira, o Clube Naval do Funchal, o Centro Treino Mar e o late Clube de Santa Cruz.

Escala de navios de cruzeiro, mega-iates e iates

REVISÃO DO PROGRAMA DE ORDENAMENTO TURÍSTICO DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Governo Regional

Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura

- **Escalas consolidadas de navios de cruzeiro, mega-iates e iates**, traduzindo-se num importante afluxo e visitantes à cidade do Funchal e ao Porto Santo.

– PONTOS FRACOS –

Destino turístico / Cenário

- Elevada dependência do **mercado externo**
- Promoção da Região a nível externo (mercados tradicionais e emergentes) **dirigida especificamente às atividades turística, desportiva e recreativa com ligação ao mar** iniciada apenas recentemente

Atividade marítimo-turística

- Excessiva **concentração de operadores** marítimo-turísticos na Marina do Funchal.
- **Dificuldades na alagem de embarcações do tipo catamarã** para ações de reparação e manutenção nos estaleiros navais.

Náutica de recreio (desporto, recreio, lazer)

- **Inexistência de infraestruturas de apoio à náutica de recreio, dotadas de serviços mínimos, na costa norte da ilha da Madeira**, com a oferta a gravitar ao longo do eixo Calheta – Ponta de S. Lourenço na costa sul, não tendo ainda sido concretizada a rede de estações náuticas para circunavegação da ilha da Madeira.
- **Informação de base (dados estatísticos fidedignos, estudos) muito limitada** sobre o sector, impedindo uma análise clara da realidade e dificultando o estabelecimento de uma visão estratégica no sector.

Pesca costeira

- **Redução significativa da atividade ao longo dos últimos anos**, quer em volume de descargas para venda em lota quer em rendimento proporcionado, quer ainda marcada pelo abandono da atividade pelos pescadores locais, implicando uma diminuição do leque da oferta gastronómica da Região, sobretudo à custa de um produto muito valorizado – o peixe fresco.

Escala de navios de cruzeiro, mega-iates e iates

- Marcada **sazonalidade das escalas de navios de cruzeiro**, concentrando-se em dois períodos: Março-Abril, com 27% das escalas, e Outubro-Dezembro, com 41% das escalas.

- Restrições a nível dos postos de acostagem traduzidas em **cais insuficientes para navios de grande porte**.
- Marcada **sazonalidade das escalas de mega-iates**, concentrando-se cerca de 50% das escalas nos meses de abril e maio.
- Constrangimentos na Marina do Funchal ao nível de **infraestruturas de apoio a mega-iates**, nomeadamente no que respeita às condições de acostagem, implicando a utilização dos cais portuários, quando disponíveis, e, portanto, tornando-se menos atrativa para as embarcações visitantes.

– OPORTUNIDADES –

Destino turístico / Cenário

- Destaque da importância dos **sectores da náutica de recreio e da escala de navios de cruzeiro** para o desenvolvimento turístico do país nos principais **documentos estratégicos nas temáticas do turismo e do Mar** (PENT; ENM; ENGIZC), contribuindo para promover o ambiente propício ao investimento nestes sectores.
- Desenvolver o **turismo de desporto e o turismo náutico** na RAM, em complemento aos produtos turísticos tradicionais, promovendo internacionalmente o seu potencial.

Atividade marítimo-turística

- Tendência de **crescimento da procura de atividades marítimo-turísticas**, sobretudo nas modalidades observação de vertebrados marinhos e passeios de barco, acompanhando o crescimento do número de turistas que visitam a Região.

Náutica de recreio (desporto, recreio, lazer)

- Região do território nacional com **maior percentagem de jovens desportistas**, garante importante para dinamizar a atividade desportiva e suportar os clubes e associações.
- Desenvolvimento de atividades desportivas ligadas ao mar promovidas **por associações e clubes muito dinâmicos, proactivos e dotados de um corpo técnico credenciado e atualizado**, sobretudo a nível de modalidades como a vela e a canoagem.
- Desenvolvimento do **Turismo de Desporto** assente na **vela e canoagem**.
- Desenvolvimento do **Turismo Náutico** apoiado em modalidades como o surf, o *stand up paddle* e o mergulho recreativo.

REVISÃO DO PROGRAMA DE ORDENAMENTO TURÍSTICO DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Governo Regional

Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura

- Criação de um **sector de recreio náutico no Porto de Porto de Moniz** dotado dos apoios apropriados, contribuindo para concretizar a rede regional de estações náuticas.
- Desenvolvimento de **serviços especializados na manutenção e reparação naval** em apoio à frota (residente e visitante) da náutica de recreio.

Pesca costeira

- Promover a animação gastronómica com base no **pescado fresco**.

Escala de navios de cruzeiro, mega-iates e iates

- **Captar novas linhas de navios de cruzeiro** conjugando a tendência global de crescimento do número de passageiros para o próximo quinquénio, conforme previsão do Cruise Market Watch, com a construção dos novos cais para navios de cruzeiro contemplados na revisão do Plano Diretor do Porto do Funchal.
- **Aumentar o número de escalas de iates e mega-iates** com a beneficiação em curso no Porto do Funchal.

– AMEAÇAS –

Destino turístico / Cenário

- Risco de **degradação da qualidade ambiental** do destino Madeira, designadamente ao nível da gestão de resíduos, qualidade do ar no Funchal e produção de sedimentos com origem em obras e depósitos de terras.
- **Emergência e desenvolvimento de outras regiões concorrentes**, tanto a nível nacional como internacional, que oferecem produtos similares no âmbito do turismo náutico, do turismo desportivo e da escala de navios de cruzeiros turísticos.
- Forte imagem da Região como destino rico em paisagens (o relevo, a laurisilva), de clima excelente, gentes hospitaleiras, o mundo rural, as levadas e a praia de Porto Santo, que **leva à falta de sensibilização de determinados mercados para os produtos ligados ao mar** que a Região também oferece com elevado nível de qualidade.

Atividade marítimo-turística

- **Abastecimento** de combustível das embarcações MT, com gásóleo colorido, apenas no Porto do Funchal, podendo comprometer a competitividade/viabilidade das empresas MT sedeadas noutros portos.

Náutica de recreio (desporto, recreio, lazer)

REVISÃO DO PROGRAMA DE ORDENAMENTO TURÍSTICO DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Governo Regional

Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura

- Redução da **taxa de recrutamento de jovens para prática de desportos náuticos**, podendo condicionar o potencial de desenvolvimento do turismo desportivo e náutico.
- **Registo de embarcações da náutica de recreio na RAM em queda** acentuada nos últimos anos.

Pesca costeira

- Perda de importância do **recurso “peixe fresco” como fator de animação** gastronómica em consequência do risco de desaparecimento da tradição da pesca na Região, relegando o sector para um nível de atividade residual.

Escala de navios de cruzeiro

- **Concorrência de novos circuitos de cruzeiros turísticos** levando a uma estagnação no número de escalas e de passageiros no Funchal.
- **Abrandamento nas campanhas internacionais de divulgação** promoção e marketing junto dos operadores para manutenção e captação de novas linhas de navios de cruzeiro para a Madeira.

5. AEROPORTOS E ACESSIBILIDADES AEROPORTUÁRIAS À REGIÃO E MOBILIDADE INTER-ILHAS

5.1. AEROPORTOS

5.1.1. Aeroporto Internacional do Funchal

O Aeroporto da Madeira foi inaugurado a 8 de Julho de 1964, com a denominação de Aeroporto do Funchal, tendo na altura uma pista com um comprimento total de 1 600 metros. Atualmente a pista tem um comprimento de 2 781 metros, após terem sido acrescentados 3 400 000 m³ de aterro sob parte da nova Pista, e feitos 180 pilares com diâmetro de 3 metros e altura máxima de 50 metros, assentes em fundações que atingem na maior profundidade os 70 metros.

Esta obra, com um custo total estimado de mais de 500 milhões de Euros, foi comparticipada pela União Europeia. O Aeroporto encontra-se preparado para receber qualquer tipo de avião, o que não acontecia no passado.



COI

112

Características do Aeroporto da Madeira:

- Capacidade de Tráfego atual (Passageiros/ano): 3,5 milhões
- Comprimento da pista: 2 781 m
- Plataforma de estacionamento de aeronaves (nº lugares): 15
- N.º Portas de embarque: 16

Um dos aspetos mais importantes num destino insular como a Madeira e Porto Santo, prende-se com a capacidade de tráfego aeroportuário. Esta capacidade máxima, estabelecida em 3,5 milhões foi, à data da realização do POT, ponderada segundo a hipótese de carga máxima. As 3 hipóteses apontavam, para: H1 – 35.280 pax/semana; H2 – 70.560 pax/semana; e H3 – 105.840 pax/semana.

Analisando nos capítulos seguintes o tráfego atual da Madeira, verifica-se que mesmo no mês com maior número de passageiros (Em Agosto de 2015 registou-se cerca de 155.000 passageiros desembarcados) a Hipótese 1 é ligeiramente ultrapassada com uma média de 38.750 passageiros desembarcados por semana, no entanto a Hipótese 2 fica longe de ser alcançada. Estima-se pois que, à semelhança de 2000, a capacidade do aeroporto não será um entrave ao desenvolvimento turístico da Madeira e da RAM.

5.1.2. Aeroporto Internacional do Porto Santo

A ilha do Porto Santo foi a primeira da Região Autónoma da Madeira a dispor de uma infraestrutura aeroportuária, tendo sido inaugurada em 1960 com uma pista de 2.000 m.

No final da década de 80 iniciam-se os trabalhos de modernização da estrutura, sendo concluídos em 1995 com um aumento da pista para 3.000 metros de comprimento e a inauguração de um novo terminal de passageiros. O Aeroporto encontra-se assim preparado para receber qualquer tipo de aeronave. Trata-se de um Aeroporto que serve primeiramente os habitantes da ilha e secundariamente e nas épocas de Páscoa e Verão turistas (maioritariamente nacionais) com motivação de sol e mar, transportados essencialmente em voos *charters*.



Características do Aeroporto do Porto Santo:

- Capacidade de tráfego atual: 10 movimentos / hora
- Comprimento da pista: 3 000 m
- Plataforma de estacionamento de aeronaves (nº lugares): 7
- Área coberta do edifício terminal: 17 570 m²

5.2. MOBILIDADE INTER-ILHAS

A ligação aérea entre as Ilhas do Porto Santo e da Madeira apresenta desde sempre várias dificuldades, destacando-se:

- Curta distância entre os destinos (12 minutos de voo), implicando custo por minuto voado muito elevados, derivado do forte peso da componente fixa da operação;
- Reduzida população residente no Porto Santo (cerca de 5.000 pessoas), bem como elevada sazonalidade turística do destino (Verão e fins de semana) geram um movimento reduzido na linha entre Funchal e Porto Santo; e
- Forte concorrência do transporte marítimo com preços muito inferiores aos praticados no transporte aéreo.

Consequentemente, trata-se de uma linha economicamente complexa, a qual tem sido alvo de subsídios no âmbito das Obrigações de Serviço Público. Assim nos últimos seis anos, quatro diferentes companhias aéreas operaram a rota: primeiro a TAP, depois a Aerocondor, seguiu-se a Sata e finalmente a Aerovip, a qual assegura desde o início de 2014, a ligação aérea entre as ilhas da Madeira e do Porto Santo. Verifica-se que a diminuição de ligações aéreas e capacidade dos aviões, levaram a um forte decréscimo do número de passageiros principalmente entre 2010 e 2013 (decréscimos da ordem dos -20%), tendo apenas recuperado em 2015 com um crescimento de 18%

Em Maio de 2014 foi assinado um contracto de 3 anos para efetuar as ligações aéreas entre as ilhas do Porto Santo e da Madeira, em regime de concessão de serviço público. No próximo ano será feita nova contratualização para assegurar esta linha aérea.

Foi recentemente criado um subsídio de mobilidade para o Porto Santo para passageiros residentes e equiparados na ilha da Madeira, que realizem a viagem ao Porto Santo com exceção dos meses de

REVISÃO DO PROGRAMA DE ORDENAMENTO TURÍSTICO DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Governo Regional

Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura

julho, agosto e setembro. Uma viagem de ida e volta poderá custar entre os 4€ (bebé) e os 25€ (adulto). Este programa poderá contribuir para o aumento da procura doméstica no Porto Santo.

5.3. ACESSIBILIDADES AÉREAS À REGIÃO

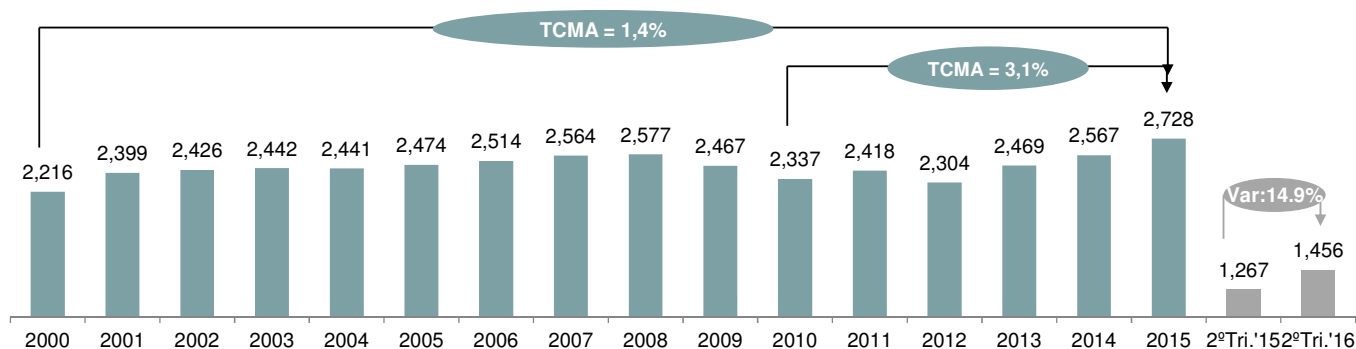
A acessibilidade aérea à Região Autónoma da Madeira (RAM) constitui um dos aspetos críticos ao desenvolvimento do turismo na região.

De uma forma global, entre 2000 e 2015, os aeroportos da RAM registaram um crescimento médio anual pouco significativo (1,4%) quanto ao fluxo total de passageiros contando em 2015 com cerca de 2,728 milhões de passageiros. Neste período, destacam-se duas situações específicas: 1) forte instabilidade entre os anos de 2008 e 2012, marcado por quebras muito pronunciadas, sobretudo em 2009 e 2010 (derivadas do pico da crise económica europeia e das cheias atípicas na Madeira) e 2) pelo crescimento dos últimos anos (crescimento médio anual de 3,1% desde 2012 até 2015) evidenciando uma recuperação bastante positiva.

Dados até ao 2º trimestre de 2016, revelam já um aumento de 15% no fluxo de passageiros nos aeroportos da RAM, face a igual período do ano de 2015.

FIGURA 5.3.1. – EVOLUÇÃO DO FLUXO DE PASSAGEIROS NOS AEROPORTOS DA RAM

(2000-2015; 2º Trimestre de 2015 e de 2016; milhões de passageiros)



Fonte: DRE – Direção Regional de Estatística da Madeira

Nota: A variação anual de 2015 para 2016, calculou-se com base no crescimento de Janeiro a Junho de 2016, face ao período homólogo de 2015.

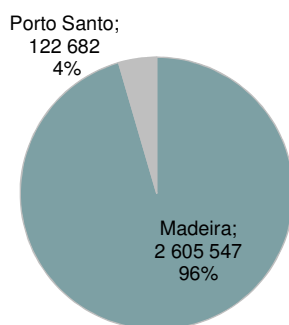
FIGURA 5.3.2. – DISTRIBUIÇÃO DO FLUXO DE PASSAGEIROS POR AEROPORTO DA RAM

(2015; % total de passageiros)

REVISÃO DO PROGRAMA DE ORDENAMENTO TURÍSTICO DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Governo Regional

Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura

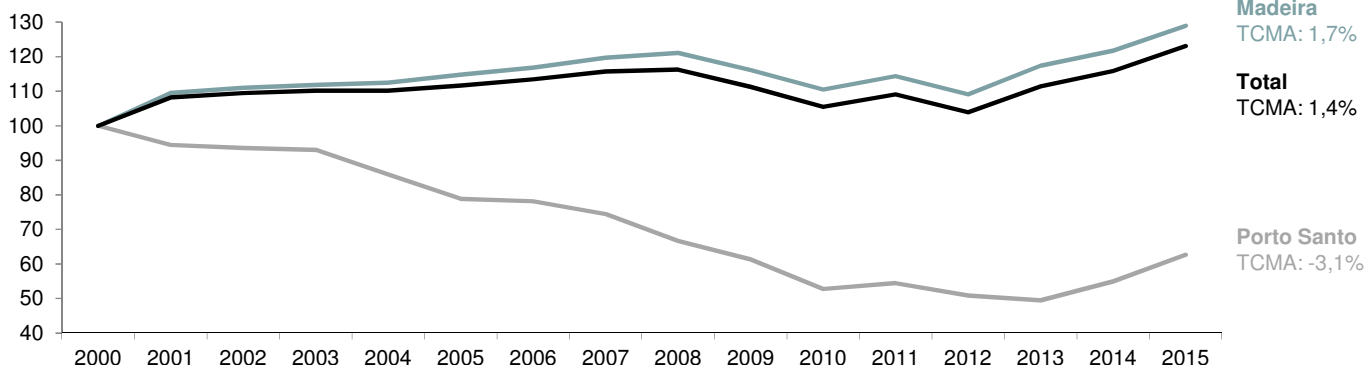


Fonte: DRE – Direção Regional de Estatística da Madeira

Em termos de distribuição por Aeroportos, verifica-se que o Aeroporto da Madeira é o que detém maior quota de procura com 96% do total, contabilizando cerca de 2,61 milhões de passageiros.

O Aeroporto da Madeira registou um crescimento médio anual do tráfego de passageiros positivo (1,7%) nos últimos 15 anos, apesar do seu comportamento menos regular entre 2008 e 2012, claramente justificável pela crise económica nacional e europeia.

GRÁFICO 5.3.3. – EVOLUÇÃO DO FLUXO DE PASSAGEIROS NA RAM POR AEROPORTO
(2000-2015; 2000=100; % total de passageiros)



Fonte: DRE – Direção Regional de Estatística da Madeira

Por sua vez, o Aeroporto do Porto Santo registou um decréscimo, significativo e constante até 2013, tendo nos últimos 2 anos contrariado esse comportamento com crescimentos anuais na ordem dos 11% e dos 14% (2014 e 2015 respetivamente). Ainda assim, de 2000 a 2015, o Aeroporto de Porto Santo apresenta uma taxa de crescimento médio anual negativa, na ordem dos -3,1%. Atualmente o Aeroporto do Porto Santo tem um total de 123 mil passageiros.

Dados de 2016, dão conta que o Aeroporto da Madeira recebeu já mais 14% de passageiros de Janeiro a Junho de 2016, comparando com o período homólogo de 2015, e em Porto Santo esse crescimento também se verifica, na ordem dos 42%.

REVISÃO DO PROGRAMA DE ORDENAMENTO TURÍSTICO DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Governo Regional

Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura

Os Aeroportos da RAM registaram (e registam) em 2016 uma variação positiva do nº de voos semanais (+62 voos do que em 2015 repartidos entre Verão e Inverno) sendo que os principais mercados que contribuíram para este aumento foram Portugal (mais 15 voos no Inverno de 2016 do que no Inverno de 2015 e mais 2 no Verão), o Reino Unido (mais 8 voos no Verão e outros 8 no Inverno) e a Alemanha (mais 14 ligações sendo 9 no Verão).

REVISÃO DO PROGRAMA DE ORDENAMENTO TURÍSTICO DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Governo Regional

Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura

QUADRO 5.3.4. – Nº DE LIGAÇÕES SEMANAIS POR PAIS DE ORIGEM

(2015-2016; nº de voos semanais)

	Verão 2015		Verão 2016		Inverno 2015/16		Inverno 2016/17		Variação Verão	Variação Inverno	Variação Total
	(N/Reg)	(Reg)	(N/Reg)	(Reg)	(N/Reg)	(Reg)	(N/Reg)	(Reg)			
Áustria	-	3	-	2	-	2	-	2	-1	0	-1
Bélgica	2	2	2	2	1	1	1	1	0	0	0
República Checa	1	-	-	2	-	-	-	-	1	0	1
Dinamarca	1	-	1	-	3	1	4	1	0	1	1
Estónia	-	-	-	-	-	-	-	-	0	0	0
Finlândia	2	-	2	-	2	-	3	-	0	1	1
França	9	14	12	15	1	9	1	11	4	2	6
Alemanha	-	20	-	29	1	27	1	32	9	5	14
Irlanda	1	-	1	-	-	-	-	-	0	0	0
Letónia	-	-	-	-	1	-	-	-	0	-1	-1
Lituânia	-	-	-	-	1	-	-	-	0	-1	-1
Luxemburgo	-	1	-	2	-	1	-	1	1	0	1
Holanda	-	4	-	6	-	2	-	3	2	1	3
Noruega	1	-	1	-	-	1	-	1	0	0	0
Polónia	5	-	6	-	1	-	3	-	1	2	3
Portugal	-	125	-	127	-	86	-	101	2	15	17
Rússia	1	-	-	-	-	-	-	-	-1	0	-1
Eslováquia	-	-	-	-	-	-	-	-	0	0	0
Espanha	-	24	2	22	-	2	-	2	0	0	0
Suécia	-	-	2	-	4	-	4	-	2	0	2
Suíça	-	5	-	5	-	3	-	6	0	3	3
Reino Unido	8	28	10	34	6	28	8	34	8	8	16
Venezuela	-	1	-	-	-	-	-	-	-1	0	-1
TOTAL	27	222	36	240	17	159	20	191			
Total N/Reg e Reg	249		276		176		211		27	35	62

Fonte: ANAM – Aeroportos da Madeira

Analisando os mercados que perderam ligações semanais, verifica-se que a Áustria, a Rússia e a Venezuela perderam 1 ligação cada uma na época de Verão, enquanto a Letónia e a Lituânia perderam uma ligação cada uma na época de Inverno.

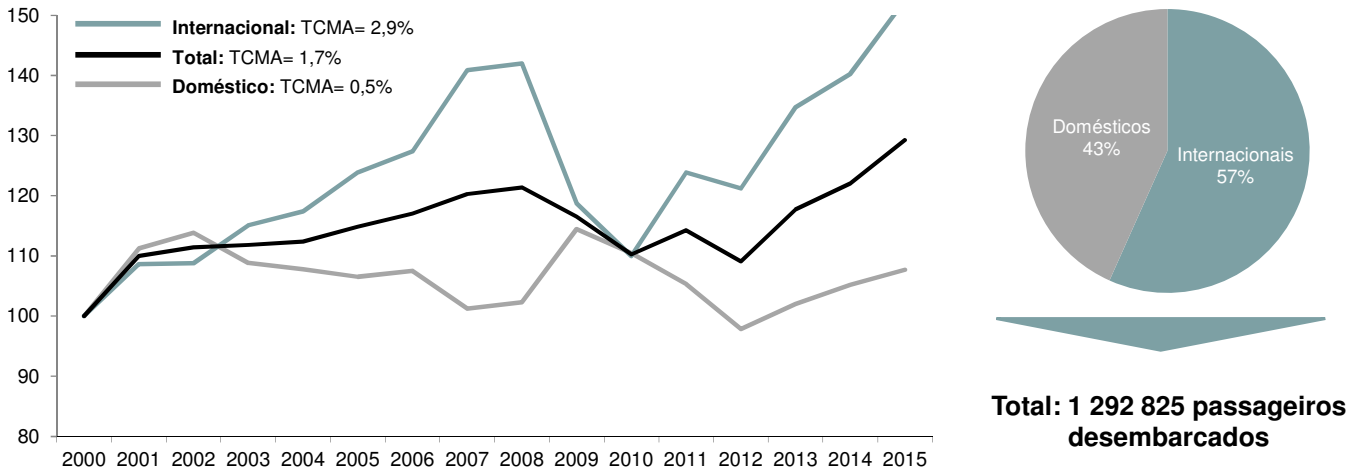
Analisando a origem dos voos, verifica-se que os voos internacionais são os mais representativos no Aeroporto da Madeira (57% do total de passageiros desembarcados) e os que mais têm crescido em comparação com os voos nacionais (2,9% vs. 0,5%). O Aeroporto da Madeira contou em 2013 com quase 1,3 milhões de passageiros desembarcados.

REVISÃO DO PROGRAMA DE ORDENAMENTO TURÍSTICO DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Governo Regional

Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura

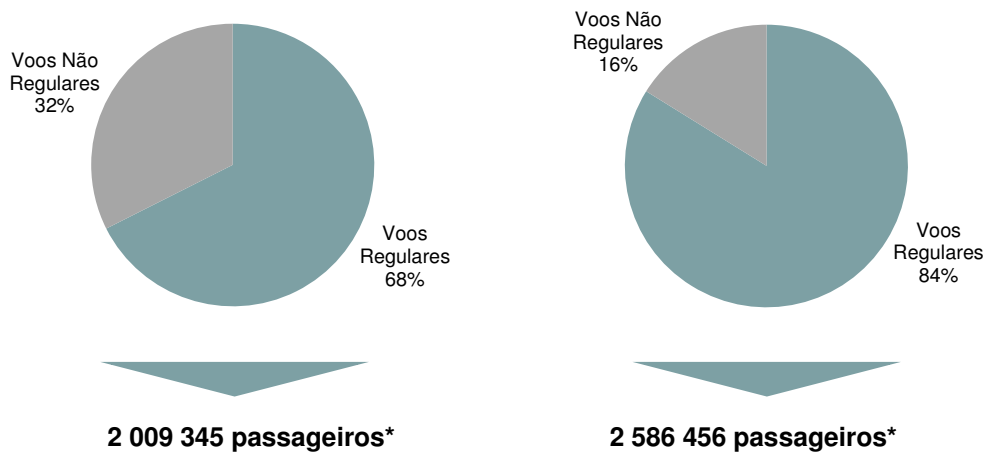
GRÁFICO E FIGURA 5.3.5. – EVOLUÇÃO DO FLUXO DE PASSAGEIROS DESEMBARCADOS NO AEROPORTO DA MADEIRA POR ORIGEM DE VOO
(2000-2015; 2000=100; 2015; % de passageiros desembarcados)



Fonte: DRE – Direção Regional de Estatística da Madeira

Apesar das quebras sofridas entre os anos de 2008 a 2010, os voos internacionais continuam a ser os mais relevantes e os que conseguiram recuperar mais rapidamente. Foi também, no período pré-crise, o que evidenciava uma maior capacidade de crescimento com taxas médias mais elevadas do que os voos domésticos. Desde 2012, ambas as origens apresentam crescimentos positivos.

FIGURA 5.3.6. – MOVIMENTO DE PASSAGEIROS NO AEROPORTO DA MADEIRA SEGUNDO A NATUREZA DO VOO
(2000; 2015; % passageiros segundo natureza do voo)



Fonte: DRE – Direção Regional de Estatística da Madeira

* Os valores diferem do total anteriormente apresentado devido à não inclusão dos passageiros em trânsito

Verifica-se uma alteração pronunciada na tipologia de voo operada no Aeroporto da Madeira, com a perda de importância relativa dos voos não regulares de 32% do total em 2000 para 16% em 2015 e um aumento da representatividade dos voos regulares de 68% em 2000 para 84% em 2015, com os

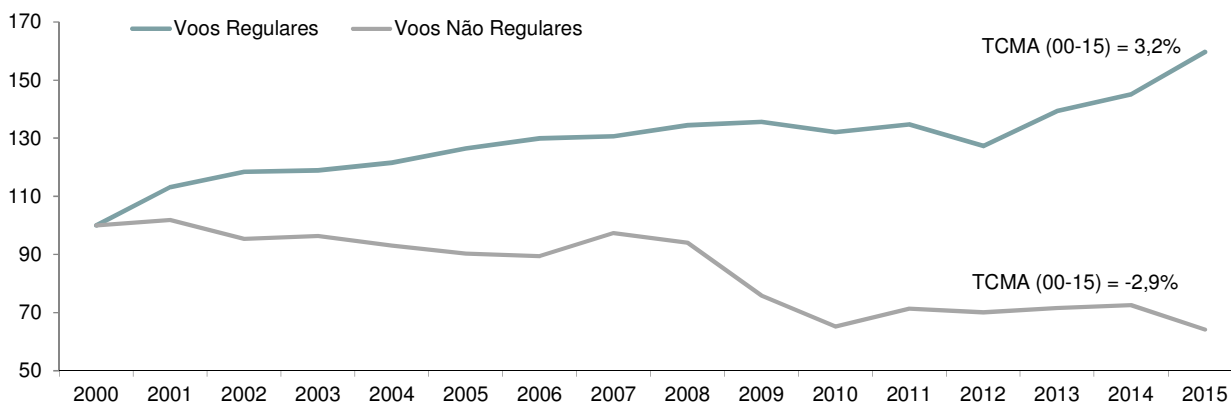
REVISÃO DO PROGRAMA DE ORDENAMENTO TURÍSTICO DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Governo Regional

Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura

últimos a apresentar um crescimento médio anual na ordem dos 3,2%, acompanhando a tendência de perda de importância da Tour Operation. No entanto é necessário ter em conta que vários lugares em voos regulares são vendidos aos Operadores Turísticos.

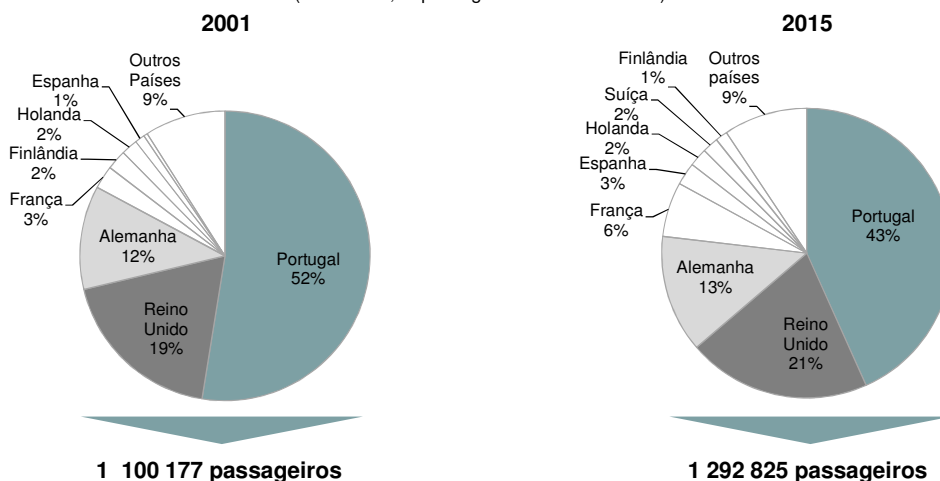
GRÁFICO 5.3.7. – EVOLUÇÃO DO MOVIMENTO DE PASSAGEIROS NO AEROPORTO DA MADEIRA, SEGUNDO A NATUREZA DO VOO
(2000-2015; % passageiros)



Fonte: DRE – Direção Regional de Estatística da Madeira

Ao nível da distribuição dos passageiros por país do aeroporto de origem do voo nos anos de 2001 e 2015, verifica-se que Portugal, sendo o mais representativo no Aeroporto da Madeira em 2001 tem vindo a perder quota nos últimos 14 anos devido ao crescimento de outros mercados como França, Espanha e Suíça.

FIGURA 5.3.8. – PASSAGEIROS DESEMBARCADOS, SEGUNDO O PAÍS DO AEROPORTO DE PROVENIÊNCIA
(2001-2015; % passageiros desembarcados)



Fonte: DRE – Direção Regional de Estatística da Madeira

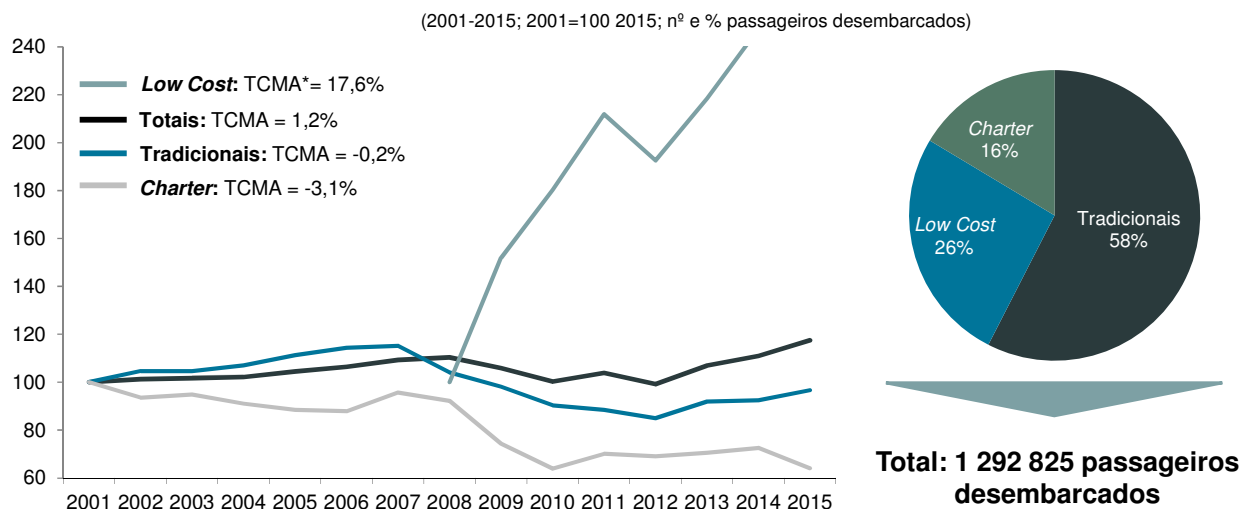
O Aeroporto da Madeira registou um crescimento positivo, de 2001 a 2015, no total de passageiros desembarcados (1,2%), tendo para tal contribuído desde 2008 o aparecimento dos voos *Low Cost*.

REVISÃO DO PROGRAMA DE ORDENAMENTO TURÍSTICO DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Governo Regional

Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura

GRÁFICO E FIGURA 5.3.9. – EVOLUÇÃO DO Nº DE PASSAGEIROS DESEMBARCADOS NA MADEIRA POR TIPO DE VOO



Fonte: ANAM – Aeroportos da Madeira;

* TCMA dos passageiros em *low cost* para o período de 2008 a 2015 (voos *low cost* na Madeira iniciaram-se em 2008)

Nota: Quadros apenas contemplam dados a partir do ano de 2001, por falta de informação relativa ao ano de 2000.

De 2008 até 2013, esta categoria de voos obteve um crescimento acentuado e praticamente contínuo acima de 17 pontos percentuais. Por oposição tem-se assistido a um decréscimo dos voos tradicionais (-0,2%), apesar da ligeira recuperação iniciada em 2012. Os voos *Charter* registaram também, no período analisado, um decréscimo do número de passageiros desembarcados, tendo a partir de 2010 evidenciado um período de estagnação até 2015 onde decresceram de novo. No que toca à distribuição de 2015, é ainda notória a predominância de voos tradicionais (58%), o crescimento da representatividade dos passageiros desembarcados em voos *low cost*, em 2015 com 26% e os voos *charter* com apenas 16%.

Ao nível da distribuição de passageiros no Aeroporto de Porto Santo, verifica-se que os voos domésticos têm a maior quota em Porto Santo (com 57% do total de passageiros desembarcados).

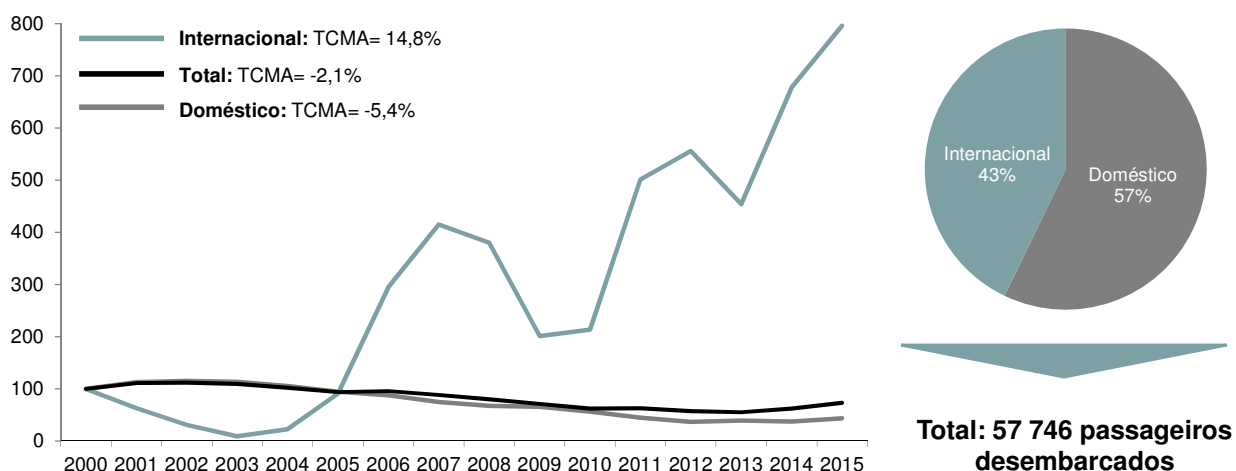
REVISÃO DO PROGRAMA DE ORDENAMENTO TURÍSTICO DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Governo Regional

Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura

GRÁFICO E FIGURA 5.3.10. – EVOLUÇÃO DO FLUXO DE PASSAGEIROS DESEMBARCADOS NO AEROPORTO DO PORTO SANTO POR ORIGEM DE VOO

(2000-2015; 2000=100; 2015; nº e % de passageiros desembarcados)



Fonte: DRE – Direção Regional de Estatística da Madeira

O tráfego de passageiros em Porto Santo apresenta um crescimento negativo desde 2000 (-2,1%) sendo o principal influenciador a taxa de crescimento também negativa dos voos domésticos (-5,4%). Os voos internacionais, que apresentam grandes oscilações, apresentam por outro lado uma taxa de crescimento positiva, na ordem dos 14,8% ao ano. As grandes oscilações relacionam-se com o facto de proporcionalmente o número absoluto de passageiros de operações internacionais ser reduzido, o que, havendo num determinado ano uma redução, ainda que ligeira, do número de operações internacionais, a variação percentual relativamente ao ano base é muito grande. Resultados do ano de 2016 revelam que o número de passageiros desembarcados de Janeiro a Outubro de 2016, já é superior ao total de passageiros desembarcados no ano de 2015, resultado de operações charter com unidades hoteleiras específicas.

Ao nível do movimento de passageiros por tipologia de voo em Porto Santo, e contrariamente ao que acontece na Madeira, verifica-se atualmente uma predominância de voos não regulares, derivado do crescimento muito forte deste tipo de voos face à paralela redução dos voos denominados regulares. Em 2000 o peso dos voos não regulares era de 15%, tendo aumentado para 61% em 2015.

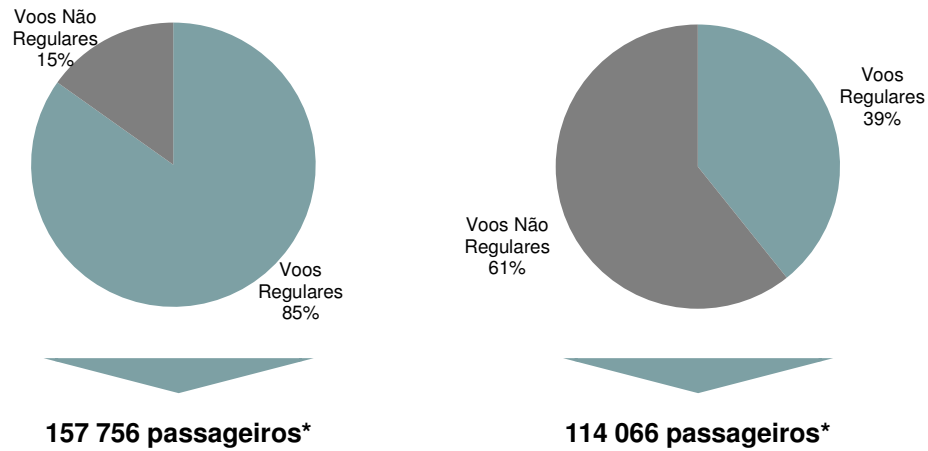
REVISÃO DO PROGRAMA DE ORDENAMENTO TURÍSTICO DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Governo Regional

Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura

FIGURA 5.3.11. – MOVIMENTO DE PASSAGEIROS NO AEROPORTO DO PORTO SANTO

(2000; 2015; % passageiros segundo natureza do voo)



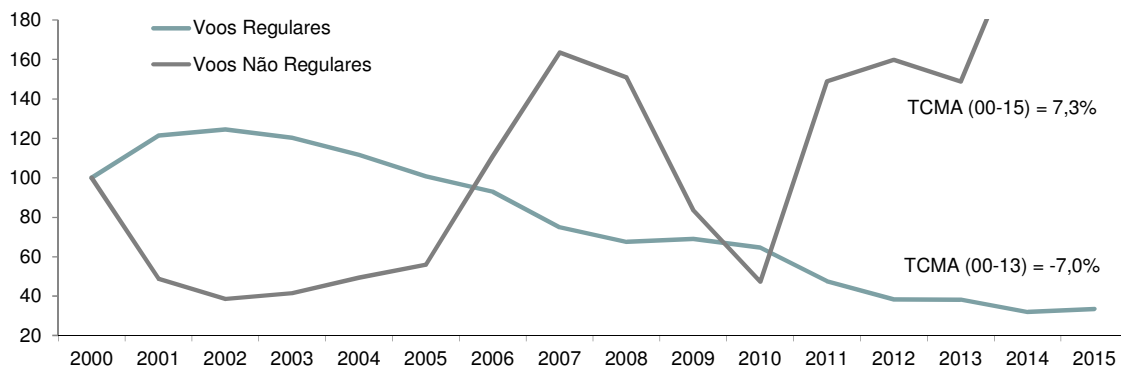
Fonte: DRE - Direção Regional de Estatística da Madeira

* O valor do total de passageiros difere devido à não inclusão dos passageiros em trânsito

Esta alteração não tem contudo sido permanente e constante como se pode ver no gráfico seguinte. Os voos regulares têm progressivamente perdido passageiros de forma gradual com pequenas oscilações. Por sua vez, os voos não regulares apresentam um crescimento médio anual positivo de 7,3% mas à semelhança dos voos internacionais e com as mesmas razões, com grandes oscilações.

GRÁFICO 5.3.12. – EVOLUÇÃO DO MOVIMENTO DE PASSAGEIROS NO AEROPORTO DO PORTO SANTO

(2000-2015; % de passageiros segundo a natureza do voo)



Fonte: DRE - Direção Regional de Estatística da Madeira

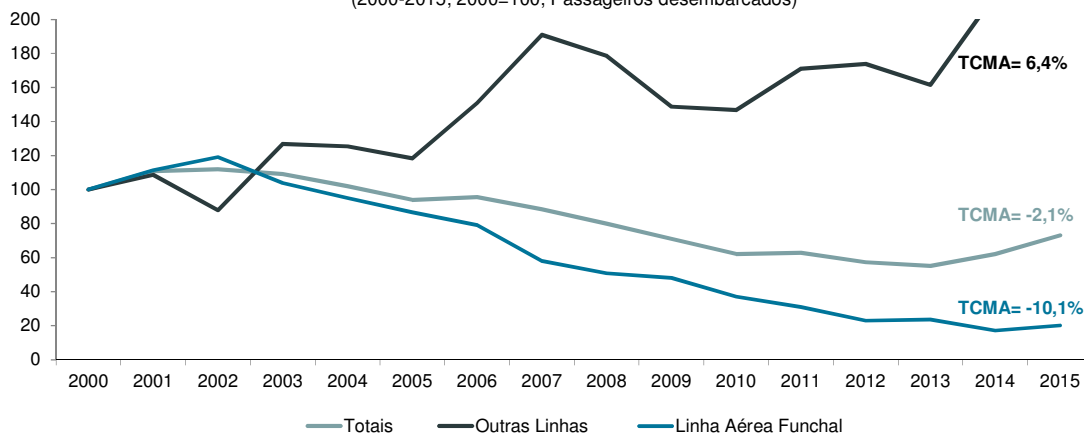
Entre o período de 2000 e 2015, o Aeroporto do Porto Santo registou um decréscimo de 2,1% do nº de passageiros desembarcados, contribuindo de forma negativa o decréscimo de 10,1% registado na ligação aérea entre o Aeroporto da Madeira e o Aeroporto de Porto Santo. Apesar de irregular, o desempenho realizado pelas “Outras Linhas Aéreas” foi positivo, na ordem dos 6,4%.

REVISÃO DO PROGRAMA DE ORDENAMENTO TURÍSTICO DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Governo Regional

Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura

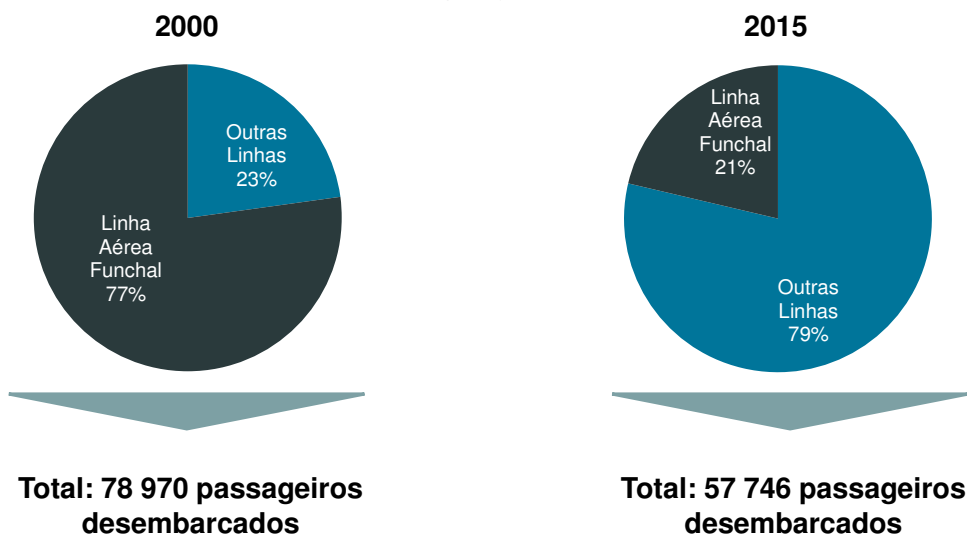
GRÁFICO E FIGURA 5.3.13. – EVOLUÇÃO DO Nº DE PASSAGEIROS DESEMBARCADOS NO PORTO SANTO POR LINHA AÉREA
(2000-2015; 2000=100; Passageiros desembarcados)



Fonte: ANAM – Aeroportos da Madeira

É notória a evolução de passageiros negativa registada no Aeroporto do Porto Santo nos últimos 15 anos (embora mostre alguma recuperação nos últimos 2), perdendo nesse período mais de 21 mil passageiros. Em 2000 a linha aérea do Funchal representava sensivelmente 80% do total de passageiros desembarcados, referente à linha aérea escolhida, tendo vindo sucessivamente a perder essa mesma quota de mercado, atingindo atualmente apenas 21%.

FIGURA 5.3.14. – PASSAGEIROS DESEMBARCADOS NO PORTO SANTO POR LINHA
(2000 e 2015; % de passageiros desembarcados)



Fonte: ANAM – Aeroportos da Madeira

É possível concluir que uma das razões para a perda de passageiros no Porto Santo se deveu ao fraco desempenho da ligação entre o Funchal e a Ilha. É necessário ter em consideração que não apenas o mercado doméstico Madeirense utilizava esta linha, como também alguns turistas que utilizavam o

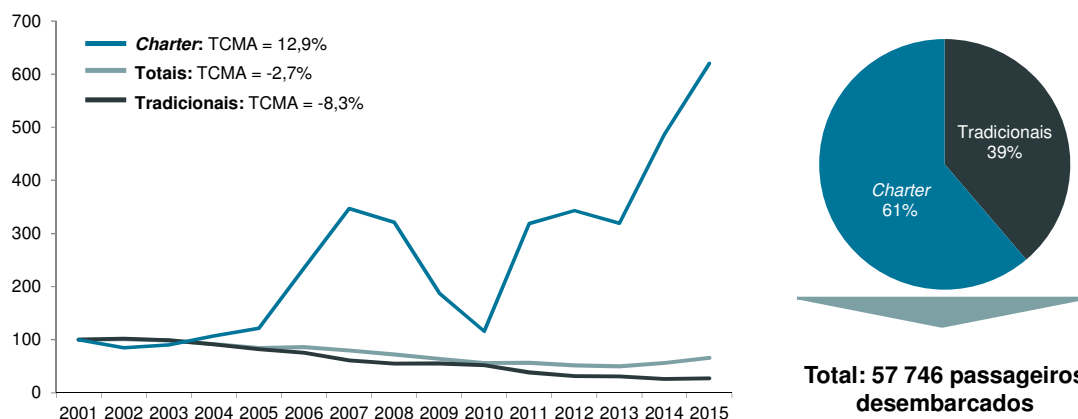
REVISÃO DO PROGRAMA DE ORDENAMENTO TURÍSTICO DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Governo Regional

Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura

Funchal para chegar ao Porto Santo, razões pelas quais esta perda da linha Madeira-Porto Santo tem um impacto muito significativo na indústria turística do Porto Santo.

GRÁFICO E FIGURA 5.3.15. – EVOLUÇÃO DO Nº DE PASSAGEIROS DESEMBARCADOS NO PORTO SANTO POR TIPO DE VOO
(2000 - 2015; 2000=100; 2015; % de passageiros desembarcados)



Fonte: ANAM – Aeroportos da Madeira

Considerando dados a partir de 2001, é possível perceber que os voos *charter* têm trazido mais turistas à ilha de Porto Santo, especialmente a partir de 2013 (crescimento médio anual de 39% de 2013 a 2015). Desde 2001, que o número de passageiros a desembarcar em Porto Santo através de *charters*, tem crescido a uma média anual de 12,9% e dados de 2016 revelam que o número de passageiros desembarcados de Janeiro a Outubro de 2016, é já 20% superior ao valor total de passageiros em 2015. Ainda assim, o crescimento de voos *charter* não é suficiente para suportar um crescimento médio positivo no aeroporto de Porto Santo (TCMA de -2,7%), fortemente prejudicado pela queda de passageiros em voos tradicionais (TCMA de -8,3%). Importa ainda assinalar a inexistência de voos tipo *low cost*.

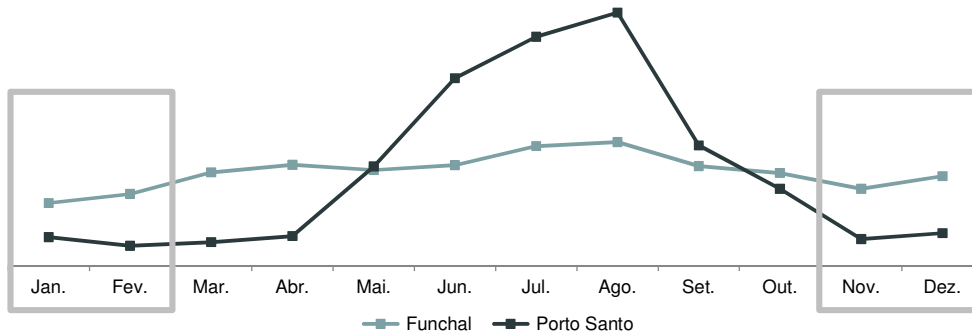
Em termos de sazonalidade de passageiros transportados nos dois aeroportos da RAM, verifica-se um efeito de maior concentração em Porto Santo. Analisando unicamente a concentração de passageiros nos meses de Inverno, verifica-se que o fenómeno é mais grave em Porto Santo com 10% do total de passageiros, contra os 27% de passageiros desembarcados na Madeira no mesmo período de Inverno.

REVISÃO DO PROGRAMA DE ORDENAMENTO TURÍSTICO DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Governo Regional

Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura

GRÁFICO 5.3.16. – SAZONALIDADE DA PROCURA NOS AEROPORTOS DA RAM
(2015; % de passageiros desembarcados)



Representatividade dos meses de janeiro, fevereiro, novembro e dezembro

Madeira
27% de passageiros desembarcados (345 103)

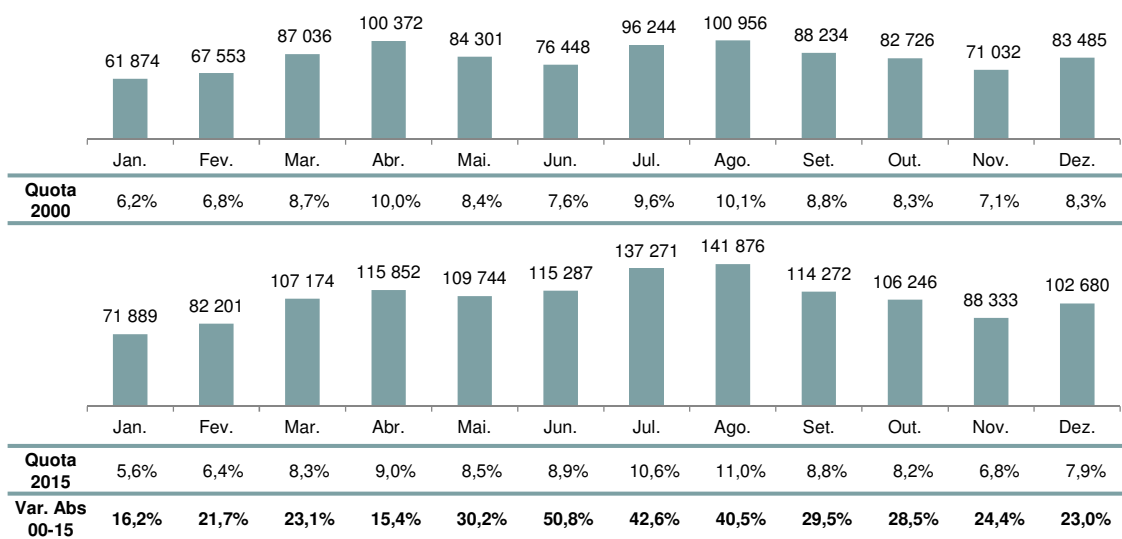
Porto Santo
10% de passageiros desembarcados (5 491)

	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Madeira	5,6%	6,4%	8,3%	9,0%	8,5%	8,9%	10,6%	11,0%	8,8%	8,2%	6,8%	7,9%
Porto Santo	2,5%	1,8%	2,1%	2,6%	8,8%	16,7%	20,3%	22,5%	10,7%	6,8%	2,3%	2,9%

Fonte: DRE - Direção Regional de Estatística da Madeira

No Aeroporto da Madeira, verifica-se um incremento da concentração dos passageiros desembarcados nos meses de Verão entre 2000 e 2015. Em conjunto, Junho, Julho e Agosto passam de uma concentração de 27,3% em 2000 para 30,5% em 2015. No entanto, é necessário analisar a variação absoluta por mês para se perceber que a sazonalidade se acentuou não devido à passagem de voos do Inverno para o Verão, mas devido a um maior crescimento do tráfego nos meses de Verão do que nos meses de Inverno. Ou seja, apesar do número total de passageiros aumentar cerca de 29% entre 2000 e 2015, verifica-se que nos meses de Verão, a variação absoluta de passageiros foi superior a 40%.

QUADRO 5.3.17. – SAZONALIDADE NO AEROPORTO DO FUNCHAL
(2000 vs. 2015; % e nº total de passageiros desembarcados)



Fonte: DRE - Direção Regional de Estatística da Madeira

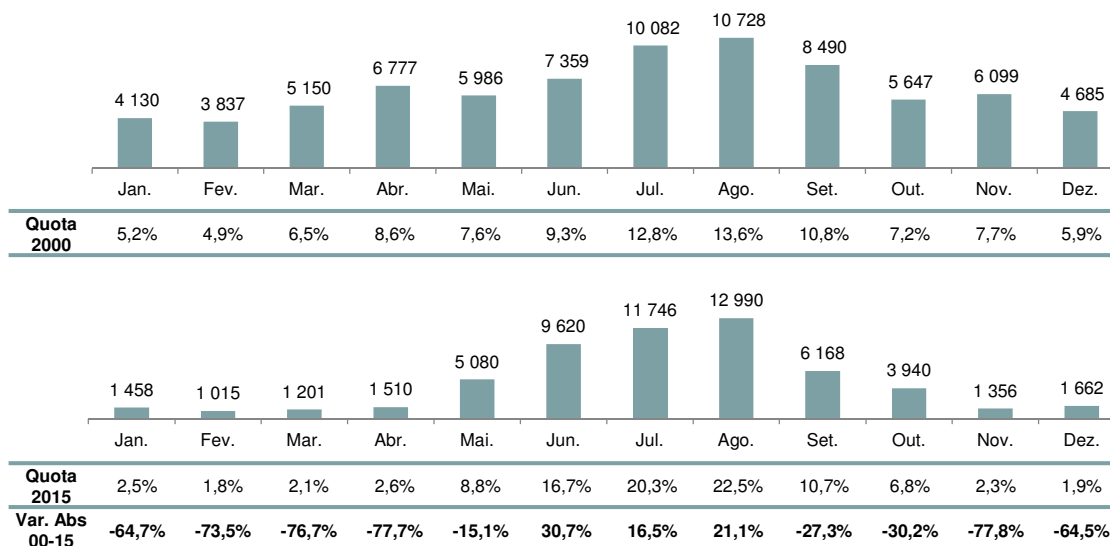
REVISÃO DO PROGRAMA DE ORDENAMENTO TURÍSTICO DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Governo Regional

Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura

No Aeroporto do Porto Santo, o fenómeno é exatamente inverso à Madeira. Assim, enquanto o destino perde, entre 2000 e 2015, 26,9% do número de passageiros transportados, é nos meses de Inverno que as reduções são mais acentuadas – a título de exemplo, Novembro perdeu cerca de 77,8% do número absoluto de passageiros desembarcados.

QUADRO 5.3.18 – SAZONALIDADE NO AEROPORTO DO PORTO SANTO
(2000 vs. 2015; % e nº total de passageiros desembarcados)



Fonte: DRE - Direção Regional de Estatística da Madeira

5.4. INQUÉRITO AOS TURISTAS NO AEROPORTO

A ANAM realiza regularmente inquéritos aos passageiros nos seus Aeroportos, evidenciando o perfil dos mesmos. Apresentam-se de seguida as principais características que se podem retirar destes instrumentos:

- Grande parte dos passageiros no aeroporto da Madeira são não residentes, embora dados anteriores revelassem um incremento do número de residentes, podendo concluir-se que se deve a fatores de emigração;
- Relativamente ao top das nacionalidades, 35% dos passageiros não residentes são portugueses seguidos dos alemães e dos britânicos com 17%;
- Cerca de 70% dos passageiros viajam em casal, sejam estes residentes ou não, mostrando que a Madeira se apresenta como um destino mais atrativo para este segmento. Há também um predomínio do segmento ativo embora seja de destacar o peso dos reformados;

- Os passageiros não residentes apresentam um peso elevado no segmento lazer, embora o segmento de residentes apresente um peso maior no segmento profissional e na motivação de visita a amigos e familiares;
- Constata-se que 4 em cada 3 não residentes usufruí de mais de um período de férias por ano na Madeira; e
- É notória a contínua capacidade de atração de novos turistas mas também a capacidade de fazer com que esses turistas voltem ao destino, sendo que do grupo dos não residentes, a maioria dos inquiridos pretende regressar à região.

5.5. ANÁLISE CRÍTICA AOS AEROPORTOS E ACESSIBILIDADE AEROPORTUÁRIA DA RAM

No que concerne à infraestrutura e acessibilidade aeroportuária, e com base na informação e dados recolhidos no trabalho de campo realizado (de forma transversal a todos os intervenientes do turismo da RAM) é possível identificar algumas notas de especial interesse:

- As infraestruturas aeroportuárias são consideradas, pela generalidade dos intervenientes, como boas para o desempenho da atividade;
- Apontam-se algumas lacunas ao Aeroporto do Porto Santo no que diz respeito aos serviços de apoio, especialmente de restauração e de acessibilidade ao centro da Ilha (dependência de *transfers*, custos elevados dos táxis, etc.);
- Os principais problemas levantados relacionam-se com a “escassez” de voos, especialmente no caso do Porto Santo;
- A escassez de voos / rotas está também ligada à limitação de acessibilidades alternativas à operação turística;
- Enquanto a “escassez” apontada, no caso da Madeira está relacionada com a diminuição de algumas rotas aéreas e alteração do tipo de voo (*charter, low cost, ...*) as quais criam desafios na estruturação do produto turístico nesta Ilha, o problema em Porto Santo é mais grave com a redução acentuada da capacidade de transporte de passageiros.